

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS

Compartilhar 68

GINÁSIO SANTA MARGARIDA:

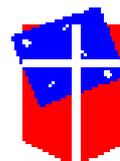
**UM ESTUDO SOBRE A GÊNESE E
A CONSOLIDAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR ANGLICANA DE ENSINO
NA CIDADE DE PELOTAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Alessandro Carvalho Bica

Pelotas, 2006

Dissertação defendida e aprovada, em 11 de abril de 2006



SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO

UM RELATO INICIAL

A SINGULARIDADE E A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DA PESQUISA

A METODOLOGIA E O TRABALHO COM AS FONTES

CAPÍTULO 1 - AS ORIGENS DA DOCTRINA E A CONSOLIDAÇÃO DO ANGLICANISMO

1.1. A IGREJA EPISCOPALANGLICANA

1.2. A MISSÃO ANGLICANA EM PELOTAS

1.3. AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES EPISCOPAIS ANGLICANAS

1.3.1. O Seminário Teológico

1.3.2. O Ginásio Cruzeiro do Sul

CAPÍTULO 2 - ENSINO LAICO E ENSINO RELIGIOSO: O CASO DO COMITÊ PRÓ-LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

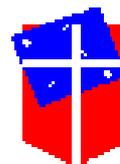
2.1. A CIDADE DE PELOTAS E O COMITÊ PRÓ-LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

CAPÍTULO 3 – O GINÁSIO SANTA MARGARIDA: UM PROJETO DE ENSINO, UM PROJETO DE VIDA

3.1. A CRIAÇÃO DO GINÁSIO SANTA MARGARIDA

3.2. AS PRÁTICAS ESCOLARES DO GINÁSIO SANTA MARGARIDA

3.3. OS MESTRES



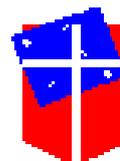
3.4. A LUTA PELA OFICIALIZAÇÃO DO GINÁSIO SANTA MARGARIDA

4. CONCLUSÃO

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RESUMO

O presente trabalho refere-se à dissertação de mestrado Ginásio Santa Margarida: Um estudo sobre a gênese e a consolidação de uma Instituição Escolar Anglicana de Ensino na cidade de Pelotas. Nele procurou-se desenvolver uma análise sobre as circunstâncias que desencadearam o processo da formação de uma instituição escolar anglicana na cidade de Pelotas, entre as décadas de 1930 e 1940. A escolha da temática tem como pressuposto, em primeiro lugar, historicizar as intenções anglicanas referentes à educação confessional e, em seguida, compreender o desenvolvimento do Ginásio como um espaço educativo e social, que procurou, em suas práticas pedagógicas, implementar um discurso teológico, cristão e confessional. Nesse sentido, foi preciso entender quais eram as intenções da educação feminina anglicana: como o cotidiano escolar foi capaz de moldar corpos e mentes; quais as relações entre os discursos e as práticas pedagógicas; como em uma Instituição Escolar é possível conciliar discursos pedagógicos com a ética confessional. Para tanto, esta pesquisa usou como metodologia a análise documental, considerando como documentos: jornais da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (*Estandarte Cristão*), panfletos de divulgação escolar, convites de formatura, atas de fundação da Escola, atas dos Concílios Anglicanos e outros materiais institucionais que narram peculiaridades da história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil e do Ginásio Santa Margarida, no transcorrer das décadas de 1930 e 1940 na cidade de Pelotas.



Palavras-chaves: História da Educação, História das Instituições Escolares, Ensino Religioso Anglicano.

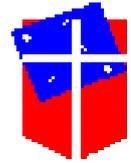
INTRODUÇÃO

UM RELATO INICIAL

*Aquilo que procuro lembrar e lembrar é uma memória.
Aquilo que me esforço por construir é uma história.
Mas não está aí o trabalho do Historiador?
(Le Goff, 1987)*

O estudo e a pesquisa sobre uma Instituição Escolar, especialmente o Ginásio Santa Margarida, criado em 1934 na cidade de Pelotas pela Igreja Episcopal Anglicana, foi um grande desafio e um árduo trabalho. O processo de amadurecimento desta dissertação foi um tempo de muitas descobertas, de aproximação com novos objetos, de realização de novas leituras e de vencer muitas barreiras e limitações intelectuais.

A trajetória do pesquisador, começada no curso de História da Universidade Federal de Pelotas, foi o momento de experimentar as desventuras do ser historiador-aprendiz, mas também foi um tempo de ter o primeiro contato com jornais de folhas



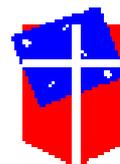
amareladas que se desmanchavam ao tocar das mãos, um tempo de muitas teorias e teóricos desconhecidos, um tempo de saudades e também de pormenores de nostalgia que embasaram a caminhada de historiador-aprendiz.

Na memória daquele tempo, foi percebida a dificuldade de experimentar a arte de escrever a história de um tempo não-vivido, mas adormecido pelas fontes que o pesquisador buscava para a escrita.

Esse mesmo tempo, proporcionou-lhe o envolvimento com alguns aspectos da presença anglicana que, desde o final do século XIX, fez parte da história da cidade de Pelotas. Talvez tenha sido neste momento, que o historiador-aprendiz se anunciou com uma série de inquietações e indagações sobre a gênese e a consolidação do Ginásio Santa Margarida, como um espaço escolar inserido num tempo e lugar desconhecido.

Esta investigação tem uma relevância histórica para a compreensão da História da Educação de Pelotas no decorrer do século XX. Não tem como pretensão este trabalho de dissertação esgotar as múltiplas leituras que ainda possam ser feitas sobre esta instituição escolar, mas contribuir para outros estudos sobre esta temática. Tendo por base a idéia de que o estudo e a pesquisa histórica contribuem para entender as relações sociais, os valores e as normas do passado vivido por uma instituição escolar, esta dissertação busca compreender um tempo e um espaço inserido na História da Educação de Pelotas.

Todas essas idéias iniciais foram o ponto principal para a realização desta dissertação de mestrado que pretende também abordar aspectos da história de uma Igreja Católica não-romana, a Anglicana, preocupada em criar e estabelecer uma Instituição Escolar, o Santa Margarida, como uma forma de ocupar e disputar espaços sociais disponíveis na sociedade pelotense desde o final do século XIX. Nessa escola



foram desenvolvidas propostas educativas dignas de abordagens e pesquisas, visto que seus objetivos fizeram emergir uma cultura escolar, um cotidiano escolar, uma proposta pedagógica e um fazer pedagógico singular.

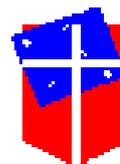
Tentar compreender o Ginásio Santa Margarida como uma instituição escolar foi um agradável trabalho que conduziu à descoberta de muitas histórias envolvidas pelas brumas do passado e uma grande provocação dos limites do pesquisador na área de História de Educação.

Para tanto, na Introdução deste trabalho foi feito um apanhado sobre a singularidade e a importância histórica da pesquisa com a temática de instituições escolares, no qual se procurou apresentar aspectos como subsídios teóricos para a compreensão do Ginásio Santa Margarida, como um espaço de vivências sociais e aprendizados coletivos.

Foi exposto também, nessa primeira parte do trabalho, o processo que desencadeou a escolha das metodologias aplicadas neste estudo, bem como considerações sobre o trabalho e o uso das fontes e os referenciais teóricos desta dissertação.

No primeiro capítulo, tentou-se trazer à tona um pequeno histórico da Igreja Anglicana inglesa e da missão anglicana instalada na cidade de Pelotas no findar do século XIX, como também evidenciar algumas características do pensamento, da doutrina, do culto e da fé anglicana bem como as suas relações com as Instituições Escolares Episcopais Anglicanas criadas no Estado do Rio Grande Sul.

No segundo capítulo, descreveu-se o caso do Comitê Pró-Liberdade de Consciência da cidade de Pelotas e o seu empenho na defesa do ensino laico nas



escolas públicas brasileiras, e a participação do Reverendo José Severo da Silva na condução dos discursos anglicanos na cidade de Pelotas.

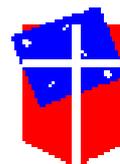
É no terceiro capítulo que se concentra o objetivo principal deste estudo, pois apresenta-se a gênese e a consolidação do Ginásio Santa Margarida como uma instituição escolar anglicana. Nesse capítulo se propõe evidenciar as práticas escolares cotidianas e os motivos das escolhas do corpo docente da escola, que iluminaram o discurso teológico, doutrinário e proselitista anglicano na educação do Ginásio Santa Margarida.

Por fim, foi trazida na última parte deste estudo, uma análise sobre as intenções da IEAB na gênese e na consolidação do Ginásio Santa Margarida como espaço escolar que fez parte de um tempo, de uma sociedade, de uma cultura hoje "esquecida" no baú de lembranças da História da Educação de Pelotas no transcorrer do século XX.

Assim, esta última análise sobre o Ginásio Santa Margarida, se propõe, sobretudo a provocar novos diálogos e inquietações teóricas nos pesquisadores da História da Educação de Pelotas interessados na temática de instituições escolares.

A SINGULARIDADE E A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DA PESQUISA

*"O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse "sentido do passado" na sociedade e localizar suas mudanças e transformações."
(Hobsbawm, 1998)*



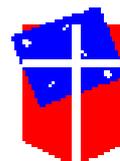
A origem desse trabalho de dissertação de mestrado teve como objetivo fundamental investigar e analisar a gênese do Ginásio Santa Margarida, e, nesse contexto, destacar a relevância histórica da consolidação desta instituição escolar na cidade de Pelotas.

O Santa Margarida é uma das poucas instituições anglicanas de ensino ainda em funcionamento no Estado do Rio Grande do Sul, e constitui-se em uma das mais significativas experiências, em termos de educação confessional, mantida pela Igreja Episcopal Anglicana do Brasil¹.

Em tempo, cabe salientar que no decorrer do processo de pesquisa e escrita desta dissertação, iniciado no mês de dezembro de 2003, o Ginásio Santa Margarida encontrava-se na iminente possibilidade de encerrar suas atividades escolares, devido a questões administrativas, pedagógicas e institucionais que estavam ocorrendo na escola há vários anos. Paulatinamente, ao processo de construção final desta dissertação, a crise financeira e administrativa que havia se estabelecido no Santa Margarida chega ao fim no mês de dezembro de 2005, dois anos após o início desta pesquisa. Logo, é com um grande pesar, que o pesquisador e que o educador, finaliza esta dissertação e anuncia que esta Instituição Escolar encerrou suas atividades escolares, e neste momento, faço também uma despedida acadêmica para o Ginásio Santa Margarida, que por anos contribui para a construção da História da Educação de Pelotas no século XX.

A vida desta Instituição Escolar foi permeada por muitas mudanças em suas diretrizes administrativas. No momento da criação da escola, no ano de 1934, estava ligada diretamente ao Clero Nacional Anglicano, e, portanto, todas as ações e escolhas pedagógicos-curriculares foram conduzidas sob a razão e a consciência confessional

¹ Todas as referências sobre a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil serão apresentadas nos textos dessa dissertação pela sigla IEAB.



anglicana. Contudo, há que se entender que nas raízes da criação do Santa Margarida se fizeram presentes os aspectos doutrinários, teológicos e religiosos da confissão anglicana.

Essas raízes devem ser compreendidas com a chegada dos primeiros missionários anglicanos ao Estado do Rio Grande do Sul no final do século XIX, como também com o contexto do país e da cidade de Pelotas entre o período da Proclamação da República, em 1891, e a instalação do Governo Provisório de Vargas, no início dos anos de 1930.

A grande mudança no âmbito educacional, advinda da Proclamação da República, foi sem dúvida a laicização do ensino público, fruto da separação entre a Igreja e o Estado, decretado em 1891. Ao determinar que seria leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos de ensino público, a Constituição republicana desencadeou até meados do século XX fortes disputas e tencionamentos sobre a questão do ensino religioso.

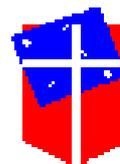
A instituição da República, no ano de 1889, foi o triunfo das idéias liberais, como afirma Jorge Nagle: "Com a República, triunfaram as idéias liberais. Do ponto de vista da história do catolicismo no Brasil, termina a fase regalista e inicia a da independência entre a sociedade religiosa e a sociedade civil". (2001: p.82).

A questão do ensino religioso teve muitas repercussões no quadro da História da Educação Brasileira no período da Primeira República. A partir dessa premissa propõe-se examinar o contexto que desencadeou a gênese, a manutenção e a consolidação da instituição de ensino confessional Santa Margarida em Pelotas.

Em um primeiro momento, torna-se necessário delimitar o período que esta análise pretende abordar, visto que o Ginásio Santa Margarida entra em



Centro de Estudos Anglicanos



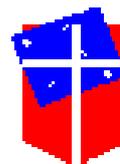
funcionamento no início da década de 1930. A criação dessa Instituição Escolar deve ser entendida no contexto do país e da cidade de Pelotas, pois vivia-se um momento de transformações econômicas e sociais advindas de um processo histórico desencadeado com a República e a instalação do Governo Provisório de Vargas no início dos anos de 1930.

No Brasil, o novo governo estabelecido em 1930, modificou as estruturas educacionais com a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública (MESP), órgão que pretendia fazer o planejamento das novas reformas educacionais em âmbito nacional.

Por outro lado, os debates em torno das questões sobre o ensino religioso tornam-se cada vez mais acirrados com a disputa entre dois grupos antagônicos e divergentes, rivais na implantação de seus interesses junto à Assembléia Constituinte.

Particularmente, a partir da década de 1920, alguns setores da Igreja Católica, entre eles, o Centro Dom Vital e a Revista "A Ordem", estavam preocupados com os rumos que seriam dados ao ensino religioso, e, por outro lado, os "escolanovistas", empenhados em reestruturar a Educação de forma modernizadora e orientada a adaptar-se ao processo industrial do país. Esses debates têm o seu ponto máximo na Assembléia Constituinte de 1933, como afirma Figueiredo (1995: 51-52):

a ideologia alimentadora do Movimento Escola Nova, tão bem apresentada no "Manifesto dos Pioneiros" de 1932, é questionada pela liderança da Igreja Católica, que mantém outra posição em relação aos princípios da educação a ser implementada e implantada. [...] O decreto de 30 de abril de 1931 como sendo o coroamento das lutas pela admissão do Ensino Religioso nas escolas da rede oficial e a vitória contra o positivismo e o liberalismo.



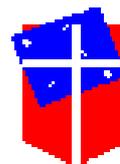
O objetivo inicial deste trabalho é analisar as relações existentes entre a estruturação do culto anglicano, a adoção de um programa educacional da Igreja Anglicana e a criação da Instituição Escolar² Santa Margarida no transcorrer da década de 1930, na cidade de Pelotas.

Assim sendo, esse estudo busca compreender a escola Santa Margarida como um espaço físico, social e educativo onde ocorreram decisões curriculares e pedagógicas que visavam, sob uma influência cristã, proporcionar meios para o desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais de suas alunas.

O ensino no Ginásio Santa Margarida, no decorrer da década de 1930, era dividido em Jardim de Infância para meninos e meninas, Curso Elementar, Curso de Admissão ao Ginásio e Curso Ginásial de 5 anos, somente para meninas. A dissertação que se apresenta buscou analisar somente o Curso Ginásial para meninas que a escola oferecia desde o início da sua criação. Portanto, todas as referências feitas sobre o corpo discente do Santa Margarida referem-se às alunas do Ginásio.

Este trabalho pretende ainda recuperar a presença de documentos e/ou informações sobre a elaboração de um modelo educacional e pedagógico ligado aos conceitos teológicos, cristãos e ideológicos da IEAB desde a sua chegada à cidade de Pelotas, no final do século XIX, até a consolidação de sua instituição escolar na década de 1930. Considera-se então, que o processo de criação do Ginásio Santa Margarida em 1934, faça parte de um amplo projeto dos dirigentes e da comunidade anglicana no sentido de promover a evangelização através da educação, além da possibilidade de elevar o número de fiéis de sua religião na cidade de Pelotas.

² O termo instituição escolar empregado no texto remete ao sentido de espaço objetivo, material, concreto, real, a partir da consideração de sua base material a qual constitui o primeiro elemento de sua materialidade. Ainda sobre este assunto, ver WERLE, (2001).



Uma observação interessante a ser feita é a ênfase dada aos projetos educacionais pela comunidade anglicana, tendo suas raízes atreladas à missão evangelizadora, que chega em fins do século XIX ao Estado do Rio Grande do Sul.

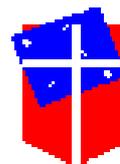
No decorrer do processo de evangelização da IEAB, fez-se necessário criar programas educacionais para sua expansão da missão anglicana, estabelecida no ano de 1891, na capital, Porto Alegre, e na cidade de Pelotas, a partir do ano de 1892, os anglicanos se empenharam em criar escolas dominicais.³ Sobre a necessidade de criar programas educacionais para a Igreja no Brasil, o Reverendo Lucien Lee Kinsolving (apud Streck, 1995: 63) no ano de 1907, fez a seguinte ponderação:

Na verdade, o custo de vida no Brasil é maior do que em qualquer outro país civilizado que conheço [...] As escolas do governo são, lamentavelmente, ineficientes. A falta de disciplina intelectual e moral é tão evidente que nem o clero, nem o leigo podem apoiar as escolas ao seu redor. O problema se tornou urgente e as oportunidades proporcionam à Igreja a possibilidade de aprofundar sua influência na vida daqueles que lhe forem confiados.

Segundo Kickhöfel (1995), a atuação da Igreja no campo religioso-educacional incluía dois importantes imperativos: o pastoral e o missionário. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de que os filhos dos membros da Igreja Anglicana fossem educados em escolas ligadas à Igreja, pois ao receberem influências de outros princípios religiosos em estabelecimentos educacionais não-anglicanos, acabariam por se distanciar da doutrina seguida por seus pais.

Com as escolas, buscava-se formar as bases para a propagação dos valores espirituais da confissão anglicana no Brasil, ou seja, preparar os jovens de ambos os

³ Nesse processo de expansão foi comum a criação de escolas anexas às igrejas. Na maioria das vezes estas funcionavam como escolas de catecismo, onde as crianças e iniciantes conheciam o Credo, o Pai Nosso, os 10 Mandamentos, o Livro de Oração Comum, as Epístolas e os Evangelhos. Sobre as primeiras escolas dominicais anglicanas consultar KICKHÖFEL (1995).



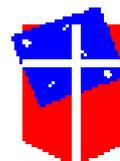
sexos para os trabalhos evangelizadores da Igreja, além de estimular o processo de evangelização e colaborar para o aumento do número de fiéis e membros da Igreja. Logo, a criação de escolas paroquiais e/ou dominicais foram as primeiras ações religiosas-educacionais promovidas pela IEAB no Estado do Rio Grande do Sul. Nessas escolas os jovens deveriam pautar-se pelos padrões morais e religiosos da Igreja.

No momento da criação dessas escolas os dirigentes anglicanos perceberam que seria possível uma plena evangelização se houvesse a possibilidade da criação de internatos, pois a influência do meio externo prejudicaria a formação e a evangelização desejada aos jovens. (Krischke, 1949).

De certo, é preciso entender que todas as instituições educacionais criadas pela IEAB tinham como pano de fundo um aspecto evangelizador e missionário, mas há de se compreender que estas instituições devem ser analisadas como fruto de seu próprio tempo. Salienta-se que historicizar estas instituições é de extrema importância para a compreensão do arcabouço ideológico-doutrinário anglicano estabelecido ao iniciar do século XX, no Estado do Rio Grande do Sul.

Um aspecto importante a ressaltar, sobre as aspirações educacionais da comunidade anglicana pelotense pode ser constatado em meados da década de 1920, com a criação do "Comitê Pró-Liberdade de Consciência". Esse comitê aglutinava interesses de diversas religiões não-romanas, de várias instituições religiosas e também da Maçonaria. Possuía como objetivos opôr-se à atuação católica no campo educacional e também às propostas da oficialização do ensino religioso nas escolas públicas.

Como foi visto, a IEAB teve uma estreita relação com as discussões promovidas em relação aos debates religiosos educacionais no Brasil, no Estado do Rio Grande do



Sul e de modo especial na cidade de Pelotas.⁴ Esses aspectos possibilitam compreender as palavras do Bispo Anglicano William M. M. Thomas nas Atas do 33º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira realizado no ano de 1931, em nota sobre a desaprovação do decreto de incorporação do Ensino Religioso facultativo Católico Romano nas escolas públicas pelo Governo Provisório de Getúlio Vargas⁵:

[...] Queremos que os alumnos de todas as instituições de instrução no paiz estudem numa atmospherá religiosa, afim de que a sua fé se conserve e se enraize.[...] Administrar um tal ensino de maneira quasi obrigatoria, ainda que constitucional, seria, do ponto de vista do alumno, inconstitucional, pois seria o caso da liberdade garantida e tolhida pelo mesmo instrumento.

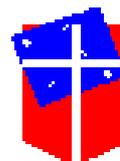
É importante lembrar que o quadro político estabelecido com a “vitória” de Getúlio Vargas, em 1930, trouxe uma série de mudanças como a perda da vigência da Constituição de 1891, a censura à imprensa, a troca de governadores estaduais por interventores federais, a criação de novos ministérios, além de uma farta legislação por parte do executivo⁶.

No entanto, a mudança que causou espanto ao grupo dos liberais e aos dirigentes anglicanos, que defendiam a liberdade de consciência foi o fato da aproximação empreendida por Getúlio Vargas junto ao grupo ultramontano da Igreja Católica Romana, defendendo o ensino religioso facultativo nas escolas públicas e contradizendo seus fervorosos discursos realizados por ocasião da revisão

⁴ Sobre o empenho da comunidade anglicana de Pelotas no que tange à prática da liberdade religiosa nas escolas públicas brasileiras e a ação do Comitê Pró-Liberdade de Consciência na cidade de Pelotas e sobre a ação da Maçonaria no campo educacional na cidade de Pelotas, ver AMARAL (1999).

⁵ Nas notas de jornais e materiais institucionais utilizados na elaboração deste artigo não foram corrigidos os termos e palavras que diferem da língua portuguesa atual. Esta ação pretende dar ao leitor uma maior aproximação com a linguagem escrita usada na referida época.

⁶ Sobre o quadro da Era Vargas inaugurado no ano de 1930, ver IGLESIAS (1993), D’Aráujo (2004) e Szmrecsányi (2004).



constitucional de 1925, como deputado federal do Partido Republicano Riograndense, que defendia a liberdade de consciência entre todas as crenças.

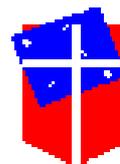
O projeto de criação do Ginásio Santa Margarida pode também ser entendido como uma reação dos dirigentes anglicanos ao Decreto Federal do governo Provisório de Getúlio Vargas⁷, que se referia às escolas oficiais ou públicas, mas nada argumentava sobre as escolas privadas.

As preocupações suscitadas pelo Decreto Federal aliadas às motivações evangelizadoras-educacionais dos dirigentes anglicanos, servem como primeiras hipóteses para a criação do Ginásio Santa Margarida. Verificou-se, então, que já no início da década de 1930 havia a opção pela criação de uma instituição escolar com específica orientação anglicana pela IEAB, como uma alternativa para disputar espaços na área educacional na cidade de Pelotas. É possível constatar tal afirmação no artigo "A Questão Religiosa", nas Atas do 33º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira (1931: 35-36), escrito pelo Bispo Anglicano William M. M. Thomas:

Outras igrejas também contribuem com o seu quinhão, fornecendo homens, dinheiro e ideias em prol dum bom governo e duma pura e sã religião. [...] É nosso ideal que os collegios e as demais instituições funcionem sob a influencia dos ensinamentos de Christo. Quão melhor não seria se todo o professor fosse crente fervoroso e christão praticante! (grifos nossos) Desejariamos que os nossos estadistas e políticos também fossem discipulos professos de Jesus, o Redemptor, e que todos os seus estivessem de accordo com a mais pura ethica christã."

O que se pode compreender do referido artigo, é que mesmo que os dirigentes anglicanos aceitassem uma legislação oficial que apoiasse o ensino religioso nas

⁷ O Decreto Federal do Governo Provisório de Getúlio Vargas a que faz referência o texto é o de n.º 19.941 de 30 de abril de 1931, que instituía nos cursos primário, secundário e normal o ensino religioso facultativo, sendo dispensados os alunos cujos pais ou tutores o requeressem no ato da matrícula.



escolas públicas, as instituições de ensino privado poderiam escolher a sua inclinação religiosa, já que, no Brasil, havia a liberdade de culto a todas as religiões.

Na criação do Ginásio Santa Margarida na cidade de Pelotas, é importante observar a notável participação do Reverendo José Severo da Silva na organização e planejamento da nova escola anglicana. No ano de 1932, a comunidade anglicana pelotense adquiriu um terreno na área central da cidade ⁸ para a construção da Escola, com grande parte dos recursos provenientes da Oferta Trienal de Gratidão da Igreja e da Liga de Senhoras Norte-americanas.

As Atas do 34º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira do ano de 1932, na seção: Relatório da Comissão sobre o Estado da Igreja, escrita pelo Reverendo Severo da Silva, então secretário do Concílio, revelam as motivações para a criação de uma Escola Doméstica anexa ao Ginásio Santa Margarida:

Velha aspiração de nossa amada Igreja vae tomando corpo, e será, em curto lapso de tempo, confortadora realidade. Queremos referir-nos ao Collegio para Meninas. Resolvida sua localização na cidade de Pelotas, já foram adquiridos os terrenos para receber o edifício [...] Pensamos no projectado Collegio com sua Escola Domestica, por que tanto se bateu um dos membros desta Commisão. Não terá chegado a oportunidade aurea de termos nossa Escola de Donas de Casa? Falamos tanto em 'rainhas do lar', e gostamos de reconhecê-las, mas topamos, não raro, com rainhas sem a côroa que devia pertencer-lhes de facto e direito, pelo exercicio pleno eadequado de suas funções. [...] constitue a administração domestica verdadeira sciencia, [...]. Seu estudo carinhoso além de tornar-se um prazer, é necessidade impôr-se, tendo immediata applicação na pratica quotidiana, operando maravilhas[...] **A Escola**

⁸ Os dois terrenos adquiridos pela IEAB foram transferidos ao Reverendo José Severo da Silva (procurador da Igreja), sendo o primeiro de propriedade do Dr. Joaquim Luiz Osório, que localiza-se na antiga rua General Vitorino (atual Padre José de Anchieta), entre as ruas Sete de Abril (atual Imperador D. Pedro II) e 3 de Maio, e o segundo, de propriedade de Felipe José Mechereffê, localizado também na rua General Vitorino com fundos para a rua Félix da Cunha, pelo valor de cr\$ 86.000,000 e de cr\$ 25.000,00, respectivamente, totalizando um valor de cr\$ 111.000,000. (Registro de Imóveis 1º Ofício. Folha 292, Livro n.º 3A, n.º de ordem 3346 de 10 de junho de 1932. Pelotas: RS).



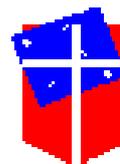
Domestica, anexa ao futuro Collegio de Meninas, será verdadeira bençã que não tardaremos a reconhecer, dando graças ao viveiro de donas de casa, devidamente preparadas para sua elevada missão (grifos nossos).

A idéia de uma Escola Doméstica anexa ao Ginásio Santa Margarida não chega a ser realizada pela IEAB, mas é interessante nessa afirmação do Reverendo Severo, observar que a intenção da criação dessa Escola Doméstica tinha como propósito explícito a formação educacional de futuras donas de casas como forma basilar da educação feminina.

Um aspecto importante que serve para a análise do texto escrito pelo Reverendo Severo é a intenção empregada na possibilidade da criação da escola doméstica para meninas, pois na concepção de educação feminina da época não bastava somente “educar” intelectualmente as mulheres, era necessário reafirmar o estereótipo criado sobre o ser mulher (mãe-esposa-dona-de-casa), pois o espaço da mulher ainda se reservava primordialmente à casa. Sendo ela qualificada como ‘rainha do lar’ era importante que a sua ‘coroa’ fosse preenchida com os conhecimentos cotidianos dos afazeres domésticos.

A preocupação com a Educação Doméstica nos colégios ginásiais era muito grande e de considerável importância para a felicidade nos lares da sociedade brasileira durante a década de 1930. Como salienta Orison Marden, no prefácio (pág 03), do livro “Noções de Economia Doméstica” da década de 1930, de Irene de Albuquerque, diretora do Curso Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro:

por excelente que seja a educação científica, literária e artística duma jovem, ou a sua profissão, ofício ou negócio, não servirá ela para mulher casada, se não tiver os indispensáveis conhecimentos de economia domestica, muito mais indispensáveis no matrimônio para o governo de casa, do que tudo quanto lhe possam ensinar nos colégios e nas universidades. O valor do dinheiro e a sua prudente aplicação; [...] a



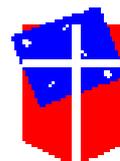
manufatura de bordados e peças de vestuário; a judiciosa distribuição do tempo, do trabalho e do dinheiro, são outros tantos temas capitais de estudos e aprendizagem para as aspirantes a esposas.

Afirma-se, então, que o Ginásio Santa Margarida constituiu-se em uma fonte riquíssima de ensinamentos cristãos que ajudaram a IEAB no desenvolvimento de trabalhos missionários e evangelizadores, assim como na possibilidade de compor interesses educacionais pedagógicos cristãos na cidade de Pelotas a partir da década de 1930.

Sobre a inauguração do Santa Margarida é possível encontrar referências nas Atas do 36º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, destacando a importância e a necessidade da instrução religiosa para meninas, seja ela no curso colegial como também no curso ginásial, pois só assim os princípios do cristianismo ganhariam forma entre as jovens da igreja como também na sociedade brasileira. (Atas do Concílio, 1934: 61)

Na composição do Ginásio percebe-se que houve uma mescla de muitos interesses, sendo eles, missionários e/ou evangelizadores, pedagógicos e/ou educacionais propostos pela IEAB. Sendo assim, ao pesquisar a história do Santa Margarida busca-se compreender um tempo desta instituição escolar em seu contexto local, regional e nacional, como também recuperar um olhar sobre a educação que ainda não foi visto e revelado. Sobre a relevância e a particularidade dos estudos e as pesquisas de instituições escolares, Gatti Júnior (2002: 20), afirma:

Percebe-se que a história das instituições educativas almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem por meio da busca da apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que



Ihe confere um sentido único no cenário social do qual faz ou ainda faz parte, mesmo que ela se tenha transformado no decorrer do tempo.

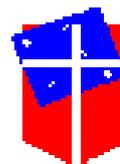
Salienta-se que os estudos mais centralizados na temática das instituições escolar estiveram um relativo crescimento nos últimos anos e podem auxiliar a compreensão de realidades distintas ainda não estudadas pela historiografia da educação brasileira. Sobre a importância desses estudos localizados, Lopes e Galvão (2001: 41) afirmam que:

é crescente também a tendência a realizar estudos mais localizados, que lidem com realidades mais circunscritas e com períodos mais curtos de tempo. Essa tendência tem possibilitado um aprofundamento em certos temas e uma complexificação na compreensão do passado de determinados fenômenos educativos que, anteriormente, eram visualizados apenas panoramicamente. Tem sido comum, por exemplo, no Brasil, que os pesquisadores de diversos estados procurem compreender determinados movimentos educacionais naquela realidade específica.

Entende-se, então, que a pesquisa com Instituições Escolares, dentro do campo da História da Educação, é de extrema importância e possui uma singularidade temporal e local. Nas palavras de Buffa (2002: 25-26):

pesquisar uma instituição escolar é uma das formas de se estudar filosofia e história da educação brasileira pois as instituições escolares estão impregnadas de valores e idéias educacionais. As políticas educacionais deixam marcas nas escolas. Assim, se bem realizadas, as investigações sobre instituições escolares apresentam a vantagem de superar a dicotomia entre o particular e o universal, o específico e o geral, o concreto e o conceito, a história e a filosofia.

Partindo da premissa: pesquisar uma Instituição Escolar exige um estudo localizado, este estudo foi delimitado ao período compreendido entre os anos de 1934 e 1947. Esta escolha deve-se ao fato que na criação do Ginásio Santa Margarida no



ano de 1934 na cidade de Pelotas, o clero anglicano construiu todo um aparato doutrinário, ideológico e cristão na configuração desse espaço escolar.

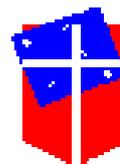
Pontua-se os anseios educacionais da comunidade anglicana terem-se tornado mais efetivos, quando a Igreja Episcopal Anglicana de Pelotas foi liderada pelo Reverendo José Severo da Silva, que assumiu a direção espiritual da comunidade anglicana pelotense a partir do ano de 1912 até o ano de 1939, quando este faleceu repentinamente.

Esse estudo se finaliza no ano de 1947, pois é naquele momento concedido o reconhecimento oficial ao Santa Margarida e também por o Brasil passar por um processo de redemocratização, o que obviamente muito contribuiu para uma nova leitura nas diretrizes educacionais.

A METODOLOGIA E O TRABALHO COM AS FONTES

"a história das instituições escolares não é um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações, releituras que se apresenta na dimensão de representação, de uma versão da história institucional."
(Werle, 2002)

As pesquisas em História da Educação vêm demonstrando nos últimos anos várias mudanças no que tange ao olhar de suas fontes e documentos, muitas dessas mudanças influenciadas pelo olhar da chamada Nova História Cultural, possibilitando novos caminhos e novas abordagens sobre velhos objetos de pesquisa. Esse novo olhar sobre tais pesquisas sob o signo da Nova História Cultural, pode ser apreendido nas palavras de Clarice Nunes (1992: 04): "Este velho objeto de investigação pode

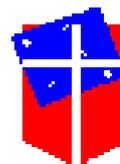


tornar-se novo aos nossos olhos na medida que trouxermos à tona, na travessia da pesquisa, aspectos antes ignorados ou secundarizados”.

Contudo, há também que se ter um cuidado com estas novas abordagens, com estas novas categorias e com estes novos objetos de estudo e investigação. O historiador da educação que se proponha a trabalhar com novas abordagens de pesquisa em História de Educação, deve ter um rigor metodológico muito firme para que os objetos em estudo possam ser revelados e revividos sobre uma perspectiva historiográfica privilegiada da história e não se constituam apenas em inquéritos laudatórios e narrativos de fatos e acontecimentos históricos. Sobre os estudos influenciados ou ancorados nessas novas abordagens historiográficas, Tambara (2000: 84), alerta:

O que me parece fundamental é estar atento à existência de uma preocupação constante no sentido de evitar-se uma efetiva atomização do real, a perda de referência à totalidade, e a imersão em temas inócuos e politicamente desmobilizantes. [...] Estes objetos de pesquisa precisam, necessariamente, ser submetidos a análises que os insiram em investigações de séries de longo curso. [...] Entretanto, não é questão de produzir História da Educação como um amontoado de fatos. Mas, há necessidade de resgatar a base empírica de nossas investigações.

Ao trabalhar com pesquisas sob o olhar da Nova História Cultural em Educação, o historiador deve ter em mente o que move as suas perguntas, isto é, o método da análise e o problema a que está submetendo suas fontes, pois estas são construções do passado constituídas de sentido pelo historiador. Dessa forma, fica claramente definido que as fontes vêm do passado e nele estão esquecidas, mas ressurgem quando interrogadas, quando questionadas, quando provocadas acertadamente na construção de uma ponte, de um testemunho sobre o passado inquirido. (Ragazzini, 2001)



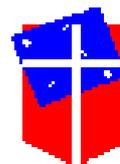
Portanto, essas novas abordagens em História da Educação pautadas sobre um firme rigor metodológico possibilitam uma renovação nos campos da pesquisa histórica, aumentando os temas e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novos objetos e fontes. (Pesavento, 2004).

A partir dessa compreensão, a renovação teórico-metodológica, no que diz respeito à História da Educação, vem ampliando seus estudos para o campo das instituições escolares⁹. Esses trabalhos pretendem dar voz aos esquecidos, aos atores envolvidos nos processos educativos, ao cotidiano escolar, aos aspectos da cultura escolar, bem como enfatizar uma visão mais profunda nos espaços sociais, materiais, culturais e políticos que constituem as instituições escolares.

É possível identificar que as novas pesquisas envolvendo instituições escolares abrangem estudos mais localizados e regionalizados, permitindo leituras mais singulares que levam o historiador da educação a uma inserção muito mais profunda em seus recortes temporais, priorizando as questões de pesquisa e um contato mais próximo de suas fontes. Neste novo movimento de estudar as instituições escolares, que têm compreendido muitos estudos de historiadores e educadores por todo o mundo, Gatti Júnior (2002:21-22), faz a seguinte afirmação:

Os esforços interpretativos contidos no desenvolvimento de investigações feitas ao campo da história das instituições educacionais e mesmo ao campo da história das disciplinas escolares são a ponta-de-lança da possibilidade da escrita de uma nova história da educação brasileira, capaz de levar em conta as especificidades regionais e as singularidades locais e institucionais, ancorada em um conjunto de estudos

⁹ Os estudos com instituições escolares vêm aumentando gradualmente nos últimos anos, entre esses estudos, pode-se destacar: LOURO, Guacira. *Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres*; NOSELLA, P., BUFFA, E. *Schola Mater: A Antiga Escola Normal de São Carlos*; WERLE, Flávia. *Escola Complementar: práticas e instituições*; AMARAL, Giana. *Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da História da Educação em Pelotas*; ARAÚJO, José Carlos Souza, GATTI JÚNIOR, Décio. *Novos temas em História da Educação Brasileira: Instituições Escolares e Educação Brasileira*.



monográficos rigorosos e criteriosos, elaborados paulatinamente nas diversas regiões brasileiras.

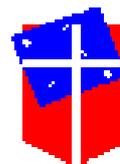
Ao se estudar e pesquisar as instituições escolares é preciso compreendê-las como espaços sociais, onde se originaram processos de ensino e aprendizagem e onde ocorreram práticas docentes e discentes. Logo, o cotidiano escolar em estudo foi capaz de produzir elementos que vivificaram e construíram corpos individualizados, além de estruturas coletivas conferindo uma identidade única a uma instituição escolar.

Essa consciência sobre a importância da análise das particularidades e das especificidades das práticas educativas presentes nas pesquisas com instituições escolares podem ser apreendidas nas palavras de Werle (2002-13):

as histórias das instituições escolares focalizam a base material, a base de gestão das instituições, são também a história dos projetos educativos que adquirem, em contextos específicos, traços de identidade próprios segundo o modo como se inscrevem na história e se os interpretam. São também história das relações entre as pessoas nas instituições e as marcas/lembranças que deixaram.

O historiador que investigar minuciosamente os compartimentos do passado das instituições escolares terá a oportunidade de revelar as suas muitas identidades, a retórica de seus gestos, a construção de seus símbolos e as marcas deixadas pelo seu tempo. Os espaços escolares devem ser entendidos como afirma Frago e Escolano (2001:17): *"como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto"*.

Portanto, não é objetivo deste estudo, reconstruir a totalidade da história do Ginásio Santa Margarida ou ainda detalhar as orientações pedagógicas e didáticas que corporificaram a escola como espaço escolar entre as décadas de 1930 e 1940, mas,

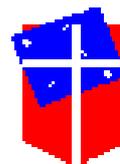


sim, dar ênfase à atuação educacional da IEAB na cidade de Pelotas com a construção de sua escola para as margaridenses¹⁰. Nesse sentido, é preciso entender toda a série de circunstâncias as quais envolvem a história da gênese e a consolidação do Ginásio Santa Margarida como instituição escolar singular na cidade de Pelotas. Sendo assim, entende-se que é necessário compreender a postura ideológica da IEAB no que se refere às suas escolhas educacionais e também perceber que a educação foi uma possibilidade de inculcação de suas idéias doutrinárias. Logo, o Ginásio Santa Margarida tornou-se uma alternativa de ensino confessional anglicano ao ensino laico das escolas públicas e também ao ensino confessional das escolas católicas romanas existentes na cidade entre as décadas de 1930 e 1940.

Diante deste quadro que se inaugura com a criação do Ginásio, é necessário analisar o contexto histórico nacional com alguns aspectos da história regional, e também com a História da Educação e das Instituições Escolares. Nesse sentido, é necessário, ao iniciar uma pesquisa histórica, evidenciar as direções que ampliam e sustentam a metodologia do uso das fontes em História da Educação, e, para tanto, a busca de um referencial teórico singular é extremamente importante para a relevância da pesquisa. Ancorado nessas idéias da singularidade da pesquisa com a temática de instituições escolares apresenta-se a metodologia e o trabalho com as fontes utilizadas nesta dissertação.

As fontes de investigação utilizadas foram documentos ligados à história da IEAB e ao próprio Ginásio Santa Margarida, tais como: livros, documentos, jornais, relatórios, correspondências, atas, documentos administrativos e pedagógicos,

¹⁰ A expressão “margaridenses” era usada com frequência nos documentos encontrados sobre a escola e servia como uma espécie de status simbólico pelas alunas do Ginásio Santa Margarida no transcorrer das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960. Nos textos que seguem esta dissertação a expressão margaridense será usada para designar as alunas do Curso Ginásial do Santa Margarida.



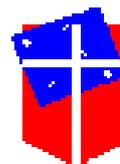
fotografias¹¹ e entrevistas¹². Com o intuito de aproximação do tempo vivido pelas alunas margaridenses naquele período, realizou-se uma série de entrevistas com as ex-alunas: Christa Bering Bartlett, Ina Maria Loss, Lacy Terezinha Panyágua Costa e Rosa Maria Silva. Essas entrevistas em muito auxiliaram no esclarecimento de alguns aspectos abordados sobre a História do Ginásio Santa Margarida.

Outro ponto importante para a feitura desta dissertação foi o mapeamento de autores que narram a história e os posicionamentos da IEAB em relação à educação, a sociedade e a cultura, tais como, Baycroft, Ferraz, Da Silva, Krischke, Kickhöfel, Pike e Pittenger. Como suporte aos questionamentos surgidos por este estudo, foi realizada a análise do jornal anglicano “*Estandarte Cristão*”, uma fonte que muito contribuiu para elucidar aspectos relativos à IEAB, no contexto nacional e local e uma fonte de muito valor, mas ainda pouco utilizada nas pesquisas em História da Educação de Pelotas.

Este periódico, criado em 1893 por iniciativa dos membros da IEAB, tinha como finalidade principal, publicar artigos sobre religião, artigos de caráter educativo-religioso e também noticiar as atividades religiosas dos anglicanos no Brasil. Porém, foi durante as décadas de 1920 e 1930, que o *Estandarte Cristão* representou um

¹¹ Na utilização da fotografia como fonte de pesquisa, foi usado como base o artigo de Mauad (2000), que considera a imagem fotográfica uma fonte histórica, que pode ser dividida em: fotografia como documento – que considera a foto como a materialidade do passado e a fotografia como monumento – símbolo do passado que foi perpetuado para o futuro. Porém, as fotografias usadas no corpo desta dissertação tem como função ilustrativa a partir da leitura trazida pelo texto, como afirma Leite (2000): “uma vitrine, através da qual o leitor toma contato imediato e simplificado com o texto [...] e o conteúdo aparente da fotografia determina sua legenda.”

¹² As entrevistas são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. A história oral tem papel fundamental no processo de resgate de uma identidade de um determinado grupo social, não somente como fonte de informação sobre seus costumes e vivências, mas também como estímulo à participação da comunidade no processo de valorização do patrimônio coletivo. Sobre História Oral, ver: FERREIRA e AMADO (1996)

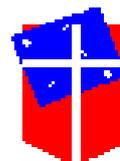


instrumento de combate aos ideais educacionais católicos romanos, na defesa do ensino laico nas escolas públicas, como também na difusão da doutrina religiosa anglicana. Por outro lado, com a criação do Ginásio Santa Margarida percebe-se a ênfase dada à veiculação sobre a importância do ensino religioso nas instituições escolares anglicanas.

Com o objetivo de fundamentar este estudo e compreender o posicionamento da IEAB em relação à educação, examinou-se uma importante questão abordada no jornal: *a doutrina anglicana na educação*. A partir de então, foi possível construir os aspectos que fundamentaram a gênese e a consolidação do Ginásio Santa Margarida em Pelotas.

Outros jornais também foram consultados, o jornal "*Diário Popular*" e o "*Libertador*", porém como fontes auxiliares que subsidiaram a compreensão dos discursos presentes no *Estandarte Cristão*. Contudo, houve sempre presente a idéia de que imprensa não é imparcial, isso significa dizer, que a narrativa dos acontecimentos, das informações e das concepções veiculadas por estes instrumentos de leitura relatam um tempo e um espaço próprio. Assim, na busca e na pesquisa de suas fontes, "o historiador deve buscar os paradigmas da leitura predominantes em uma comunidade de leitores, num tempo, num dado período e lugar". (Chartier, 2001: 226-227).

Todas as fontes analisadas e incorporadas neste estudo foram relativizadas em seu tempo na perspectiva que o historiador ao se propor a pesquisar determinada instituição escolar deve: "direcionar o olhar, selecionar as fontes e interpretar a realidade, enquanto os dados empíricos fornecem o conteúdo do que se investiga". (Buffa, 2005: 107)



Por fim, o estudo sobre instituições escolares é a oportunidade de o pesquisador abranger um espaço dentro dos vários campos da pesquisa em educação e contribuir para ampliar uma categoria de análise que muito colabora para a História da Educação Brasileira.

CAPÍTULO 1

AS ORIGENS DA DOCTRINA E A CONSOLIDAÇÃO DO ANGLICANISMO

1. A IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA

"A Igreja Anglicana procura ser uma igreja de diálogo, em busca da unidade de todos os cristãos e da própria humanidade. Ao reconhecer isso, reivindicamos também a liberdade, o direito e principalmente a obrigação de nos oferecer para compartilhar a nossa experiência da ação de Deus naquilo que chamamos de Comunhão Anglicana, de tradição anglicana ou "o jeito de ser anglicano".

(Baycroft, 2003)

1.1. As origens da doutrina e a consolidação do anglicanismo



A Igreja Episcopal é reconhecidamente um ramo da Comunhão Anglicana cujas origens se perdem na Antigüidade, pode-se afirmar então que suas origens históricas são oriundas da Igreja da Inglaterra.

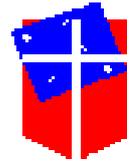
De certo existem muitas lendas, mitos e histórias sobre a fundação de todas as Igrejas existentes no mundo atual, provavelmente existam também algumas delas sobre a origem da Igreja Inglesa nos primeiros tempos de sua história na longínqua terra das ilhas da Britânia.

A historiografia tradicional apresenta a idéia de que Henrique VIII teria sido responsável pela instituição da Igreja Episcopal Anglicana na Inglaterra, porém isso necessita de melhores explicações e investigações, pois, como poderia um rei estabelecer algo que estava estruturado, pronto e se fortalecia desde os primeiros séculos da Britânia?

É notório que Henrique VIII rompeu um vínculo há muito já estava desgastado com as diferenças entre as Igrejas da Inglaterra e de Roma, isto é, ele rompeu com a Igreja Romana em termos políticos e administrativos.

Os problemas apresentados na reforma protestante inglesa têm suas raízes no século XI, com a nomeação do Bispo Romano Anselmo, consagrado na Igreja da Cantuária em 4 de dezembro de 1093. O Bispo Anselmo substituiu o antigo Bispo Britânico Lanfrac, o qual morreria em 1089. O conflito de interesses entre a morte de Lanfrac e a nomeação de Anselmo podem ser entendidos também com a morte do rei Guilherme I da Inglaterra em 1087.

No mesmo ano da morte do rei inglês assume seu filho Guilherme II, o "Ruivo", transformando a Igreja Inglesa em uma fonte inesgotável de riquezas, começando uma política de espoliações e atrocidades contra os bens da Igreja Católica da



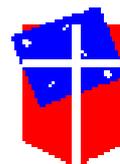
Inglaterra, porém quatro anos se passaram e a vacância do bispo de Cantuária deveria ser preenchida. Esse período de espoliações teria sido maior se o rei Guilherme II não tivesse caído em enfermidade em 1093.

Assustado com as atrocidades que cometera, nomeou Anselmo para o bispado de Cantuária. Ao assumir o Bispado de Cantuária, Anselmo teria dito "Não voltei à Inglaterra para aqui desobedecer meu guia espiritual, o Pontífice Romano" (Kickhöfel, 1995), fazendo uma série de exigências, tais como: as propriedades saqueadas por Guilherme II fossem devolvidas e o Arcebispo de Cantuária fosse reconhecido como conselheiro do rei nas questões religiosas, e, além disso, os negócios da Igreja deveriam ser dirigidos pela própria igreja sem a interferência do Estado Inglês.

Essas atitudes causaram um grande impacto na ordem social, pois geraram dois poderes em disputa: o Imperador Inglês e o Papa Romano. Essa presença ou influência do poder romano é sentida com bastante veemência no século XIII, quando sobe ao trono inglês Henrique III, que, após a sua maioridade, governa com a presença de conselheiros. Ao povo inglês parecia que a Inglaterra estava sendo comandada indiretamente por Roma, pois o Papa Inocêncio III estabeleceu uma série de imposições as quais desagradavam aos ingleses causando várias divergências políticas na Inglaterra.

Nesse momento se instaurou na Inglaterra um sentimento nacionalista em função das pregações de John Wicliff (1328-1384), pedindo o retorno da Igreja aos tempos primitivos, e um rompimento com as doutrinas teológicas e eclesiais impostas por Roma.

No período compreendido entre os séculos XIV, XV e XVI, na Europa surgem os Estados Nacionais. Emerge um novo sentimento na sociedade de cunho investigativo



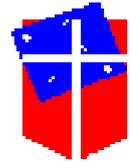
nas artes, nas ciências, na literatura, como também um rompimento nas ordens econômicas, sociais, culturais e religiosas da velha ordem feudal romana.

Portanto, afirmar que o divórcio de Henrique VIII foi o motivo da reforma inglesa é reafirmar a máxima do senso comum nas investigações da historiografia atual, pois a reforma na Inglaterra foi um processo resultante de vários fatores surgidos no século XI com o Bispo Anselmo. O episódio do divórcio apenas precipitou a ruptura feita pelo parlamento em conjunto com o Rei Inglês.

Segundo alguns autores anglicanos não é necessário transcrever toda a história da Igreja Anglicana para afirmar que Henrique VIII não fundou a igreja anglicana, mas rompeu um vínculo político-religioso estabelecido há muitos séculos. As Instituições Inglesas, a Igreja Inglesa, a hierarquia, o Clero e o povo permaneceram os mesmos de antes da Reforma, ou seja, ele simplesmente separou eclesiasticamente e administrativamente a Igreja Inglesa da Igreja Romana. Sobre o processo de separação da Igreja Inglesa, o reverendo Kickhöfel (1955: 23) comenta:

a recusa romana de legitimar o casamento do rei para efeitos de sucessão foi o pretexto. Um segundo apelo, também negado, desagradou o Parlamento, que declarou a Inglaterra um estado soberano e independente e fez do rei o supremo chefe da Igreja e do Estado.

Durante mais de mil anos a Igreja da Inglaterra esteve sob o poder da Igreja de Roma, contudo este vínculo eclesiástico rompeu-se por um ato político do Parlamento, todos os poderes do papa foram transferidos para o rei e para o arcebispo de Cantuária. Por isso diz-se que a reforma inglesa foi consumada por uma decisão parlamentar. Essa união entre Igreja e Estado na Inglaterra permanece até os dias de hoje.



Essa situação só ocorreu na Inglaterra. Nos outros 164 diferentes países do mundo, as igrejas anglicanas são instituições nacionais e independentes, ligadas entre si e ao Arcebispo de Cantuária por laços de afeição histórica, doutrinária e espiritual. (Kickhöfel, 1995).

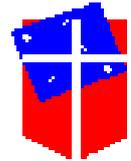
O século XVI sofreu o impacto do Renascimento, do nacionalismo crescente e da influência dos reformadores protestantes na Europa Continental. Portanto, a Igreja da Inglaterra, que começou com uma discussão no século XI com o Primaz de Roma (o Papa) sobre a jurisdição eclesiástica na Inglaterra, produziu uma Reforma Protestante destituindo a unidade e a força política da Igreja Católica Romana Ocidental na velha ilha da Britânia no século XVI com Henrique VIII. Sobre a Igreja Reformada da Inglaterra, o Reverendo John Baycroft (2003: 54-55), comenta:

a Igreja da Inglaterra não era uma Igreja nova, que teria sido estabelecida na época da Reforma. A Igreja da Inglaterra era a mesma antiga Igreja que se recusou a aceitar a jurisdição do Bispo de Roma no território Inglês. Começou uma série de reformas que pretendiam trazer a vida da Igreja para mais perto das intenções de Cristo e da prática da Igreja primitiva.

O sucessor de Henrique VIII, Eduardo VI, caracterizou-se por uma acentuada influência protestante. Quando faleceu em 1553, subiu ao trono inglês sua irmã Maria Tudor, "a Sanguinária", fervorosa católica romana e amiga do papa romano, conhecida por suas efetivas perseguições aos anglicanos e por seu desejo de retorno ao domínio do Papa de Roma.

Em 1558, com o reinado de Isabel I, foi iniciado o discutido "Ato de Uniformidade"¹³, que devolveu à rainha o mesmo poder da época de Henrique VIII.

¹³ O Ato de Uniformidade, constituído em janeiro de 1559, baseou-se na necessidade de unir o país através da unidade religiosa e administrativa, com severas penalidades para a desobediência, o que na sua essência era o Livro de Oração de 1552, com algumas pequenas modificações que estabeleciam a restauração das vestimentas eucarísticas, ou seja, o Ato de Uniformidade restabeleceu os poderes da Igreja Britânica desde o Reinado de Eduardo VI. (OLIVEIRA, 1994: 102-103)



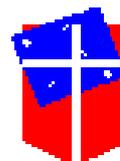
Excomungada, promoveu leis contra os romanistas e puritanos. O período da rainha Isabel I ficou conhecido como “Era Elisabetana” e foi um período de expansão econômica, culminando com a colonização da América.

O Ato de Uniformidade produziu três correntes religiosas distintas entre si: a Igreja Oficial, os Romanistas e os Independentes, também chamados de Não-Conformistas. Esses antagonismos religiosos fizeram com que muitos emigrassem para a América, e o primeiro capelão a emigrar foi Walter Raleigh, enviado em 1585 para dar assistência religiosa aos colonos.

O ideal dos colonos-peregrinos, chegados em 1620 ao continente americano, era o de construir e formar um estado novo, no qual houvesse liberdade em termos econômicos, políticos, religiosos e uma igreja estruturada, sem romper com os dogmas da Igreja da Inglaterra.

O período transcorrido entre a chegada dos primeiros imigrantes ingleses até a independência das colônias inglesas nos Estados Unidos da América em 1776 foi marcado por muito conflitos políticos, sociais e econômicos, que acabaram produzindo várias denominações religiosas nos Estados Unidos, como analisa Mendonça (1990:11) sobre as várias tendências religiosas americanas que emigraram para o Brasil:

ao contrário da tradição católica, o protestantismo que surgiu da Reforma do século XVI foi muito mais longe na variedade de tendências e instituições que gerou, e desde cedo revelou-se incapaz de conservar-se unido. Por essa razão, é muito mais adequado falar em “protestantismos” (luterano, calvinista, metodista etc.) que em “protestantismo brasileiro”. E quando se trata de falar no que chamamos aqui “protestantismo brasileiro”, a complexidade é ainda maior: ao emigrarem para a América do Norte (origem do segmento do protestantismo brasileiro) [...], esses protestantes europeus passaram por um sem-número de transformações



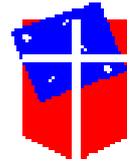
institucionais, teológicas e culturais que fizeram deles um fenômeno religioso virtualmente distinto de suas origens históricas mais próximas.

Após a independência dos Estados Unidos a Igreja anglicana conseguiu organizar-se eclesialmente com a criação da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos, preservando como princípios religiosos uma doutrina cristã, católica, apostólica, evangélica e missionária. Sobre as características da doutrina anglicana no Brasil, oriunda dos missionários americanos no final do século XIX, o reverendo Athalicio Pithan faz a seguinte afirmação no Anuário Episcopal de 1945 (44-46):

a Igreja Episcopal é católica, porque esta palavra significa universal e porque, dentro dos evangelhos, a igreja satisfaz as vontades espirituais do homem [...]. É apostólica, porque remonta sua origem aos dias dos Apóstolos. [...] E é ainda evangélica, por ter nas Santas Escrituras sua suprema norma de crença e conduta e por ter no Cristo dos Evangelhos seu único e soberano Chefe, [...] Embora respeite e venere santos de todos os tempos, só presta culto a Deus, não reza aos santos [...]. Não obriga à confissão auricular, mas ensina que devemos confessar nossas faltas diretamente a Deus, [...]. Em sua disciplina, autoriza o casamento dos clérigos e exige que cada ministro, como qualquer outro cristão, seja um exemplo de vida, tanto cívica como moralmente”

Ainda sobre a posição doutrinária da Igreja Episcopal, encontramos a seguinte afirmação do reverendo Krischke (1960: 30-31), que resume basicamente em três pontos básicos a comunhão anglicana:

PRIMEIRO: Mantemos a fé e a Ordem da Igreja Primitiva [...]. Nossos Credos são os da Igreja indivisa, como é a nossa estrutura e governo eclesiásticos. Rejeitamos, de um lado, a autoridade autocrática que nega o direito à crítica, e, de outro, o desrespeito licencioso, que degenera em anarquia. Nossa posição requer, portanto, inteligência, paciência e humildade. [...] SEGUNDO: [...]. Todos os seus membros são, a um tempo, católicos e evangélicos, [...]. Nossa compreensividade religiosa não provém de um liberalismo frio e amorfo. Provém do amor que é o fruto do Espírito Santo. [...]. TERCEIRO: o ideal do Ecumenismo já



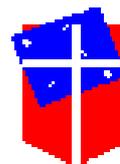
constitui uma realidade existencial na Comunhão Anglicana, nesta democracia católica, onde se encontra a liberdade dentro da ordem, a variedade dentro da unidade, o espírito de reforma dentro da continuidade apostólica [...].

Através da compreensão das posições históricas e doutrinárias da comunhão anglicana, é possível notar que a Igreja Episcopal Anglicana assemelha-se em muitos momentos à Igreja Católica Romana, visto que muitas características são preservadas, tais como a conservação do Batismo, da Eucaristia, da Confirmação, da Penitência, das Sagradas Ordens, do Matrimônio e da Unção dos Enfermos.

A hierarquia religiosa da Igreja Episcopal Anglicana tem sua origem dos tempos dos apóstolos, Sobre a divisão dos ministérios, encontra-se as seguintes ordens na Igreja Episcopal, segundo o reverendo Krischke (1957: 91-93):

O ofício do Bispo é – prossegue o Catecismo – ‘ser Pastor chefe na Igreja; conferir Ordens Sacras, e administrar a Confirmação’. [...] O ofício do Presbítero – ensina o Catecismo – ‘é ministrar ao povo entregue ao seu cuidado; pregar a Palavra de Deus; batizar; celebrar a Santa Comunhão, e pronunciar a Absolução e a Bênção em Nome de Deus’. [...] O ofício do Diácono – declara o Catecismo – ‘é assistir o Presbítero no Ofício Divino, e nas outras ministrações, sob a direção do Bispo’.

Essa hierarquização do poder dentro da religião anglicana é preservada, até os dias de hoje, como uma forma de manutenção da ordem estabelecida desde os tempos da Igreja Inglesa. Outra característica muito acentuada no culto anglicano é o uso da Bíblia e do *Livro de Oração Comum* nos ofícios religiosos. Segundo o folheto do reverendo Krischke, “O que é a Igreja Episcopal” (s/ano: 11), é no *Livro de Oração Comum* que: “está entesourada a piedade cristã de muitos séculos. Existe ali copiosa e inspiradora provisão espiritual para cada estágio da nossa vida, quer como indivíduos, quer como coletividade cristã.”



O *Livro de Oração Comum* é um dos livros de maior importância no culto anglicano e nele reside toda a administração dos Sacramentos, ritos e cerimônias religiosas segundo a prática da EAB, sendo esta a grande diferença que separa o catolicismo romano do catolicismo anglicano. Outra diferença entre o catolicismo romano e o catolicismo anglicano, encontra-se no *Livro de Oração Comum* e resume-se à adoção somente dos livros canônicos existentes no Antigo e no Novo Testamento.¹⁴

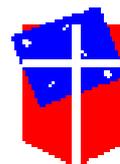
A compreensão da doutrina anglicana é muito importante para entender as implicações na constituição da missão evangelizadora que chegou no Brasil em fins do século XIX e também para o entendimento das escolhas educacionais feitas pela IEAB no Rio Grande do Sul no transcorrer do século XX.

1.2. A MISSÃO ANGLICANA EM PELOTAS

A missão anglicana brasileira teve suas origens no Seminário Teológico da Virgínia, estabelecido em 1823 com objetivo de criar obras evangelizadoras. No ano de 1888 os missionários americanos têm contato com os trabalhos realizados por presbiterianos nos países de raça latina¹⁵, através de um folheto intitulado "The Brazilian Leaflet".

¹⁴ A primeira versão brasileira do Livro de Oração Comum é do ano de 1930 e possuía 39 artigos de religião, sendo que o artigo n.º VI refere-se a Suficiência das Escrituras Sagradas para a Salvação, onde os Livros Canônicos aceitos são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Ruth, Primeiro e Segundo Livros de Samuel, Primeiro e Segundo Livros dos Reis, Primeiro e Segundo Livros de Crônicas, Primeiro e Segundo Livros de Esdras, Livro de Esther, Livro de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cânticos de Salomão, Os Quatro Profetas Maiores e os Quatro Profetas Menores.

¹⁵ Sobre a missão anglicana que estabeleceu-se no Estado do Rio Grande do Sul, consultar as seguintes obras: BECKER (1957 e 1968), KRISCHKE, (1949), KICKHÖFEL, (1995) e STRECK, (1995).



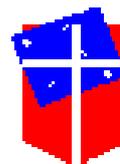
A partir de então, o empenho por estabelecer uma missão no Brasil torna-se uma vontade 'Espiritual, Evangélica e Missionária' dos missionários episcopais anglicanos. No Brasil, o trabalho da Igreja Anglicana começou com os missionários de tendência evangélica (Evangelical Party), que eram responsáveis pelo reavivamento evangélico na Inglaterra e em outros países. Nesse sentido compreende-se o fato de que os primeiros missionários anglicanos que evangelizaram as terras brasileiras no final do século XIX sejam oriundos da Sociedade Missionária Episcopal, da Igreja Protestante dos Estados Unidos. (Kickhöfel, 1995).

Os missionários americanos Kinsolving e Morris chegaram ao Brasil em setembro de 1889 e elegeram o Rio Grande do Sul como o Estado para dar início ao processo de evangelização, instalando, assim, a Igreja Protestante Episcopal no Sul dos Estados Unidos do Brasil¹⁶.

O interesse em estabelecer uma missão em Pelotas surgiu em 1892, na primeira convocação religiosa realizada em Porto Alegre, devido aos aspectos geográficos, econômicos e religiosos na cidade. Em relação aos motivos que levaram à escolha da missão em Pelotas, o Reverendo Oswaldo Kickhöfel (1995: 58), escreve:

[...] Pelotas, foi escolhida porque era a cidade mais importante do Estado depois da capital e a segunda em população, com 30 mil habitantes. Banhada pelo rio São Gonçalo, permitia acesso a todos os navios que entravam no porto de Rio Grande e era passagem obrigatória para os que se dirigiam à capital estadual. [...] possuía um sólido comércio e vários estabelecimentos bancários, [...]. A religião cristã era uma atividade quase inexistente. A Igreja Católica Romana, que para muitos atendia satisfatoriamente as necessidades espirituais da população, tinha uma congregação imaginária de 30 mil almas e dois padres. Os evangélicos

¹⁶ Em decorrência do 2º Concílio da Igreja realizado no ano de 1900, a Igreja mudaria seu nome, por sugestão do Reverendo James Watson Morris, para "IGREJA EPISCOPAL DO BRASIL", permanecendo essa escolha até o Sinodo do ano de 1992, ano do centenário da Igreja. Neste encontro, a Igreja Anglicana fez a última alteração de seu nome e atualmente é conhecida por "IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL". Sobre este assunto, consultar: KRISCHKE, (1949).



alemães tinham um pastor que não tinha rebanho, [...]. Era um professor de meia idade, muito respeitado na cidade, mas não era ministro ordenado e nunca tentou pregar ou manter reuniões religiosas.

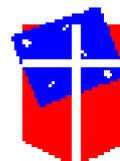
As características geográficas, econômicas e populacionais da cidade despertaram um grande interesse aos membros da IEAB, porém o que causou espanto aos anglicanos foi o número de padres romanos¹⁷ e a relativa ausência de religiões evangélicas e protestantes na cidade, tornando, assim, a cidade de Pelotas, no final do século XIX, um fértil terreno para a missão de evangelização da Igreja anglicana.

Obviamente, todos esses fatores entrelaçados com as disputas religiosas existentes em Pelotas corroboraram para a instalação da missão anglicana em Pelotas, a qual chega à instalação definitiva em 3 de outubro de 1892.

No entanto, houve alguns problemas. O primeiro deles foi conseguir um local para a realização dos cultos, pois muitas pessoas, entre elas charqueadores e proprietários de residências, estavam em suas estâncias nos arredores da cidade, devido aos rumores da Revolução Federalista de 1893. E isso, reduziu o número de casas para aluguel.¹⁸ Ademais o que muito perturbava os anglicanos eram as atitudes de repúdio por parte de fanáticos religiosos católicos. Sobre a existência de atritos entre católicos e protestantes anglicanos, o Reverendo Rudolfo Becker (1968: 78), comenta:

¹⁷ É importante salientar que até a criação da Diocese Católica Romana de Pelotas em 22 de novembro de 1911, por ação do Primaz de Roma, sendo indicado para ser o 1º Bispo, Dom Francisco de Campos Barreto, a Igreja Católica Romana contava com apenas dois Padres para atender os ofícios religiosos da Região. Na Enciclopédia Riograndense, encontramos a seguinte nota sobre a situação da Diocese de Pelotas em 1910: “Encontrava-se a Diocese mergulhada na ignorância religiosa e minada, em grande parte, pelo indiferentismo não raro acompanhado de malícia e de um vil desprezo das coisas santas”. Sobre este assunto, ver LAUFER (1957) e AMARAL (2003).

¹⁸ A Revolução Federalista foi o choque ocorrido entre os partidários de Júlio de Castilhos, governador do Estado do Rio Grande do Sul e os simpatizantes de Silveira Martins nos anos de 1893 e 1895. Sobre este assunto consultar: LOPEZ (1993)



em geral, os missionários e Bispos da Igreja foram recebidos bem pela população, mas também houve casos lamentáveis de hostilidade. [...] Em Pelotas, um velho oficial do exército, que tomou parte na Guerra do Paraguai, com a espada na mão, afastou da porta da casa de oração grupos de turbulentos.

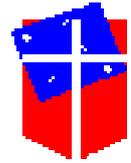
Mesmo assim, as atividades da comunidade anglicana continuavam crescendo e, em 30 de julho de 1893, constata-se a realização da primeira celebração eucarística. O resultado de dois anos da missão parecia estar surtindo o efeito desejado pelos anglicanos. A missão anglicana, no período de 1892 a julho de 1893, já havia realizado seis cultos, quinze reuniões da escola dominical, um casamento, três batismos e um enterro. Esses números demonstram o empenho dos missionários em ampliar o número de seus fiéis na cidade de Pelotas. (Kickhöfel, 1995)

A primeira visita episcopal à cidade aconteceu no mesmo ano de 1893, com o Bispo de West Virgínia, George W. Peterkin. Foi dessa visita que resultou a organização definitiva da Igreja Anglicana em Pelotas, com as primeiras ordenações e confirmações, adoção de uma declaração de princípios e a ordenação dos primeiros ministros.¹⁹

Sobre as contribuições doadas por membros da Igreja, Kichöfel (1995) comenta que elas tinham por objetivo sustentar o clero nacional e alcançar autonomia financeira da Igreja. Esse processo possibilitou que o gerenciamento do dinheiro fosse aplicado na própria comunidade, contribuindo para que a Igreja adquirisse um terreno na cidade de Pelotas no ano de 1908.

Conforme consta no jornal *Diário da Manhã* de 15 de dezembro de 1991, a Igreja Anglicana de Pelotas necessitava de um lugar apropriado para realizar seus

¹⁹ Sobre a primeira visita episcopal a cidade de Pelotas, consultar (KICKHÖFEL, 1995).



ofícios divinos, tendo adquirido “*um terreno que existia à rua 15 de Novembro esquina General Telles, com frente oeste. Pelo terreno foram pagos vinte e dois contos de réis (22:000\$000).*”

Sobre a compra do terreno para a construção do templo anglicano, encontramos o seguinte comentário no livro *História da Igreja Episcopal Brasileira*, do Reverendo George Upton Krische (1949: 129):

dêsse edifício eclesiástico, orgulho de nossa Igreja e da cidade de Pelotas, relatou o Revmo. Bispo Kinsolving: “representa a consagração de muitas aspirações e anseios, durante longos anos. O Edifício, com seu puro estilo, suas proporções grandiosas, suas linhas, arcos e ângulos harmônicos, é o produto do intelecto e coração do próprio pároco [...]”

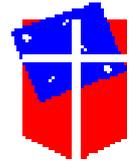
Após a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil adquirir o terreno para a construção do templo, a planta do edifício ficou a cargo do Reverendo John Gaw Meen, formado em Engenharia Civil e Teologia no Seminário da Virgínia, nos Estados Unidos da América. A pedra fundamental da futura Igreja do Redentor foi lançada em 21 de outubro de 1908.

Os membros da Igreja convidavam a população pelotense para a inauguração das obras de construção, fato este noticiado pelos jornais da época na cidade de Pelotas. O jornal *Opinião Pública* de 19 de outubro de 1908 comenta a respeito da solenidade de lançamento da planta da Igreja do Redentor:

Convite: Pedra Fundamental – Os abaixo assinados e a junta parochial, em nome da congregação da Capella do Redemptor, convidam a digna população de Pelotas, a assistir ao lançamento da pedra fundamental da futura Igreja do Redemptor. [...] Esse acto terá lugar no terreno da Igreja, sito a rua XV de Novembro esquina General Telles, no dia corrente. à 1 hora da tarde, se chover, será no dia seguinte a mesma hora.



Centro de Estudos Anglicanos



Através do anúncio deste jornal, é possível notar o interesse na participação popular no ato da colocação da pedra fundamental do templo do Redentor. Contudo o novo templo anglicano só foi inaugurado durante a realização do 11º Concílio da Igreja Episcopal do Brasil, realizado em Pelotas entre os dias 15 e 17 de outubro de 1909. O templo foi consagrado, pelo Bispo Lucien Lee Kinsolving, após a realização do sermão proferido pelo Reverendo Willian Cabel Brown.

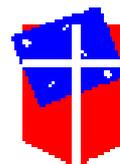
No jornal *Diário Popular* de 18 de outubro de 1909, em face da inauguração do Igreja do Redentor, há o seguinte comentário sobre as características da arquitetura religiosa:

o Templo, estylo gótico, tem 28 metros por 11 metros de largura. O santuário mede 7 metros de comprimento, a torre tem 27,50 metros de altura. A não ser o sino tubular que veio da Inglaterra, tudo para a construção da Egreja foi adquirido neste Estado [...] As janelas são de cores variadas, tendo como temas símbolos e textos bíblicos.

Após a inauguração efetiva do templo, a missão evangelizadora que havia começado em 1892 tinha aparentemente alcançado seus frutos esperados, ou seja, a implantação de uma Igreja de confissão Anglicana, bem como o templo anglicano que, a partir de então, faria parte da cidade de Pelotas como símbolo da arquitetura urbana e religiosa.

Outro dado importante a ser analisado, sobre a história da Igreja Episcopal Anglicana em Pelotas é o fato do tempo de permanência dos reverendos no comando da Igreja. Sobre o número de reverendos da Igreja do Redentor, Krischke (1949: 129), comenta:

em 1912, passa o Reverendo Meem a direção da paróquia, à qual serviu durante 20 anos, ao Reverendo José Severo da Silva, que fazia já algum tempo, alí se encontrava na qualidade de coadjutor. Sob êsse reitorado continuou a paróquia a progredir, tendo, em 1924, solicitado a condição de paróquia independente. [...] Quase ao terminar o ano de 1939 (21 de



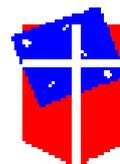
dezembro) falece, repentinamente, o Venerável Arcedíago Pelotense, Reverendo José Severo da Silva, que durante 28 anos, administrou a paróquia do Redentor. É o mais longo reitorado que os nossos anais assinalam, e por sinal, um dos mais profícuos. Substituí-o Reverendo Henrique Todt Jr., [...].

Pelo excerto acima, percebe-se que, durante o período em que a Igreja do Redentor permaneceu sob a tutela e o comando do Reverendo José Severo da Silva (1912-1939), procedeu-se um grande aumento das atividades realizadas pela Igreja Episcopal Anglicana na cidade.

Segundo dados pesquisados até o momento, constata-se que o Reverendo Severo empenhou-se no aumento das ações da Igreja no campo educacional. Logo no início do ano de 1909, já foi criada a classe bíblica da Milícia Cristã, com a função de cuidar da educação das crianças e dos adultos. Sobre o empenho de Severo da Silva e a atuação da Milícia Cristã, o reverendo Kickhöfel (1999: 80-81) faz a seguinte ponderação:

Uma característica do pastorado Severo era a ênfase na educação, especialmente na escola dominical, [...]. Nos países onde proliferavam as escolas dominicais, os crimes infantis praticamente inexistiam, [...] sendo uma novidade para as crianças, que podiam assim expressar sua religiosidade com alegria, cantando hinos, fazendo ingênuas orações, [...]. O analfabetismo era também energicamente combatido por Severo. Em 1912, a Milícia Cristã inaugurou uma escola primária gratuita para adultos, que funcionava três vezes por semana no salão paroquial. [...] Tanto para os primeiros missionários como para o clero nacional, a implantação de escolas dominicais e escolas diárias ou paroquiais era uma obrigação religiosa, moral e cívica, porque o futuro da igreja e do país dependia de uma instrução sadia para crianças.

Outro importante momento da história da Igreja Anglicana de Pelotas, dentro do reitorado do Reverendo ocorreu no ano de 1925 em face da revisão constitucional, durante o Governo do Presidente Arthur Bernardes (1922-1926), quando as chamadas



“Emendas Católicas” propostas pelo Deputado Plínio Marques pretendiam tornar o ensino religioso obrigatório nas escolas públicas e também oficializar a Igreja Católica Romana como a religião oficial do Brasil. Essas emendas favoreciam o ultramontanismo e o jesuitismo do Clero Nacional Católico Romano no Brasil.

Nesse mesmo ano, a Maçonaria criou o Comitê Pró-Liberdade de Consciência, contando com o apoio de Severo da Silva, da Milícia Cristã e da Sociedade Auxiliadora de Senhoras – pertencentes à Igreja Episcopal Anglicana do Brasil -, e também dos representantes do pensamento liberal da cidade de Pelotas. Esse comitê tinha como intuito promover manifestações de protestos, conferências públicas que defendessem a liberdade de consciência e de culto na reforma constitucional de 1925.²⁰

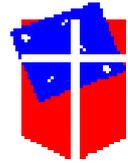
A partir destes aspectos compreende-se que, no decorrer das primeiras décadas do século XX, o clero anglicano se empenhasse em construir escolas confessionais fundamentadas nos conceitos da fé anglicana. Como afirma o Bispo Anglicano William M. M. Thomas, em 1931: *“queremos que os alunos de todas as instituições de instrução no paiz estudem numa atmospheria religiosa, afim de que a sua fé se conserve e se enraize”*.²¹

A importância atribuída pelo clero anglicano a uma escola confessional anglicana e a importância dessa instituição escolar para a vida cotidiana das crianças podem ser percebidas em duas notícias do jornal *Estandarte Cristão* entre 15/03/1935 e 20/05/1936, respectivamente:

Quem pretenderá, ainda hoje, empanar o brilho, obscurecer a grandeza dum centro de cultura? Quem ignorará, ainda, os resultados benéficos dum escola? Quem desconhecerá o desenvolvimento physico-intelectual

²⁰ Sobre a ação do Comitê Pró-Liberdade de Consciência na cidade de Pelotas, consultar o artigo de BICA & TAMBARA (2004) e AMARAL (1999).

²¹ 21Atas do 33º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira, realizado na cidade de Pelotas, no ano de 1931.



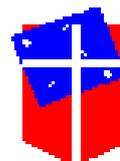
e, também, moral, que produz no íntimo do indivíduo a convivência dum collegio, que é o nosso segundo Lar, centro coordenador de espíritos bem formados? (grifos nossos). Todos nós reconhecemos perfeitamente as consequências bemfeitas que uma instituição de cultura impõe na alma dos habitantes dum cidade, e portanto, nos destinos dum Paiz.

Educar significa não só enriquecer a inteligência com indispensáveis conhecimentos, mas também e principalmente formar o carácter sobre as bases olidas de moral e religião. (grifos nossos) [...] O professor tem uma grande ascendência moral e enorme poder suggestivo sobre o alumno. Entregar um filho a professores indiferentes á religião ou sectários dum credo diverso, é ver sobrados fatalmente todos os piedosos desejos da família. Ao lado de cada Igreja é preciso que surja uma escola. (grifos nossos) [...] Que a Igreja, a grande inspiradora de vossa fé, possa envolver, com o perfume de sua influencia espiritual, a educação ideal de vosso filho!.

Pode-se perceber nesses dois fragmentos de notícias a importância que deve ter sido para o anglicanismo a criação do Ginásio Santa Margarida. Outro imperativo constatado nesse período é a perseguição empreendida pelo clero católico romano contra o estabelecimento de escolas confessionais não-romanas em Pelotas entre as décadas de 1930 a 1940.

Uma ação muito praticada pela Igreja Romana era a veiculação na imprensa católica, sobre a inquietação com a criação de escolas confessionais não-romanas e também a falta de princípios de seus fiéis ao escolher essas escolas, pode-se observar o jornal "Palavra" de 07/06/1936, citado por Amaral (2003: 103):

Lembramos mais uma vez, que os catholicos não podem pôr os seus filhos no Colegio 'Santa Margarida', que é protestante. Si o fazem, peccam gravemente e ficam sujeitos à pena de excomunhão (grifos meus). Acima do modo de pensar de quem quer que seja, opinando não haver mal em levar os filhos para collegio protestante, está o pensar e a ordem da Igreja, única competente para ajuizar sobre o caso. Quem não se conforma com a decisão da igreja, é um rebellado, um inimigo de Deus.



Ainda sobre este esforço empenhado pelo clero católico romano em relação à questão escolar, comenta Amaral (2003:99):

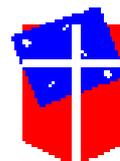
Dentro do processo de romanização, a Igreja Católica, no que dizia respeito à “educação cristã”, apresentava diretrizes extremamente coercitivas, determinando uma série de procedimentos a seus fiéis. Especificamente no que tange à educação escolar, obrigava-os a enviar os seus filhos a escolas católicas e era categoricamente contrária ao ensino ministrado em escolas de ensino laico ou sob orientação de outras religiões.

Este quadro belicoso entre o clero católico romano e o clero anglicano, torna-se a tônica para a criação e manutenção de novas instituições escolares confessionais anglicanas. Nas Atas do Concílio da Igreja Episcopal Brasileira de 1938, foram encontradas as seguintes observações sobre o proselitismo e a importância destas instituições no transcorrer da década de 1930:

[...] Faz-se mistér, então, evitar que os rapazes e meninas, mormente aquelles que não pertençam a familias da Igreja, fiquem sem assistencia espiritual, durante o longo periodo das ferias annuaes, entregues á influencia de um ambiente infenso ou contrario aos ideaes da Igreja. (grifos nossos) [...]. Achamos que, se os Directores e guias espirituaes de nossos collegios, procurarem entrar num accordo para melhor soluçãõ do problema, teremos dado um passo agigantado no sentido de trazer a Christo, por meio da Sua Igreja, muitos jovens que precisam, além dos conhecimentos intellectuaes, [...] o manná divino para as suas almas.

Dentro desse contexto de disputas ideológicas por conquistar e expandir os espaços escolares, os anglicanos preocuparam-se em demonstrar o caráter moral, ideológico, pedagógico e da educação religiosa do Ginásio Santa Margarida.

Sobre a tolerância religiosa no Santa Margarida, encontra-se a seguinte referência em um panfleto informativo do ano de 1935: “*Aceita-se qualquer menina*”



que venha recomendada quanto as suas qualidades moraes". Não se conclui que seja obrigada a filiar-se á Igreja Episcopal Brasileira, mas quanto ao caráter religioso que se encontraria nesta escola, destaca-se a seguinte informação no panfleto informativo de 1944:

Educação Religiosa – Pertence o Ginásio à Igreja Episcopal Brasileira. Procura educar e instruir, inspirando-se nos sublimes princípios de Jesus Cristo e ensinando que a religião consiste em pôr em prática, na vida cotidiana, os altos ideais de moralidade e fé.

Logo, entende-se que as instituições educacionais anglicanas constituíam uma fonte riquíssima de ensinamentos cristãos ajudando a Igreja Anglicana a desenvolver os trabalhos missionários de evangelização no Brasil, começados com a missão evangelizadora no final do século XIX.

A vida da Igreja Episcopal Anglicana em Pelotas é rica em acontecimentos, porém, nesse momento, busca-se apontar comentários sobre a implantação do culto anglicano e também alguns indícios sobre os debates entre católicos romanos e anglicanos episcopais, bem como ressaltar a importância do Reverendo José Severo da Silva, figura central na articulação da construção do Ginásio Santa Margarida.

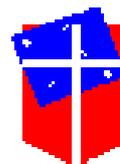
1.3. AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES EPISCOPAIS ANGLICANAS

1.3.1. O Seminário Teológico

Uma das primeiras ações da Igreja Episcopal Anglicana em terras gaúchas foi a criação da "Escola de Profetas", em 15 de junho do ano de 1903, na cidade de Rio Grande, que formaria o futuro clero nacional, proporcionando o conhecimento da doutrina anglicana e a assimilação do dever pastoral missionário dos futuros



Centro de Estudos Anglicanos



reverendos anglicanos. Sobre o Seminário, lê-se no *Estandarte Cristão* de 15.09.1945:

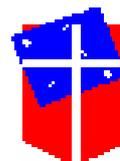
A vida interna do Seminário foi marcada por sadia cordial camaradagem entre os estudantes, [...] preparando-se para o ministério sagrado. Os ministros, formados nessa primeira fase do Seminário, reforçados por alguns que vieram incorporar-se aos que já aqui se encontravam, levaram a bom termo o trabalho de evangelização que lhes foi confiado.

A atuação do Seminário divide-se em dois períodos. O primeiro momento inicia com a sua criação no ano de 1903 e o seu fechamento no ano de 1910, na cidade de Rio Grande, quando formam-se as primeiras turmas de reverendos, entre eles, José Severo da Silva.

Esse período de sua atuação, relativamente curto, deve ser entendido como uma ordem política do clero anglicano americano em limitar o número do clero nacional, mas também como preocupação do sustento destes após a sua ordenação no Seminário, visto que a Igreja Brasileira ainda contava com as benesses da Igreja Episcopal Anglicana Americana. (Krische 1949).

O segundo momento do Seminário tem início na década de 1920, na cidade de Porto Alegre, quando a IEAB consegue comprar um prédio próprio com uma doação proveniente de um fiel americano, comerciante estabelecido no Estado do Pará. (Krische, 1949). O Seminário Teológico anglicano, desde então, vem formando o Clero nacional Anglicano até os dias de hoje. Sobre a importância desta instituição, o *Estandarte Cristão* de 15.11.1945, traz a seguinte nota:

a valiosa contribuição desta agora tradicional Escola de Profetas à vida e ao desenvolvimento da Igreja, dentro destes trinta anos de funcionamento, foi dar à Igreja trinta e cinco ministros (**reverendos**),



devidamente educados e preparados para a seara do Senhor Jesus em nossa Pátria. A formação mental e espiritual da grande maioria de nosso Clero deve-se, sem favor, a este importante celeiro de Profetas.[...]

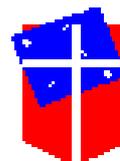
A justificativa anglicana para a criação de um Seminário Teológico no Brasil amparou-se nas palavras do Bispo William Cabell Brown em um artigo publicado no jornal da Igreja Episcopal Americana *The Church at Work*, citado por Krische (1949: 158): 'Depois de ter estado (no Brasil) vinte e quatro anos, cheguei à conclusão de que é absolutamente impossível para a mente anglosaxônica conhecer, a fundo, a mentalidade latina, dentro de uma geração. Daí o se nos tornar clara a absoluta necessidade de aparelharmos, com instrução apropriada, um ministério nacional'.

1.3.2. O Ginásio Cruzeiro do Sul

Outra valiosa fonte de análise para compreender o empenho educacional da Igreja Episcopal Anglicana é a criação da instituição escolar masculina Ginásio Cruzeiro do Sul, no ano de 1912, por iniciativa do Reverendo William Thomas, na cidade de Porto Alegre. Ele se destinava especialmente aos filhos dos membros da Igreja, embora aceitasse alunos de outras denominações religiosas.

Segundo Kickhöfel (1995), a escola tinha como objetivo principal difundir a instrução, desenvolver a 'virilidade cristã' e preparar os jovens para os embates da vida, além de desenvolver a disciplina para o desenvolvimento mental e intelectual dos alunos. Sobre a educação presente no Ginásio Cruzeiro do Sul, encontramos a seguinte notícia no *Estandarte Cristão* de 01.10.1945:

os alunos internos de nossa escola estão em íntimo contato com a Igreja, sendo regular a freqüência aos cultos da Paróquia da Ascensão que se encontra nas proximidades. Grande parte do nosso Clero cursou o Cruzeiro do Sul e ali conheceu a Igreja. [...] As aulas de educação religiosa muito contribuem para afastar da família cruzeireista da



indiferença religiosa, tão comum entre a mocidade dos nossos dias. A educação física não tem sido descurada. Anos após ano, nossos alunos têm participado da tradicional Parada da Pátria.[...].

Desta forma, os dirigentes do Ginásio Cruzeiro do Sul pretendiam conciliar o catecismo cristão, a educação confessional, a moral e o civismo em um mesmo espaço educativo, além de arregimentar um número maior de fiéis anglicanos dispostos a evangelizar e fazer frente à ação dos católicos romanos, os quais também se utilizavam dessa prática na disseminação de seus ideais.

A ideologia e ação doutrinária-cristã da Igreja Católica Romana na constituição de colégios confessionais pode ser analisada na obra: 'A Pedagogia do Catecismo' do Padre Alvaro Negromonte (1959: 78-79):

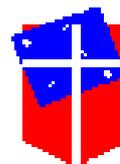
Fazer com que, ao sair do colégio para a vida, o rapaz ou a mocinha esteja penetrado da doutrina da Igreja, para pensar como a Igreja pensa, sentir o que ela sente, querer o que ela quer, agir como ela manda. [...] Esta formação cristã, que o Catecismo visa, deve ter o seu máximo, ou seu apogeu no colégio católico. [...] Como saem os católicos que têm a desgraça de cair nos colégios protestantes? Levam no espírito o germe da heresia. [...] O amor à Igreja deve ser a preocupação dos educadores católicos, como o seu ódio é a dos nossos inimigos.

Conclui-se então, que o interesse empregado na criação de instituições escolares partia tanto da vontade de dirigentes anglicanos como também dos dirigentes católicos romanos, visto que esses colégios eram a possibilidade da evangelização através da educação. Contudo, salienta-se que o debate ideológico-doutrinário em relação ao ensino religioso das escolas privadas e o ensino laico das escolas públicas configurou-se com maior intensidade após a separação do Estado e da Igreja no período da Primeira República do Brasil, como afirma Azevedo (1976: 126-127):



com a separação da Igreja e do Estado e a laicização do ensino administrado nos estabelecimentos públicos (art. 72, n.º 6, da Constituição de 91) [...] A luta no terreno educacional não se devia travar apenas entre o Estado agnóstico que se mantinha fiel às afirmações de neutralidade confessional, e a concepção da pedagogia católica, senão também, no campo religioso, entre os dois pontos de vista confessionais. A concorrência da escola leiga e da escola confessional, de um lado, e, de um outro lado, no domínio da escola confessional, a competição entre as duas concepções escolares, - a católica e a protestante.

Conclui-se, portanto, que com a passagem para o regime republicano no Brasil, ocorreu uma maior inserção social da Igreja Episcopal Anglicana e das Igrejas Protestantes no Brasil, assim como a estruturação de estabelecimentos educacionais confessionais ao iniciar do século XX.



CAPÍTULO 2

ENSINO LAICO E ENSINO RELIGIOSO: O CASO DO COMITÊ PRÓ-LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

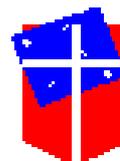
2.1. A cidade de Pelotas e o Comitê Pró-Liberdade de Consciência

Conforme já foi dito, as discussões sobre o ensino religioso nas escolas ressurgiram com maior intensidade no final do século XIX, após a promulgação da Constituição da República de 1889, com o estabelecimento da separação do Estado e da Igreja e a laicização do ensino.

Dentre os vários artigos da Constituição de 1891, o artigo 72, § 6º- estabelece: "será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos". A expressão "será leigo" tinha conotação para os membros da Igreja Católica e alguns legisladores do regime republicano no Brasil de irreligioso, ateu e laicista.

Como continuidade da mudança iniciada com a Constituição de 1891, no ano de 1925, em face da revisão constitucional prevista pelo governo do presidente da República Arthur Bernardes (1922-1926), ocorre uma polêmica sobre a adoção do ensino religioso nas escolas públicas brasileiras. A situação deu-se em torno de duas emendas constitucionais sugeridas pelo Deputado Plínio Marques.

A primeira delas planejava tornar o ensino religioso facultativo para os alunos, sujeitando o poder público a permitir a sua inclusão no currículo das escolas que assim o desejassem; a segunda tornava como religião oficial do Brasil o Catolicismo Romano. Tais emendas causaram um grande alvoroço na sociedade, principalmente



nos grupos que defendiam a idéia de “escola laica”.²² Em relação à questão das emendas religiosas de Plínio Marques, Jorge Nagle (2001: 87) comenta:

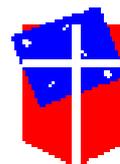
a favor da aprovação, os católicos argumentavam que elas “representavam a aspiração da maioria” e constituíam a “legítima vontade da alma nacional”; os não-católicos e mesmo alguns católicos procuravam mostrar que tais emendas são “atentatórias à liberdade espiritual”, representavam a “oficialização do romanismo, do ultramontanismo”, podem significar o “germe de discórdia entre as famílias”, além do que “ferem os ideais republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade e podem provocar o “renascimento da questão religiosa e seus males.

Sobre a questão específica do ensino religioso nas escolas, o jornal *Diário Popular* de 15.09.1925²³ traz uma entrevista com o então deputado federal gaúcho Getúlio Vargas, na qual ele afirma: “a introdução do ensino religioso como postulado constitucional, embora sob a fórmula facultativa, pode acarretar inconvenientes, conforme o critério do interprete de sua aplicabilidade, acender disputas religiosas e determinar complicações jurídicas.”

Ainda na mesma entrevista, Vargas comenta sobre os grandes serviços do catolicismo, alertando, porém, ser muito contestável afirmar que o catolicismo fosse a religião da totalidade dos brasileiros. Em continuidade, acrescentava que para ser católico, era preciso conhecer a doutrina, aceitar os dogmas e praticá-los. Segundo ele, nessas condições haveria uma pequena parte da população brasileira, preponderantemente a alta sociedade, adotava um catolicismo cético e elegante, ignorado pela grande massa que ainda estava na fase fetichista da adoração de santos com especialidades milagreiras.

²² Dentre os grupos que não aceitavam as emendas do Deputado Plínio Marques, estão presentes as Igrejas Protestantes, os maçons, os “republicanos-positivistas” e políticos gaúchos como Borges de Medeiros, Lindolfo Collor, Ildelfonso Simões Lopes, Getúlio Vargas, entre outros. (*Diário Popular*, 15 e 16 de outubro de 1925).

²³ O jornal *Diário Popular* era uma publicação oficial do Partido Republicano Riograndense e foi fundado na cidade de Pelotas, no final do século XIX.



As críticas contrárias às emendas serviram como estímulo para a formação de Comitês favoráveis à “Liberdade de Consciência” em todo o Brasil, gerando uma forte reação às emendas do deputado Plínio Marques.

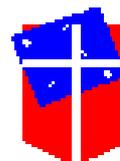
2.2. As motivações e o início do Comitê Pelotense

Em 1925, Pelotas organiza o seu Comitê Pró-Liberdade de Consciência, o qual contava com a presença de representantes de 18 associações religiosas e civis da cidade²⁴. A edição do Jornal *Estandarte Cristão* de 20 de setembro de 1925, traz a notícia de sua primeira reunião:

a 14 do corrente realizou-se nos salões da loja maçônica “Fraternidade” uma importante reunião das associações signatárias do telegrama que a 7 de setembro foi endereçado aos poderes da República, [...] foi instalado o Comitê permanente Pró liberdade de Consciência, representando associações religiosas e civis desta cidade, todas irmanadas para a defesa sacrossanta da liberdade de consciência. [...]. O Comitê reúne-se duas vezes por semana.

O Comitê, cujo presidente era o Reverendo José Severo da Silva, tinha como objetivo discutir as emendas, enviar telegramas e cartas aos deputados, políticos e à Câmara dos Deputados, além de recolher abaixo assinados em rejeição às emendas católicas. O *Estandarte Cristão* apresenta, nas edições do mês de setembro, uma

²⁴ As Associações religiosas e civis que participaram do Comitê Pró-Liberdade de Consciência de Pelotas em 1925, eram: Escola Dominical da Igreja do Redentor, Junta Parochial, Centro Teosófico H. P. Blavatsky, Igreja Episcopal do Redentor, Milícia Cristã, Sociedade Auxiliadora de Senhoras, Centro Espírita Jesus, Liga Operária, Sociedade Auxílio Fraternal de Senhoras Espíritas, Federação Acadêmica, Grêmio Acadêmico de Agronomia e Veterinária, Grupo Espírita Francisco de Jesus Verneti, Centro Espírita Humildes Filhos de Deus, Sociedade União Espírita Francisco de Paula, Jornal “O Pharol”, Colégio Espírita Jeremias Fróes, Grupo Espírita Bartholomeu, Sociedade União e Instrução Espírita, Escola Prática do Comércio, Jornal “O Templário”, União Republicana, Igreja Batista, Igreja Evangélica Alemã, Loja Cruzeiro do Sul e Associação Cristã de Moços. Sobre este assunto, ver AMARAL (1999).



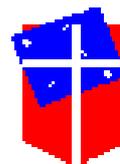
série de notícias a respeito das discussões feitas em torno das emendas que afetariam a liberdade religiosa e o ensino religioso no Brasil.

Na sua edição de 30 de setembro de 1925, o jornal traz o Memorial intitulado “Pró Liberdade de Consciência” que iria ser enviado a Câmara dos Deputados. Nele é apontado inicialmente, a contestação às emendas propostas:

Os abaixo-firmados, habitantes de Pelotas, representantes de todas as classes sociais e de todos os credos religiosos e filosóficos,[...] expressando por este meio o sentimento de alguns milhões de filhos desta grande pátria,[...] não permitirão que seja desferido esse golpe mortal nos democráticos princípios de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, que são os sustentáculos da Ordem e do Progresso da instituição republicana. [...] Cercear a liberdade de consciencia a tão respeitavel parte da população brasileira, estabelecendo o odioso privilegio em beneficio exclusivo duma religião, seria implantar o regimen de desigualdade [...], fazendo retrogradar a cultura e civilização do Brasil ás remotas eras de intolerancia e cavando intransponivel abysmo entre irmãos, filhos de uma mesma patria.

O comitê pelotense através do significativo número de reuniões e da importância de suas ações, bem como o acompanhamento dado às discussões na Câmara dos Deputados, parece ter, nesse ano, corroborado para a sensibilização de uma parcela considerável da população pelotense no ano de 1925 nas discussões sobre os efeitos das emendas católicas.

Junto ao Memorial enviado à Câmara Federal, o comitê organizou um abaixo-assinado que contava com 10.536 assinaturas, isso demonstra a influência da atuação do comitê na sociedade da cidade de Pelotas. Segundo nota no *Estandarte Cristão* de 10 de outubro de 1925, o abaixo-assinado enviado à Câmara Federal, contava com a assinatura de 6.958 homens e 3578 mulheres e com o apoio de médicos, advogados,



engenheiros, banqueiros, professores, operários, pessoas de todas as classes sociais – amigos da liberdade de consciência²⁵.

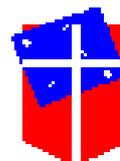
Segundo consta no *Estandarte Cristão* (30.10.1925), essa etapa de debates em torno das emendas religiosas teve seu fim no início do mês de outubro do mesmo ano. A iniciativa dos grupos contrários às idéias pretendidas pelo Deputado Plínio Marques foram derrubadas por 60 deputados, num total de 117 na Câmara Federal, destacando-se, nesse sentido, os deputados Getúlio Vargas, Basílio de Magalhães, Azevedo Lima, Simões Lopes, Lindolfo Collor e Adolpho Bergamini que provocaram, naquele momento, a derrocada dos defensores do Clero Nacional Católico.²⁶

A respeito da derrota das chamadas “emendas católicas”, o *Estandarte Cristão* de 30/10/1925 apresenta um fragmento do discurso proferido pelo Deputado Wenceslau Escobar do Estado do Rio Grande do Sul sobre o seu voto a favor da liberdade de consciência: “*Queria apenas fazer sentir, com a minha experiencia, que, si votarmos essas emendas religiosas lançaremos no seio do nosso povo a semente de agitações futuras, de futuras questões religiosas que vão perturbar a nossa sociedade, levando, talvez, a discordia até o seio da nossa propria familia.*”.

Contudo, os conflitos entre a Igreja Católica e os defensores da escola laica no Brasil não se encerram após a derrota das emendas religiosas em 1925. Salienta-se que a década de 1920 está inserida no contexto do rompimento de velhas estruturas nacionais, incluindo a ligação entre Igreja e Estado.

²⁵ Para se ter idéia da abrangência deste fato, os dados estatísticos indicam que a população do município de Pelotas era de aproximadamente de 80.000 no ano de 1925. (Pimentel, 1940)

²⁶ Os grupos que faziam a defesa do Clero Nacional estavam ligados a D. Leme (arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro), à Revista “Ordem” criada por Jackson de Figueiredo em 1921, à Confederação Católica fundada em 1922 e ao Centro D. Vital. Sobre este assunto, ver NAGLE, (2001) e CURY, (1978)



A questão do Ensino Religioso nas escolas brasileiras volta à tona alguns anos mais tarde quando Getúlio Vargas assumiu o Governo Provisório da Nação, após a deposição do presidente da República Washington Luís.²⁷

A expectativa inaugurada pela posse do novo governo ampliava o debate político e educacional por parte de liberais, católicos, integralistas, governistas e aliancistas. Em suma, todos desejavam e aguardavam do novo governo a construção de um novo Brasil, diferente da República Oligárquica que a Revolução de 1930 havia colocado de lado.

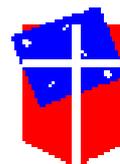
Ao contrário do que se esperava, em relação à educação, a instalação do novo governo e as atitudes promovidas por Vargas buscavam desempenhar um esforço governamental no sentido de controlar as duas tendências do pensamento educacional, surgidas na Primeira República. De um lado, estavam as vertentes ligadas à Igreja Católica as quais desaprovavam alterações modernistas; de outro lado, estavam os grupos ligados aos “profissionais da educação” e liberais que desejavam mudanças qualitativas e quantitativas na rede de ensino público.²⁸

Os debates em torno do ensino religioso nas escolas brasileiras se apresentaram com maior intensidade após o início da década de 1930. Os grupos ligados ao Comitê de Pró-Liberdade de Consciência da cidade de Pelotas, voltaram a reunir-se com o objetivo de discutir os trabalhos constituintes realizados na Capital Federal, contando novamente com a presença do Reverendo José Severo da Silva no cargo de 2º vice-presidente e presidente da “Comissão de Propaganda”. A primeira reunião do novo comitê aconteceu em 12 de janeiro de 1931.²⁹

²⁷ Sobre o processo de transição política ocorrida em 1930, consultar IGLESIAS (1993).

²⁸ Sobre os grupos que promoviam debates sobre as tendências educacionais na década de 1920, consultar NAGLE (2001).

²⁹ O Comitê na cidade de Pelotas, realizou um total de três reuniões, a primeira reunião na Loja Maçônica “Fraternidade” e outras duas no salão da Biblioteca Pública Pelotense. (jornal Estandarte Cristão de 30 de março de 1931).



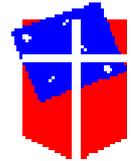
Segundo o *Estandarte Cristão* de 15/04/1931, o que mais causou espanto aos membros do Comitê de Pelotas foi a entrevista dada por Francisco Campos³⁰, então, Ministro da Educação e da Saúde Pública (MESP), demonstrando um apoio explícito à Igreja Católica. Logo, houve a imposição do Decreto Federal de nº 19.941 em 30 de abril de 1931, o qual instituía nas escolas oficiais, nos cursos primário, secundário e normal o ensino religioso facultativo, dispensava da freqüência os alunos cujos pais ou tutores assim requeressem no ato da matrícula. Esse ato demonstrava que o Governo Provisório se inclinava às reivindicações católicas. Sobre a instituição do ensino religioso pelo Decreto do Governo Provisório em 1931, Fernando de Azevedo (1996: 671) comenta:

O decreto do Governo Provisório, instituindo nas escolas oficiais o ensino religioso facultativo, que fazia parte integrante e fundamental das reivindicações católicas e da política escolar da Igreja, forneceu matérias para debates longos e acirrados aprofundando a linha de demarcação entre a maior parte dos reformadores em cujo programa figura a laicidade do ensino e os educadores católicos que tornaram a defesa de pontos capitais do seu programa escolar, e, especialmente, do ensino religioso nas escolas públicas.

Salienta-se que o Decreto de 30 de abril renegou todas as aspirações sobre a idéia de Estado Livre e de Igreja Livre. Esse fato acendeu novamente as discussões e debates sobre a questão religiosa e a proteção do governo ao catolicismo.

O 5º Congresso Evangélico Brasileiro, realizado na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 30 de abril e 4 de maio de 1931, repudia o Decreto do governo provisório, como afirma a notícia do *Estandarte Cristão* de 15 de maio do mesmo ano:

³⁰ Francisco Campos, pertencia ao grupo dos profissionais da educação e havia sido secretário de governo do Estado de Minas Gerais no final da década de 1920



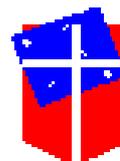
Os homens do governo, porém, estão conspurcando aqueles princípios, desvirtuando as suas declarações, fugindo aos compromissos assumidos para com a Nação e deixando o povo surpreendido com esses desacatos aos seus direitos, com esse golpe contra a sua liberdade de pensamento, de consciencia, impondo pelo decreto n.º 19.941, de 30 de abril de 1931, o ensino religioso nas escolas oficiais. O Congresso Evangélico não podia calar num momento tão triste para o Brasil, quando precisamente se busca firmar a doutrina de liberdade, de Igreja livre e de Estado livre, para ser possível alicerçar, na ordem e na justiça, a grande Patria que vem sendo construída desde a jornada de outubro.

A partir deste momento, o Comitê Pró-Liberdade de Consciência Pelotense começa a agir por intermédio de sua Comissão de Propaganda através de uma campanha de repúdio ao decreto federal que institui o ensino religioso facultativo nas escolas públicas oficiais.

A ação do novo Comitê Pelotense, que representava um total de 45 sociedades filosóficas, religiosas e leigas não se restringia apenas a convocar reuniões, mas também à elaboração de conferências na cidade, além de redigir telegramas endereçados a políticos brasileiros e também ao chefe do governo provisório, Getúlio Vargas.

O grau de insatisfação e de contrariedade em relação ao Decreto de maio de 1931 demonstrado pelo Comitê Pró-Liberdade de Consciência da cidade Pelotas, pode ser observado, na leitura dos telegramas enviados, respectivamente, ao político gaúcho Borges de Medeiros e ao chefe do governo Provisório Getúlio Vargas, extraídos do Estandarte Cristão de 15/04/1931:

ao Ilmo. sr. dr. Borges de Medeiros, [...] Comitê Pró-Liberdade de Consciência de Pelotas hontem lavrou sollene protesto decreto ensino religioso. Esperamos eminente brasileiro grande defensor principios democraticos fará sentir por sua voz autorizada repulsa Rio Grande nefando attentado liberdade consciência.



[...] causou estupefacção o vosso apoio projecto nos faz retrogradar precisamente quando paizes mais religiosos vêm estabelecendo rigorosa separação Igreja Estado por considerarem única situação compativel época presente. Rio Grande se poz frente Brasil campanha victoriosa garantidora novas franquias democraticas liberaes fica para traz agora defendendo anachronismo nefasto.

Os protestos ao decreto continuavam incessantes por parte de vários comitês espalhados pelo Brasil. Entretanto, é no mês de maio de 1931 que a força desses comitês viria à tona em todo o país, com a criação, no Rio de Janeiro, da "Coligação Pró-Estado Leigo", que reunia todos os comitês pró-liberdade de consciência e ligas de estados.

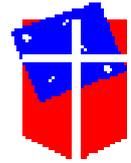
Sobre a criação do Pró-Estado Leigo e a participação e colaboração dos vários segmentos religiosos da sociedade no Rio Grande do Sul, encontra-se a presença da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, da Igreja Metodista do Brasil, das Igrejas Evangélicas ligadas ao Sínodo Rio-Grandense e também da Maçonaria.³¹

A atuação do Comitê Pró-Estado Leigo torna-se efetiva no ano de 1931, como relata o *Estandarte Cristão*, de 15 de outubro desse mesmo ano:

no dia 30 do mês p.p., a diretoria da coligação [...] esteve em palácio com o Sr.Dr. Getulio Vargas. [...], refletindo o pensamento dos membros de mil e quatrocentos e doze corporações [...], vem pelo presente solicitar a preciosa atenção de V. Ex. para a situação criada pelo decreto [...], que tornou facultativo o ensino religioso nas escolas [...].

Paralelamente à iniciativa federal, o Comitê Pelotense promovia a circulação de listas de assinaturas pretendendo a permanência do ensino laico e livre nas escolas brasileiras.

³¹ Sobre a colaboração das Igrejas protestantes na criação do Pró-Estado Leigo no Rio Grande do Sul, consultar:BECKER (1957), PINHEIRO (1957) e TAMBARA (1995).



Com a criação do Comitê Pró-Estado Leigo, a atuação e a movimentação do Comitê Pelotense começa a fazer parte de um contexto mais amplo, isto é, ligado aos anseios liberais existentes no âmbito nacional. O Comitê Pró-Estado Leigo Nacional necessitava da ajuda de seus sub-comitês existentes nas várias cidades brasileiras.

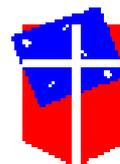
A partir de maio de 1931, as notícias encontradas no Estandarte Cristão referem-se somente à direção tomada pelo Comitê Pró-Estado Leigo, possuindo pequenas notas sobre depoimentos escritos de pessoas ligadas ao Comitê Pelotense.

Os debates em torno do decreto de 30 de abril prosseguem nos primeiros anos da década de 1930, provocando várias controvérsias entre os grupos católicos e os comitês leigos até a implantação da Constituição Brasileira de 1934. Devido, também, a esse clima de conflito, instaurado em torno das questões religiosas na educação escolar, os grupos que defendiam a escola livre publicaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932.³²

O Manifesto deixava claro entre os seus princípios uma posição bastante favorável à laicidade do Ensino no Brasil. Pode-se observar, então, a consonância de interesses entre os comitês leigos e os participantes do Manifesto de 1932, ambos demonstrando compartilhar de idéias sobre escolas livres, leigas, gratuitas.

O ano de 1933 é crucial para a continuidade dos debates em torno do Decreto de 30 de abril. O Governo Provisório decidira convocar, para maio desse ano, eleições para o Congresso Nacional que votaria a Constituição de 1934. Nesse sentido era

³² O documento era liderado por Fernando de Azevedo, defendia a educação obrigatória, pública, gratuita e leiga como dever do Estado, Este manifesto ainda contava com a assinatura de mais 26 educadores, tais como, Lourenço Filho, Anísio Spinola Teixeira, Pascoal Leme, etc... . Sobre este assunto específico, ver XAVIER Embora não seja intenção nem objetivo deste capítulo estabelecer os possíveis elos de ligação entre o Comitê Leigo Pelotense e os educadores presentes do Manifesto de 1932.



preciso arregimentar forças sociais e políticas para combater a ação católica nos projetos e nas emendas constitucionais. Sobre o processo eleitoral de maio de 1933, o Estandarte Cristão de 15 de julho, comenta sobre a vitória da Liga Eleitoral Católica³³:

Terminou a apuração das eleições realizadas, [...]. Venceu estrondosamente a União Cívica, o partido do governo. Essa vitória é a vitória da Liga Eleitoral Católica, que se acha unida de corpo e alma à ditadura. [...] Como se vê, a Liga Eleitoral Católica impõe condições a Federação dos Partidos oficiais. A constituinte está portanto, nas mãos da cleresia. É ela que vai ditar a Carta magna da República.

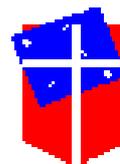
As discussões sobre a introdução do ensino religioso nas escolas brasileiras criaram tanta polêmica, que o educador Fernando de Azevedo (1996: 673), afirma:

Foi, pois, a questão do ensino religioso, [...], que desencadeou ou tornou mais áspera a luta que, se não teve fim, teve, certamente, como uma de suas conseqüências, criar uma incompatibilidade quase irreduzível entre a idéia religiosa e a idéia renovadora da educação.

Apesar dos anos de polêmica, de todas as manifestações favoráveis ao ensino leigo empreendidas pelo Comitê Pró-Estado Leigo, a laicidade do ensino foi rejeitada na Constituição de 1934, que contemplou muitas das reivindicações da Liga Eleitoral Católica (LEC).

A Constituição de 1934, mesmo mantendo a separação entre a Igreja e o Estado, possibilitou à Igreja a ajuda financeira do governo no interesse da coletividade. Foi, portanto, a instituição do artigo de no153 a grande vitória dos católicos, prevendo a educação religiosa dentro do horário escolar nas escolas públicas brasileiras.

³³ A Liga Eleitoral Católica foi criada na década de 1930, com o objetivo de pressionar os partidos políticos para a aprovação das “emendas religiosas” na constituição de 1934. Sobre a ação da LEC na conjuntura da constituição de 1934, ver CURY, (1978

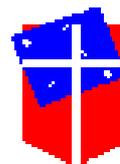


O Comitê Pelotense e o Comitê Nacional Pró-Estado Leigo haviam perdido a batalha contra as orientações católicas na Constituição de 1934 no que diz respeito à imposição do Decreto de 30 de abril de 1931, da lei que permite o ensino facultativo de religião nas escolas públicas do Estado.

No entanto, a grande “*derrota*” do Comitê Pelotense chegaria somente em 22 de julho de 1935, quando o Interventor do Estado do Rio Grande do Sul, José Antônio Flores da Cunha promulgou o decreto de nº 6024, que criava dispositivos estaduais para regulamentar o ensino religioso nas escolas públicas. (2004). O Decreto Estadual é transcrito na íntegra pelo *Estandarte Cristão* de 30 do mesmo mês, Dentre os seus vários artigos, destacam-se:

Art. 1º - O Ensino religioso será de freqüência facultativa, sem ônus para o escolar nem para o Estado, [...]. Art. 3º - Somente poderão ministrar o ensino religioso nas escolas publicas os ministros das diversas Igrejas ou de confissões religiosas que não contrariem a ordem publica e aos bons costumes (Const. Federal,art. 113, n.º 5). Essa atribuição poderá ser delegada, pela auctoridade religiosa competente, a professores e catechistas, [...]. Art. 4º - Como autoridade religiosa entende-se as cúrias dos bispados católicos e as organizações equivalentes das outras religiões existentes no Estado.[...]. Art. 8º - A organização do programa do ensino religioso, e a indicação de livros a adotar competem às autoridades a que alude o Art. 4º deste decreto. Art. 12º - Ficam vedadas aos professores de ensino religioso quaisquer críticas ou censuras a outros credos ou confissões, principalmente selecionadas no estabelecimento. Comprovado o fato, ser-lhe-á cassada a licença para o exercício desse ministério, pela autoridade competente.

Portanto, o Decreto Estadual e a Constituição Estadual de 1935, fizeram com que as organizações e instituições protestantes e evangélicas não-romanas no Estado do Rio Grande do Sul, ampliassem as suas ações em formar professores e catequistas para atuação nas escolas públicas do Estado. Essa afirmação pode ser constatada pelo extrato da notícia apresentada pelo Jornal *Estandarte Cristão* de 15 de agosto de 1935:

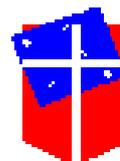


Acha-se em plena atividade, no interesse do ensino religioso nas escolas publicas, o rev. João Baptista Barcellos da Cunha, representante oficial da Igreja Episcopal Brasileira junto a Secretaria de Estado da Educação e Saúde Pública. Sua revma. Foi já diversas vezes recebido pelo respectivo titular dessa secretaria, sr. Othelo Rosa, que o apresentou em seu caracter official aos diretores das Escolas Publicas desta capital, bem como ao conego Nicolau Marx, representante da Curia Metropolitana. Espera-se que desses encontros resulte compreensão satisfactoria de religião nas aulas publicas do Estado [...]

Ressalta-se, então, que vários momentos das discussões relativas às questões do ensino religioso nas escolas brasileiras estiveram presentes no Estandarte Cristão, demonstrando assim os interesses da Igreja Anglicana Brasileira e sua estreita relação com o ensino laico.

Afirma-se que o processo desencadeado em 1925 com as emendas católicas estimulou a discussão da liberdade religiosa nas escolas brasileiras e também colaborou com a instituição de um Decreto Estadual que ampliou a ação das Igrejas Protestantes e dos evangélicos não-romanos junto à educação no Estado do Rio Grande do Sul.

A existência do Comitê Pró-Liberdade de Consciência em Pelotas e o discurso presente no Estandarte Cristão podem ter dado sustentação para a criação do Ginásio Santa Margarida na cidade de Pelotas, em 1934. As notícias do periódico demonstram a contrariedade de uma parcela da comunidade pelotense diante da possibilidade do ensino religioso católico nas escolas públicas.



CAPÍTULO 3

O GINÁSIO SANTA MARGARIDA:

UM PROJETO DE ENSINO, UM PROJETO DE VIDA

3.1. A Criação do Ginásio Santa Margarida

O Ginásio Santa Margarida foi inaugurado em março do ano de 1934, em sessão presidida pelo Bispo William Mathew Merrick Thomas³⁴, contando com a presença dos membros do Conselho Consultivo da Escola³⁵: o Reverendo José Severo da Silva (Presidente), Horaida Duval da Silva (Membro da Sociedade Auxiliadora de Senhoras), Lili Krentel Frelechoux (Secretária), Reverendo Carlos H. Clemente Sergel (Tesoureiro) e Hedy Sergel (Diretora). O Ginásio Santa Margarida funcionou nos seus dois primeiros anos em uma casa alugada, na rua Santa Cruz, n.º 172.

O primeiro corpo docente da escola era pequeno e composto pelas professoras Gladys Tweedie, Cândida Rocha Leão, Maria José Lopes Custódio e uma professora auxiliar. O número total de alunas era de 44, das quais 14 no Jardim de Infância, 24 no Curso Elementar, 1 aluna no Curso Secundário e 5 alunas particulares³⁶.

³⁴ O Bispo Americano William M. M. Thomas foi o segundo Bispo da Igreja Episcopal Anglicana no Brasil, seu bispado começou em 1925 e terminou em 1940, quando foi substituído pelo Bispo Athalício Theodoro Pithan, primeiro Bispo brasileiro da Igreja Anglicana, que permaneceu no cargo até 1955.

³⁵ O Conselho Consultivo da Escola Santa Margarida reuniu-se pela primeira vez em 24 de abril de 1934 e tinha como critérios específicos até a emancipação da Igreja Anglicana no Estado do Rio Grande do Sul: resolver assuntos relativos à escolha da direção da Escola; examinar o programa geral de estudos adotado pela diretora da Escola; aprovar a execução de construções na Escola dentro dos recursos financeiros disponíveis pela Igreja; além de examinar o balancete anual apresentado pelo tesoureiro da escola. Após a emancipação da Igreja no Estado, que só ocorreu no ano de 1955, tinha como funções: escolher a diretora da Escola, com o conselho e consentimento do Bispo e examinar e aprovar o orçamento da Escola.

³⁶ Ata do Concílio da Igreja Episcopal do Brasil do ano de 1934.



A Escola tinha como lema a expressão em Latim: "Domine, dirige nos". O significado da expressão latina, pode ser compreendida como: "Senhor, dirige-nos", e é usado ainda hoje pela escola em sua bandeira e nos símbolos internos da Instituição Escolar.

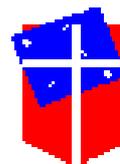
Pode-se observar que o nome "Santa Margarida", escolhido pelos membros da IEAB vinha carregado de simbolismos e intenções teológicas e doutrinárias, pois refere-se a uma mulher que, no tempo em que cristãos eram atacados pela intolerância religiosa das perseguições romanas, resistiu e persistiu fiel a sua doutrina religiosa. Essa constatação, pode ser feita se observarmos a notícia do *Estandarte Cristão* de 15 de janeiro de 1934:

O nome do collegio nos traz à memória uma crente fiel do século terceiro da era cristã. Durante a perseguição dioclesiana, ella, mocinha ainda, preferiu seguir a Christo, deixando a sua luz brilhar nas trevas do paganismo, fiel até a morte, e assim conquistou a 'coroa da vida'.

Outra ilação que se pode fazer em relação ao simbolismo contido no nome "Santa Margarida" pode ser extraída do panfleto informativo da escola do ano de 1940:

Dando o nome de Santa Margarida a sua escola diocesana para meninas, a Igreja Episcopal Brasileira presta delicada homenagem à memória da donzela de Antioquia de Pisidia [...]. O célebre pintor Rafael fez um lindo quadro, que **representa Margarida no cárcere, a calcar com o pé um grande dragão, símbolo da tentação. Margarida, do latim 'Margarita', significa perola, pedra preciosa.** (grifos nossos)

Ao apresentar a escola, os anglicanos tinham a intenção de demonstrar às futuras alunas margaridenses que elas conseguiriam vencer a tentação e o pecado, permanecendo puras e delicadas como uma pedra preciosa, isto é, que elas saberiam



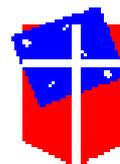
separar o sagrado do profano, a moral da imoralidade humana. Compreende-se, então, que essas intenções teológicas e doutrinárias viessem aliadas por intenções pedagógicas e/ou educacionais de formar uma elite calcada no perfil cristão feminino de educadora-formadora das futuras gerações cristãs da cidade de Pelotas.

Havia uma preocupação em demonstrar o seu projeto de ensino às alunas, tendo em vista o ideal cristão da escola. Isso pode ser apreendido através da análise da passagem bíblica narrada pelo *Estandarte Cristão* de 15 de janeiro de 1934, em que, por analogia, se propõe que as alunas do Ginásio Santa Margarida, ao ingressarem na escola, aprenderiam a distinguir as virtudes femininas que seriam ensinadas³⁷.

Conseqüentemente, absorveriam com sabedoria eventuais sentimentos dicotômicos entre os seus interesses materiais e os seus interesses espirituais, isto é, as alunas margaridenses deveriam saber conciliar os seus afazeres domésticos e públicos com as suas práticas religiosas.

A conjugação das duas virtudes margaridenses também pode ser observada, quando percebemos que as alunas do Ginásio Santa Margarida recebiam uma Oração que deveria ser proferida ao iniciar do dia letivo: *"DIRIGE NOS, ó Senhor, em todas as nossas ações com teu graciosíssimo favor, e ajuda-nos com teu continuo auxílio, afim de que, em todas as nossas ações começadas, continuadas e terminadas em ti,*

³⁷ Sobre o ideal cristão da escola, a notícia do Jornal faz referência a uma passagem bíblica do Novo Testamento: "[...]. E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome de Marta, o recebeu em sua casa; tinha uma irmã chamada Maria, a qual assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços; e aproximando-se disse: Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada".(grifos nossos) (Lucas, 10: 38-42)



glorifiquemos o teu santo Nome, e, finalmente, por tua misericórdia, obtenhamos a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. Amem."³⁸

É compreensível que o ideal cristão e o caráter do ensino do Ginásio Santa Margarida fosse dar visibilidade ao estereótipo do "ser mulher", numa espécie de transfiguração do corpo e do espírito dessas meninas, como se elas pudessem constituir-se ao mesmo tempo em duas partes únicas, sendo a primeira delas destinada aos 'afazeres domésticos' (Martha) e a segunda aos 'afazeres fora do lar' (Maria), numa referência à identidade pública e privada da mulher contemporânea.

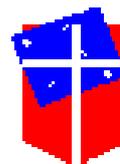
Sobre a conciliação dessas virtudes femininas pretendidas no Santa Margarida, transcrevemos um pedaço da entrevista concedida pela ex-aluna Rosa Maria Silva de 25/06/2005, realizada na exedra da catedral do Redentor em Pelotas, quando perguntada sobre a referida passagem bíblica e a sua relação com o ensino do Ginásio:

Ah! Sim. Sem sombra de dúvida. Em seguida que terminei o 2º grau, comecei a trabalhar lá (Santa Margarida). A escola nos preparava para tudo, para o trabalho mesmo profissionalizante e para a vida de dona-de-casa. Eu sei fazer tudo numa casa. Muito aprendi no Santa Margarida. Eu saí trabalhando e nunca mais parei de trabalhar, inclusive na faculdade.

Na constituição do Ginásio Santa Margarida nota-se uma intencionalidade em comunicar o vigor moral da escola recém-estabelecida na cidade de Pelotas, como também demonstrar novidades e inovações pedagógicas para a comunidade pelotense, como o uso da carteira individual ³⁹de acordo com os preceitos da

³⁸ Documento institucional encontrado nos arquivos do Colégio Santa Margarida, onde constam algumas orações proferidas pelas alunas, por ordem: Oração do Colégio, Meditação para Manhã, Resolução Matutina, Litanias Noturnas e Um Pensamento para esta Noite.

³⁹ A carteira individual era uma novidade pedagógica introduzida no Brasil a partir do início do século XX, que tinha por objetivo dar mais conforto e individualidade aos alunos das escolas que usavam este novo instrumento pedagógico. Sobre a "Pedagogia Moderna", ver: Anísio Teixeira,

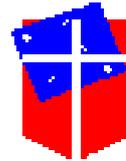


pedagogia moderna. Como ressalta o Jornal *Estandarte Cristão* de 15 de janeiro de 1935: “O edificio actual só poderá receber um número limitado de alumnas, pois visamos o bem-estar de todas; cada alumna occupa a moderna “carteira individual”.

Percebe-se a tentativa de ligação entre os discursos cristãos e os discursos pedagógicos do Ginásio Santa Margarida, quando acontece o ato de lançamento da pedra fundamental do novo prédio da escola, em 30 de outubro de 1935. O *Estandarte Cristão* traz o discurso do Reverendo Athalício Pithan, do qual tiramos os seguintes fragmentos, sobre a proposta da escola e a sua aproximação com a Pedagogia Moderna:

[...] Com os novos methods de educação progressiva, escola activa, socializante podemos ainda cultuar o passado, fazer que o discipulo busque voluntariamente conhecer o trabalho, o heroismo, os sacrificios, a abnegação e as glorias de nossos ancestrais. [...] Longe iríamos se pretendêssemos citar todos os educadores illustres que vem desde os tempos do velho Egypto, onde a cultura foi grandemente disseminada, até os tempos modernos, [...] O grande traço característico da educação moderna é o espirito de liberdade que a preside. [...] Educar não significa apenas transmitir conhecimentos úteis, mas, sobretudo inculcar no espirito do alumno a confiança em si mesmo.

Ao fazermos a análise do discurso inaugural do Ginásio Santa Margarida, é possível notar que o Reverendo faz referências ao espirito de liberdade que irá conduzir a Escola, possibilitando uma aproximação com o pensamento de Dewey (1959:13), quando afirma que: “Se a ninguém se pode dizer como deverá respirar ou fazer o sangue circular, também não lhe pode dizer, de maneira exata, como deverá pensar.”



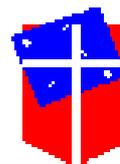
O caráter ideológico e doutrinário da escola pode ser apropriado no seguinte fragmento da mesma notícia de 30 de janeiro de 1935, do *Estandarte Cristão*:

[...] a Igreja Episcopal Brasileira lança a pedra fundamental do novo Collegio Santa Margarida, destinado á educação de nossas filhas, sob a égide da doutrina de Jesus. (grifos nossos) [...] Pois aqui vamos erguer uma fonte de luz! Luz para a intelligencia, luz para a alma. Daqui queremos que nossas filhas saiam para lides e as responsabilidades dum lar, levando com ellas, não as idéas fúteis do mundo,mas a noção clara do dever. (grifos nossos) Fonte de inspiração e de fé, o Collegio Santa Margarida era a necessidade que se impunha, era a lacuna que se notava. Agora, essa necessidade se satisfez, essa lacuna se preenche.

Constata-se que, com a criação do Ginásio Santa Margarida, a IEAB buscava estreitar a relação entre os aspectos da educação religiosa-cristã e os aspectos da pedagogia moderna, levando as suas alunas a criarem hábitos de convivência e comportamento, bem como hábitos espirituais e perspicácia na condução de suas vidas para transformar seus espaços domésticos em verdadeiros lares cristãos e na condução dessas atividades cotidianas ficasse clara a compreensão da tarefa cumprida por parte de suas educandas.

As questões relativas à pedagogia moderna e à pedagogia religiosa-cristã propostas pelo Ginásio Santa Margarida, tornam-se evidentes quando analisamos o discurso do Reverendo Orlando Baptista, diretor do Ginásio Cruzeiro do Sul, de Porto Alegre, por ocasião da inauguração do novo prédio da escola em 26 de julho de 1936:

[...] **Aqui não terá guarida a velha idea que fazia da escola uma casa de correcção nem as concepções antiquadas, mas respeito ás possibilidades da mentalidade** infantil (grifos nossos), como si houvesse um índice para homens e outro especialmente feito para as mulheres. Ellas já deram e estão dando provas de sobejo de sua capacidade productiva para que se repilla energicamente qualquer asserção menos digna que por ventura ainda se ouça. **Não, o Collegio Santa Margarida vae preparar mulheres que sejam capazes de se desempenhar bem, galhardamente mesmo, seja qual for o seu**



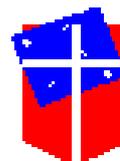
papel na sociedade, seja qual for a situação em que se encontrem na vida. (grifos nossos) [...].

Ressalta-se, portanto, que a preocupação do Ginásio Santa Margarida era promover uma educação baseada em conceitos “modernos”, porém ligados aos preceitos éticos, religiosos e cristãos tradicionalmente pregados pela IEAB. Observa-se também, que no discurso do Reverendo é feita uma referência direta aos procedimentos pedagógicos que seriam usados no Santa Margarida, e que esta nova instituição de ensino formaria mulheres esclarecidas e conscientes de sua situação, capazes de ocupar posições públicas até então reservadas preferencialmente aos homens.

Outra análise importante de ser feita é o fato de que o Ginásio Santa Margarida pretendia preparar suas alunas para serem cidadãs ativas da sociedade, independentemente de viverem numa sociedade predominantemente ligada a preceitos masculinos de convivência e poder. Pretendia também motivar a criação de habilidades e/ou capacidades para as meninas ocuparem qualquer função na sociedade, possibilitando o enfrentamento de quaisquer adversidades colocadas à sua frente no decorrer de suas vidas. Tudo isso, promovendo o desenvolvimento intelectual, humano e cultural de suas alunas.

A preparação pretendida pelo Ginásio pode ser observada na entrevista realizada em 18/04/2005, da aluna Christa Bering Bartlett, uma das primeiras alunas formadas no Santa Margarida na década de 1930, quando questionada sobre a preparação intelectual e cultural apreendida na escola:

Várias de nós saímos de lá e fomos em seguida trabalhar. Era meio chocante isso naquele tempo. Mas lá dentro a gente não sentia isso. A Iná foi trabalhar no Anglo, eu fui primeiro trabalhar com meu pai no laboratório. Depois eles precisavam alguém com inglês. Então, eu trabalhava de manhã com o papai no Laboratório de Análises Clínicas e



de tarde estudava inglês. Ele (Santa Margarida) tinha um horizonte muito aberto na sua preparação.

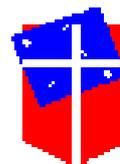
Nota-se que o discurso promovido pela IEAB na criação do Santa Margarida começava a obter resultados, fazendo com que suas alunas ocupassem espaços sociais na sociedade pelotense. Os panfletos informativos escolares também referendaram essa proposta pedagógica desta, como o do ano de 1936, quando afirma que: "O alvo deste colégio é proporcionar às alunas educação moral, intelectual, física e econômica além de *criar o desejo de praticar a justiça, amar a beneficência e andar humildes com Deus.*"

Ainda sobre a aproximação do caráter cristão com o caráter pedagógico proposto para o Ginásio, encontra-se no Relatório do Santa Margarida proposto ao 39º Concílio da Igreja Episcopal Brasileira, a seguinte referência:

[...] A lampada acesa, nosso symbolo, fala do serviço consagrado e da promptidão. – que as meninas, e até os pequenos do Jardim de Infancia, aprendam a prestar uma obediencia alegre, e um serviço fiel! Que o ensino criterioso, de materias primas, em conjunto com o desenvolvimento fisico, pelos jogos ao ar livre, e o altruismo, no seio das bandeirantes e da vida intima, preparem futuras mães e servas abençoadas, na seara do Mestre, nesta grande Patria Brasileira, e do mundo inteiro, é o anhelos do Collegio Santa Margarida.

Nas Atas do Concílio notam-se várias referências ao desejo de ensinar meninas com espíritos "iluminados" pela luz do saber e do conhecimento e também sob os auspícios da benevolência divina e de acordo com os princípios religiosos da Igreja Episcopal Anglicana.

Do discurso do Reverendo Athalicio Pithan no ato de lançamento da pedra fundamental do novo prédio do Ginásio Santa Margarida em 12 de janeiro de 1935,



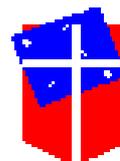
retiramos a primeira idéia sobre a relevância e o caráter cristão da escola para a cidade de Pelotas:

Praza aos céos que as felizes familias de Pelotas comprehendam esta grande oportunidade que se lhes offerece e que os milhares de membros da Igreja Episcopal Brasileira correspondam aos sacrificios que se fazem para erguer este novo collegio.[...] imploro a Deus que sobre este Collegio, que aqui se vae erguer, faça descer, de continuo o orvalho das suas bençams mais preciosas, para que deste recinto saiam filhas carinhosas e agradecidas; irmans dedicadas e boas; futuras esposas, virtuosas e dignas; futuras mães e mestras, que saibam preparar uma geração de mais fé, de mais amor e, portanto, mais feliz, no dia de amanha.

Nota-se que nos documentos relativos aos dois primeiros anos da criação da Escola que a preocupação dos dirigentes anglicanos era enfatizar o caráter confessional da mesma, fato este que promoveu uma série de discursos sobre sua importância como um espaço educativo cristão para as suas futuras alunas, como afirma o Estandarte Cristão de 30 de janeiro de 1936:

Educar significa enriquecer a intelligencia com indispensáveis conhecimentos, mas tambem e principalmente formar o character sobre as bases solidas de moral e religião. Entregar um filho a professores indifferentes á religião ou sectarios dum credo diverso, é ver sossobrados fatalmente todos os desejos da familia. Ao lado de cada Igreja é preciso que surja uma escola. Dentro de cada escola, professores idôneos e crentes [...].

Na criação do Ginásio Santa Margarida ressalta-se que a instituição escolar possuía princípios pedagógicos que seriam capazes de formar meninas dentro de uma doutrina cristã anglicana, incapazes de ferir a boa conduta das moças de família, demonstrando assim, às famílias pelotenses que a educação católica e episcopal é o primeiro passo e o mais importante momento da vida de suas filhas.



Observa-se também, que esse discurso acabou sendo incorporado pelas alunas do Santa Margarida, como apresenta o *Estandarte Cristão* de 30 de março de 1938, no discurso de uma margaridense em face da reabertura das aulas no ano letivo do mesmo ano:

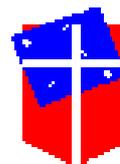
[...] É sempre com grande regosijo que regressamos a esta casa modelar de ensino, para reencantar a nossa edificação intellectual e espiritual. [...] Façamos o possível para que este anno lectivo não desmereça das tradições já honrosas do nosso Collegio; trabalhemos todas com afinco para que ao finar este novo periodo de estudos possamos gualhardamente sahir victoriosas, compensando assim a dedicação e o esforço de nossas mestras e os sacrificios de nossos amados paes. (Glaucia Castro)⁴⁰

Outro dado importante a ser levantado para a análise desta instituição escolar é o aparato ideológico contido nos símbolos e nas cores da escola. Pode-se observar tal constatação no discurso do Reverendo José Severo da Silva presente no *Estandarte Cristão* de 30 de junho de 1936:

[...] O Reverendo Severo proferiu, então, estas palavras: 'Bandeira do Santa Margarida! Tu falas com eloquência singular. O emblema que ostentas – **a lâmpada symbolica, com a legenda veneranda – Domine dirige nos – afirma a nossa crença inabalavel em Deus, fonte e origem de todo o bem e de toda a graça.** (grifos nossos) Tuas cores – o branco lembra-nos a paz, a pureza, a virtude. O verde, nossas campinas, nossas flores, nossos mares imensos. **Bandeira gloriosa! Vae e dize á cidade de Pelotas, a esta terra de honra e civismo, que o Colégio Santa Margarida está inaugurado e que elle é um templo onde se ama a Christo, dignifica-se a Família e serve-se a Patria extremecida.** (grifos nossos)

A partir desse fragmento de notícia, pode-se perceber a preocupação do Reverendo Severo em situar o Ginásio Santa Margarida dentro do contexto nacional inaugurado pela Era Vargas, atrelando os símbolos escolares cristãos aos símbolos

⁴⁰ A aluna citada acima foi uma das primeiras alunas do regime de externato da escola no ano de 1938.



pátrios nacionais. Essa idéia foi capaz de conjugar dois princípios que na época, por vezes, mesclavam-se: a escola como templo de fé e a escola como templo de civismo.

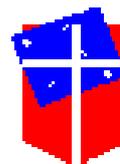
Essa associação da escola como templo de fé e templo de civismo pode ser observada na entrevista concedida pela ex-aluna da década de 1940, Lacy Terezinha Panyágua, quando questionada sobre a relação da Igreja Anglicana com o Ginásio Santa Margarida:

Ah! Era muito positiva. Nós tínhamos um culto, não recordo se era nas quartas-feiras, antes de começar a aula. Então a gente ía mais cedo: em vez de ir às 7 e meia, agente ía 15 para as 7. [...] E nós tínhamos o Devocional todos os dias. Era cantar um hino, antes de começar as aulas, ele (o Devocional) ocorria no Salão. Era toda a escola. Fazíamos fila, desde os pequenos até os grandes. Primeiro se cantava o Hino da Escola, o Hino Nacional e depois se fazia orações.

O que se pode observar neste fragmento da entrevista sobre a relação Igreja-Escola é que o empenho da IEAB era conciliar anseios doutrinários e educacionais na configuração de sua Instituição Escolar. Todas essas idéias podem ser apreendidas nos vários documentos narrando a história do Ginásio, desde o seu projeto de criação, bem como, no estabelecimento das práticas educativas existentes no Ginásio Santa Margarida na cidade de Pelotas.

3.2. As Práticas Escolares do Ginásio Santa Margarida

A preocupação de incorporar as práticas educativas do Ginásio Santa Margarida ao discurso nacionalista da educação foi uma constante no transcorrer da década de 1930, e de extrema importância para o estabelecimento de escola no imaginário da



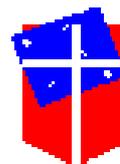
cidade de Pelotas. Essa idéia pode ser constatada no jornal *Estandarte Cristão* de 15 de agosto de 1936:

Palestras educativas – Continua a serie de palestras educativas, no Collegio Santa Margarida. [...] No mez passado, o conferencista foi o culto advogado dr. Joaquim Luiz Osorio, orador eloquente e que em várias legislações representou com brilho, o Rio Grande do Sul no parlamento nacional. [...] discorreu sobre o patriotismo, que julga ser preciso e necessário á formação de gerações amantes de nossa terra, convictas de nossas possibilidades e conscientes da grandeza e esplendor do Brasil.

As Atas do Conselho Consultivo da Escola do ano de 1937 também revelam o empenho em adequar-se ao plano nacional de educação brasileiro, quando o Reverendo José Severo da Silva revela que recebeu uma carta do Bispo William M. M. Thomas pedindo à direção da Escola que, nos feriados nacionais, evitasse colocar junto ao símbolo pátrio, bandeiras estrangeiras, tendo em vista a efervescência da política nacionalista brasileira iniciada com a Era Vargas.

Naquele mesmo ano também começaram as discussões sobre a adequação da escola às novas leis federais, sendo que o Reverendo José Severo da Silva mostrava-se favorável à adequação e à nova regulamentação do ensino pretendida pelo Estado Novo de Vargas. (Atas do Conselho Consultivo da Escola)

O estabelecimento do Estado Novo de Getúlio Vargas alterou de maneira significativa as práticas educativas nas escolas públicas e privadas em todo o Brasil. Em relação às manifestações cívicas do Ginásio Santa Margarida, é no período que compreende os anos de 1938 e 1944 que encontramos um número mais significativo de notícias a esse respeito.



Segundo Xavier *et alli* (1994), a Constituição estabelecida com o Golpe de 1937 por Vargas, foi produzida pela tecnoburocracia de tendência fascista e imposta a toda a população brasileira, e em termos educacionais era de tendência antidemocrática, desobrigando o Estado (em níveis federais, estaduais e municipais) da manutenção e expansão do ensino público e institucionalizava o ensino pago, nada afirmando sobre os percentuais mínimos que seriam aplicados na educação.

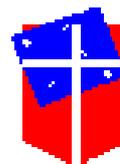
No início do mês de março de 1938, o Ginásio Santa Margarida recebeu a autorização de funcionamento da escola pelo então Secretário da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, Sr. Aristides Bittencourt, representante do Departamento de Educação e Saúde Pública (DESP) na cidade de Pelotas.

Entretanto, é somente no dia 26 de junho de 1938 que a Escola recebe a visita da Senhora Margarida P., Fiscal da nacionalização do ensino no município de Pelotas, conforme o Livro de Visitas do Santa Margarida, de onde retiramos a seguinte descrição:

1º Inspeção: Visitei hoje este colégio. Os artigos 9 e 10 do Regulamento que baixou o Decreto n 72/2 de 8 de abril de 1938, estão sendo cumpridos. Os alunos foram argüidos em História e Geografia pátrias cantaram os Hinos Nacional e á Bandeira. Louvo aos seus dirigentes pelo cuidado que tem em despertar um são patriotismo nos seus educandos.

Quanto ao ensino no Ginásio Santa Margarida no decorrer da década de 1930, pode-se constatar que era dividido em: Jardim de Infância, que funcionava inclusive ao ar livre, com a participação de crianças de 3 a 6 anos; Curso Elementar, que correspondia a quatro anos; Curso de Admissão ao ginásio, Curso Ginásial dividido em 5 anos e Curso Normal ou Profissional, de duração de dois anos, que se destinava ao preparo de professoras, secretárias, auxiliares de comércio e enfermeiras.⁴¹

⁴¹ Dados retirados dos panfletos institucionais da Escola Santa Margarida da década de 1930.



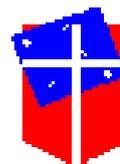
Os dados encontrados nas propagandas institucionais da década de 1930 sobre o Ginásio Santa Margarida referem-se ao Curso Normal ou Profissional, mas é importante salientar que a autorização para o funcionamento deste curso foi conseguida somente no início da década de 1960.

Nos primeiros 5 anos de funcionamento da Escola, além de toda a sua estrutura curricular do Ginásio Santa Margarida, a escola oferecia a suas alunas: coral de instrução musical de meninas para atuarem na Igreja; ensino de Línguas Modernas (Inglês, Francês, Alemão) nas aulas do curso ginásial e a presença da ginástica corporal nos cursos extra-classe. Além disso, o panfleto informativo escolar do ano de 1936 relata os objetivos da escola no que tange à sua proposta para a Educação Doméstica:

Seguindo a norma dos melhores ginásios de meninas, no país e no estrangeiro, o Santa Margarida não descuida o preparo de suas alunas e procura fazer de cada uma delas uma boa dona de casa. O programa do Ginásio Santa Margarida, além de oficial, abrange aulas de arte culinária, bordados, [...].

Portanto, o que se pretendia em relação às prendas domésticas para as alunas, era o conjunto de habilidades e saberes que as “moças de família” deveriam dominar, tais como saber receber visitas, sentar-se à mesa, manusear agulhas e pincéis, tocar um instrumento musical (piano, de preferência), dentre outras qualidades que compunham o objetivo central da educação feminina.

Além dessas “qualidades” oferecidas pelo Ginásio, o ensino apresentado pela Escola ainda possuía aulas de música (canto orfeônico), complemento da educação de uma boa moça, e proporcionava a capacidade para as letras e o drama, tendo como preceito a representação periódica de peças teatrais. As alunas que formavam o Coral da Escola, geralmente apresentavam-se nas celebrações mensais de Eucaristia, realizadas na Igreja do Redentor.



Aliado a toda essa dinâmica escolar, o incentivo à prática do civismo e do patriotismo apresentava-se também tanto no currículo escolar como nas atividades extra-classe e fazia parte de todo um aparato simbólico que a escola promovia. Um exemplo disso, foi a criação do grupo de Bandeirantes Condor⁴² para meninas e a participação nos festejos e desfiles da Semana da Pátria. Sobre a participação do Ginásio Santa Margarida nos festejos da Semana da Pátria, encontramos a seguinte nota no Estandarte Cristão de 30 de agosto de 1938:

[...] Tomará parte activa nos festejos da Semana da Patria, nesta cidade, o Collegio Santa Margarida, [...] Diariamente, durante a semana em apreço, será içada a bandeira brasileira na fachada do edificio, ao som do Hymno Nacional, cantado por todas as alunas, em formatura. Dia 5 e 6 às 9 horas, serão effectuadas solennidades civicas, no Salão Nobre do Collegio. Como oradores das cerimonias falarão, respectivamente o veneravel arcediago José Severo da Silva e o coronel Januário Coelho da Costa⁴³.

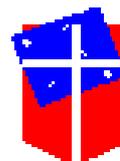
Entende-se, a partir da análise desta nota, que o culto aos símbolos pátrios era de extrema importância para incentivar o patriotismo e o civismo das alunas do Ginásio Santa Margarida. A prática de esportes servia de base para o desenvolvimento físico das alunas "margaridenses", pois proporcionava a formação de uma futura geração forte e sadia que amaria a cultura nacional.⁴⁴

Um traço bastante peculiar na compreensão dessa instituição escolar é o ano de 1939, que pode ser um divisor de águas na história do Ginásio Santa Margarida, por dois motivos: o primeiro deles foi a adequação da Escola ao decreto de nacionalização

⁴² Panfleto informativo da Escola da década de 40.

⁴³ O Coronel Januário Coelho da Costa, era gaúcho nascido na cidade de Dom Pedrito, poeta, jornalista, participante e membro ativo da Milícia Cristã Anglicana. Juntamente com o Reverendo José Severo da Silva, defendia a incorporação do discurso nacionalista e cívico nas escolas, uma prática bastante comum na década de 1930 no Brasil em consequência das mudanças ocorridas com o advento da Era Vargas.

⁴⁴ Panfleto informativo da Escola da década de 40.



do ensino, quando o Bispo William M. M. Thomas convidou a Profa Cândida da Rocha de Leão para assumir a direção geral da escola, contando com o apoio da Conselheira Técnica Berenice Cartwright, professora de Ensino Religioso da Escola e Diaconisa da IEAB.⁴⁵⁴⁵

O segundo motivo de grande mudança foi o falecimento do Arcebispo José Severo da Silva, idealizador da Escola e Reverendo da Igreja Anglicana Pelotense em 21 de dezembro de 1939. Percebe-se que a sua ausência na “direção” do Ginásio Santa Margarida causou um certo desequilíbrio na condução da mesma e tal fato pôde ser constatado nas Atas do 42º e 43º Concílio da Igreja Episcopal Anglicana, quando a Escola não envia relatórios de suas finanças e nem de suas atividades escolares sobre o ano letivo de 1939 e 1940.⁴⁶

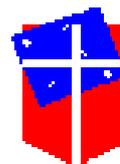
A primeira participação do Ginásio Santa Margarida nos desfiles pátrios foi comentada pelo *Estandarte Cristão* do ano de 1938. Porém, só no ano de 1939 mudanças estruturais serão definitivas no processo de consolidação da Escola como um espaço educativo e confessional anglicano na cidade de Pelotas.

O projeto de nacionalização de ensino promovido pela Era Vargas foi o primeiro deles, como comenta o *Estandarte Cristão* de 15/03/1939:

Collegio Santa Margarida – Deixou o cargo de directora interina do Collegio Santa Margarida a distinta senhora Elsie O’Connor. [...] Cumprindo a lei que veda serem os collegios dirigidos por estrangeiros, assumiu a direcção do Santa Margarida a distinta professora patricia

⁴⁵ Jornal *Estandarte Cristão* de 15 de março de 1939.

⁴⁶ Nota-se que a figura do Reverendo José Severo da Silva esteve presente de alguma forma em todos os momentos da história e até mesmo os que antecederam a construção da Escola Santa Margarida, desde a defesa dos interesses da liberdade de consciência, na compra dos terrenos, na intenção da construção de uma escola feminina, na presidência do Conselho Consultivo da Escola e até a elaboração das diretrizes do Santa Margarida. Não é objetivo deste capítulo relatar a importância da figura do Reverendo José Severo da Silva, mas se faz necessário destacá-lo como figura importante dentro do projeto e da história desta instituição escolar



senhorinha Candida da Rocha Leão, que já fez parte do corpo docente do collegio. **Como conselheira tecnica do mesmo estabelecimento de ensino permanece a culta diaconisa d. Bernice Cartwright.** (grifos nossos)

É possível observar também nesta nota, que, mesmo com as determinações do projeto de nacionalização de ensino empreendido pelo Governo, o Ginásio Santa Margarida ainda permanecia sob a tutela teológica e doutrinária da IEAB com a permanência da Diaconisa Bernice Cartwright como conselheira da escola.

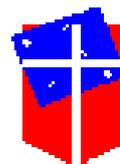
Após a professora Cândida da Rocha Leão⁴⁷ assumir a direção do Ginásio Santa Margarida, percebe-se uma ênfase maior nas ações de cívico-patrióticas promovidas pelo Ginásio Santa Margarida enquadrando assim como maior empenho ao discurso nacional. Essas ações podem ser visualizadas nas fotos sobre as comemorações cívico-patrióticas encontradas nos arquivos da Escola: Além das fotografias também nos jornais Diário Popular de 19/04/1939 e no Estandarte Cristão de 15/09/1939, respectivamente, estas atividades são noticiadas:

Foi comemorado a 14 do corrente, no salão nobre do Collegio Santa Margarida, em sessão solene, o Dia Panamericano. Após o hasteamento da bandeira, às 8 horas, teve início a reunião com o Hino Nacional, cantado pelas alunas. Em seguida, se fez ouvir, numa palestra, a professora senhorinha Helena Abduch. [...].

[...] Fazendo parte integrante da Comissão Central dos Festejos da Patria, o Collegio Santa Margarida se houve com grande brilhantismo, tendo sido incansavel o corpo docente e discente do Collegio Diocesano da Igreja Episcopal Brasileira.

[...] Dia 4: - Dia dos Gymnasios. A's 9,30 horas, as alumnas do Collegio Santa Margarida, garbosamente, marcharam com os demais gymnasios. Em seguida, no S. C. Pelotas, houve uma demonstração de educação physica pelo Collegio Santa Margarida, causando grande sucesso com a demonstração dos exercicios e uniformes que envergavam. [...] O

⁴⁷ A professora Candida da Rocha Leão era membro atuante da Igreja do Redentor da cidade de Pelotas, e permaneceu na direção da Escola até meados da década de 1950.



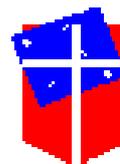
Collegio Santa Margarida deixou ótima impressão entre o povo pelotense.

Buscando o pleno desenvolvimento e também o aprimoramento das atividades escolares, o Ginásio Santa Margarida continua a promover uma série de mudanças no conjunto das suas práticas educativas, tais como, a criação do Grupo de Bandeirantes Condor, Palestras Educativas e outras atividades culturais para as suas alunas. Esses eventos podem ser encontrados nas seguintes notícias, do jornal *Diário Popular* de 13 de setembro e 24 de outubro de 1939:

As bandeirantes da tropa Condor do Collegio Santa Margarida fizeram constar em seu programa deste ano uma série de palestras educativas, tendo na última reunião, o dr. Joaquim Luiz Osorio dissertando sobre as qualidades nobres e elevadas que caracterizam a mulher bandeirante.

A 'Semana da Asa' vem sendo comemorada, com brilho, no Colégio Santa Margarida – O Colégio Santa Margarida, perfeitamente enquadrado em tudo que diz respeito ao engrandecimento e elevação do Brasil, tem comemorado civicamente a 'Semana da Asa'. Sábado, no salão nobre do Colégio, perante o corpo docente falou, com grande brilhantismo, a dona Gilka Peruqui, que enalteceu as qualidades do Padre Bartolomeu de Gusmão. A professora Gilka foi muito cumprimentada pelo trabalho patriótico apresentado. [...] Pelo próprio Colégio Santa Margarida foi aberto um concurso de composições sobre os vultos eminentes na aviação do Brasil.

A participação das alunas margaridenses nos festejos da Semana da Pátria, tornara-se uma atividade compulsória a partir do início da década de 1940, quando a direção, juntamente com os professores da Escola, determinou que todos os alunos que não participassem dos desfiles e das festas da Semana da Pátria deveriam trazer de casa, por escrito, o motivo de sua ausência. (Ata n.º 73 de 15 de setembro de 1939).

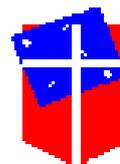


As mudanças empreendidas pela direção da professora Candida da Rocha Leão, ultrapassam as questões cívico-patrióticas, pois é possível observar um controle mais rígido do tempo e do espaço escolar na sua gestão. Isso pode ser observado quando analisamos alguns itens dos Deveres das Internas, presentes no Relatório do ano de 1940 do Ginásio Santa Margarida:

- d) ser assíduo e pontual em todas as atividades normais e extras do internato;
- e) cumprir os horários de refeições, estudos e outras determinações da Diretoria;
- g) colaborar na conservação do prédio, do mobiliário e todo o material de uso escolar;
- k) proceder com rigorosa probidade e honestidade em todas as atividades do internato;
- l) ter comportamento social e moral, concorrendo sempre, onde quer que esteja, para a elevação do conceito do estabelecimento;
- n) freqüentar aos cultos da capela do Estabelecimento e na Igreja do Redentor de Pelotas; (Relatório Interno de 1940 do Ginásio Santa Margarida)

A partir da década de 1940, em decorrência do processo desencadeado pela Nacionalização do Ensino no Brasil, as demonstrações de civismo e patriotismo do Ginásio Santa Margarida tornam-se mais efetivas e presentes nos desfiles e manifestações patrióticas ocorridas na cidade de Pelotas. No Brasil, essas práticas eram bastante comuns no período compreendido entre os anos de 1937 a 1945, no qual o Governo de Getúlio Vargas empreendeu um governo de caráter totalitário, fazendo com que a educação objetivasse a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude brasileira.

Outra preocupação constante que se pode observar nos documentos analisados é a aproximação da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil ao discurso nacionalista da Era Vargas. Em muitos momentos, os documentos demonstraram a idéia de que a



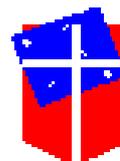
IEAB era nacional, como podemos notar nesta notícia do *Estandarte Cristão* de 15 de maio de 1943:

Nós, membros da Igreja Episcopal Brasileira, não reconhecemos superioridade em quem quer seja no amor ao Brasil e no firme propósito de defender a qualquer preço, a sua honra e liberdade. **Convém ter bem presente que a maioria de nosso clero é formado de brasileiros natos e reservistas do Exército Nacional.** [...] Nossa amada Igreja nunca se prestou e não se prestará jamais para fins políticos. Pela sua história e tradições, não é possível confundi-la com quaisquer grupos que vegetam por aí, com aparência de religião mas de fundo nitidamente e condenadamente político, não só entre protestantes, mas também nos arraiais de Roma.

Essa notícia apresenta que o Clero Episcopal Anglicano era genuinamente constituído na sua grande maioria por brasileiros isentos de qualquer postura ideológica ou política, obviamente dando suporte ao ensino praticado pelo Ginásio Santa Margarida.

A preocupação em exaltar os símbolos nacionais e pessoas ilustres tornou-se uma prática muito comum nos tempos do Estado Novo de Vargas. Essas mudanças tinham um caráter mais ideológico do que educacional, mas impuseram alterações significativas no cotidiano escolar das instituições escolares públicas e privadas do Brasil. Tais observações podem ser feitas quando analisa-se a notícia do *Estandarte Cristão* de 05 de julho de 1941, sobre a inauguração dos quadros dos patronos das salas de aulas do Ginásio Santa Margarida:

Colégio Santa Margarida – A 26 de Junho o Colégio Santa Margarida, atendendo ao decreto do Departamento de Educação, inaugurou em cada sala de aula o quadro de seus respectivos patronos, vultos de brasileiros, que se distinguiram pelas causas da Pátria. Iniciando a cerimônia foi cantado, por todas as alunas e demais presentes, o hino nacional. [...] Os retratos em cada sala de aula achavam-se cobertos por flores e pela bandeira nacional. [...] Entre os ilustres patronos podemos nomear Rev.



Arc. José Severo da Silva e General Osório, cujos nomes estão intimamente ligados à história de Pelotas.

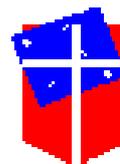
Constatou-se que no período da Segunda Guerra Mundial, o Ginásio Santa Margarida, assim como as demais escolas brasileiras, destacavam a partir das práticas escolares, a figura do Presidente Vargas, bem como a importância da união Pan-americana. Sobre as comemorações cívico-patrióticas, encontra-se no jornal *Diário Popular* de 26/04/1943, a seguinte notícia:

Também as alunas e professoras do Ginásio Santa Margarida comemoraram a passagem do Dia Pan Americano e com bem organizado programa festejaram a data do aniversário do Presidente Vargas. (grifos nossos) [...] patriotas de têmpera, as alunas do Ginásio Santa Margarida iniciaram suas atividades comemorando tão significado dia. Dando expansão às suas habilidades, confeccionaram esse belo conjunto artístico que foi a Bandeira das 21 nações amigas, deixando transparecer, nos seus desenhos característicos, o amor à Pátria, à sua terra livre abençoada por Deus.

Conforme vem se constatando, o desenvolvimento das práticas culturais e educativas não se limitava apenas ao espaço da sala de aula. Outra característica marcante na Escola era a sua participação nos jogos de voleibol organizados pelo Departamento da Liga de Defesa Nacional da cidade de Pelotas. Sobre o time de voleibol da escola, encontra-se a seguinte notícia no *Diário Popular* de 19/08/1943:

Mantem-se invicto – Nova vitória obteve a Equipe de “Volei” do Ginásio Santa Margarida: Perante numerosa assistência realizou-se ontem, na cancha do Ginásio Santa Margarida, o encontro de voleibol entre as alunas deste educadário e do Ginásio São José. Neste prélio, que se desenrolou com grande entusiasmo das “torcidas” saiu vencedor o Ginásio Santa Margarida que ainda se mantém invicto.

Portanto, cabe salientar que as práticas esportivas foram capazes de ampliar as práticas culturais e educativas desenvolvidas no Santa Margarida, forjando um modelo



de educação. Logo, entende-se, que a partir da década de 1940, essa instituição escolar procurou construir um espaço escolar capaz de formar corpos e mentes.

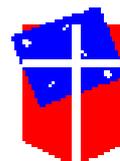
Observa-se, então, quão importante e significativo era o empenho dessa Escola em associar as práticas esportivas como uma forma de romper o espaço e a rotina escolar, bem como, o fato de proporcionar novas vivências escolares às suas alunas. Sobre o ensino e as práticas escolares vivenciadas no Santa Margarida, a ex-aluna Rosa Maria Silva relatou em sua entrevista realizada em 25/06/2005:

Para teres uma idéia, quando estava no 3º ou 4º ginasial com a professora Hermelinda, nós tínhamos aulas de educação sexual. Acontecia normalmente nas aulas de Ciências Naturais recebíamos as informações. Naquele tempo era tudo encarado com uma grande naturalidade pelas aulas do Santa Margarida.

Entretanto, é interessante apontar que todas essas práticas estavam submetidas e orientadas aos discursos da educação confessional anglicana em que é necessário construir corpos de meninas educadas e aptas para o bom convívio na sociedade, como também para a fé cristã. Como podemos observar a seguir na notícia do jornal *Diário Popular* de 10/09/1943:

[...] O Ginásio Santa Margarida, afeito já às expansões de civismo, onde a mocidade feminina tem a escola da paz e do bem, [...]. Quer na parte propriamente social, quer no setor cívico-esportivo, as meninas do Santa Margarida demonstraram experiência, preparo e aproveitamento, (grifos nossos) sendo de realçar, o seu feito no torneio de voleibol instituído pelo Departamento Juvenil da Liga de Defesa Nacional e promovido entre as equipes das nossas escolas.

Constata-se que, além do empenho do Ginásio Santa Margarida em promover a participação de suas alunas nos desfiles cívico-patrióticos, havia todo um conjunto ideológico, doutrinário e religioso que fazia parte da educação propugnada pela IEAB



na cidade de Pelotas. Essa última análise pode ser encontrada na entrevista da ex-aluna Rosa Maria Silva, quando questionada sobre o caráter da educação do Ginásio:

É, eu me sinto sempre uma pessoa privilegiada. Eu aprendi muitas coisas lá que me são úteis até hoje. Ah! A vida na Igreja e fora dela, aceitas as pessoas com as suas diferenças, como elas são. Tentar não impor sempre as minhas idéias. São coisas que a gente aprendeu desde o Jardim de Infância.

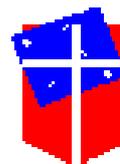
É possível compreender que as práticas escolares e o caráter da educação foram sendo remodeladas desde a fundação da Escola, adequando os corpos e mentes das alunas margaridenses, e caracterizando o papel da escola como um espaço transformador. Parece evidente que a posição dos dirigentes escolares era formar jovens com religiosidade, obedientes aos seus superiores e às leis cristãs.

3.3. Os Mestres

E, ninguém mais que o mestre, em cujas as mãos está o futuro do individuo e consequentemente o futuro da Patria, dispõe dessa oportunidade, conta com esse admirável ensejo de fazer de cada discípulo um bom cidadão, idoneo em todos os sentidos para as injunções que delle venha a exigir a collectividade e que importem no dispendio de seu talento superior, na scintillação de seu character adamantino que se forjou nos annos escolares.

(Estandarte Cristão de 15 de julho de 1936)

Vários elementos sustentam a dinâmica, a cultura e o saber escolar, porém um dos pontos principais é a escolha do corpo docente de uma instituição escolar. Neste



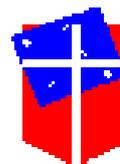
ponto, os dirigentes do Ginásio Santa Margarida nos primeiros anos da consolidação de sua escola demonstraram que a cultura e o saber escolar tinham um caráter proselitista e confessional.

As primeiras referências encontradas nos documentos sobre o quadro de professores do Ginásio Santa Margarida destacam as qualidades intelectuais, profissionais e também religiosas do corpo docente. Tentava-se, assim, demonstrar o caráter pedagógico, educacional e confessional presente na cultura escolar desta Instituição de Ensino. Verificou-se que o primeiro quadro de professoras do Santa Margarida constituía-se de membros da IEAB, como pode-se observar na foto do corpo docente da Escola do ano 1936, encontrada nos arquivos da Escola.

Em entrevista concedida pela ex-aluna Christa Bering Bartllet que formou-se no ano de 1939, primeira turma do Ginásio Santa Margarida, ela reconheceu os seguintes nomes do primeiro quadro de professoras da Escola: Annie Stollberg, Elena Faini, Gladys Tweedy, 6, Cândida da Rocha Leão, Helena Abudch, Adelaide Ferreira de Brito, 10, Lucy Lucas de Sá e Iná Chapon, sentadas: Gladys, Hedy Sergel, Lili Krentel Frelechoux e 16.

O jornal *Estandarte Cristão* em muitos momentos salientou que estas professoras eram membros da IEAB habilmente conduziram as alunas, dentro de conceitos morais e éticos da cristandade anglicana. Essas observações podem constatadas no referido jornal nas notícias de 30/08/1936 e 30/03/1938, respectivamente:

O corpo docente conta agora com uma professora, a distinta senhorinha Angelina Carocielo, membro prestimoso da Igreja do Salvador, na cidade do Rio Grande. [...] O Collegio Santa Margarida apresenta-se com um corpo docente brilhante, constituído de professoras na sua quase totalidade formadas em estabelecimentos oficiais. Entre as novas



professoras internas encontra-se nossa joven e distincta irman de crença senhorinha Anna Helena Sá Chagas, com o curso da Escola Normal. [...]. Assumiu o cargo de Directora interna do Santa Margarida a prendada irman d. Lucinda Pereira de Sá (grifo nosso) [...] A nova economista é d. Anna Lages.

A presença de membros da IEAB, junto ao Santa Margarida nos primeiros anos de sua criação é muito noticiada como observa-se a seguir na nota do *Estandarte Cristão* (30/06/1938):

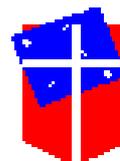
Dia 3 do corrente, chegou a esta cidade a distincta diaconisa miss Berenice Cartwright, missionaria que vem exercer sua actividade no Collegio Santa Margarida.

As informações encontradas no *Estandarte Cristão* corroboram a tese de que boa parte do corpo docente do Santa Margarida era de confissão anglicana, mas, com qualidades pedagógicas profissionais indiscutíveis para o bom andamento da cultura escolar.

Após a autorização de funcionamento do Ginásio Santa Margarida pela Secretaria de Educação do Estado no ano de 1938, começam a acontecer mudanças no quadro pessoal do Colégio, como a contratação do renomado professor de Português Francisco Paula Alves da Fonseca, mudando uma situação anterior na qual a maioria dos professores era ligada ao Conselho Consultivo do Ginásio.

O ano em referência é fecundo para o educadário, pois são promovidas importantes ações em sua estrutura escolar. Uma delas foi a realização de uma nova eleição para o Conselho Consultivo da Escola, permanecendo na presidência o Arcebispo José Severo da Silva⁴⁸, e na secretaria a Senhora Lili Krentel Freléchoux,

⁴⁸ O Reverendo José Severo da Silva foi elevado à condição de Arcebispo (representante do Bispo) da Diocese de Pelotas em 1º de maio do ano de 1938, por ação do Bispo William M. M. Thomas e logo em seguida, Capelão



contando com dois novos membros, o Reverendo Mario B. Weber e a Senhora Zilda Salles Birnfeld.

Duas outras importantes mudanças devem ser percebidas no ano de 1938: a professora americana Elsie O'Connor, membro da Sociedade Real de Professores da Inglaterra, assume a direção interina da Escola, devido ao pedido de afastamento da antiga diretora, Hedy Sergel, e também a vinda da Diaconisa americana Berenice M. Cartwright para o cargo de vice-diretora e professora de Ensino Religioso da Escola.

As mudanças não se remetem somente a questões relativas à expansão e mudança do corpo docente: neste mesmo ano é construída uma capela no edifício da escola, onde é preparado o primeiro grupo composto por cinco alunas para serem confirmadas no fim do ano como parte do programa final do ano letivo da Escola. Encontra-se a seguinte fotografia nos arquivos da escola sobre este grupo. Nela vê-se as alunas ladeadas pelo Reverendo Albert Blank, Bispo William Thomas, Miss Bernice Cartrigft e pelo Reverendo Severo.

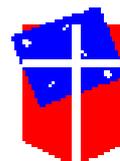
As mudanças ocorridas na troca da direção da escola e a preocupação com a oficialização do Ginásio Santa Margarida no início da década de 1940 impuseram mudanças no corpo docente da Instituição Escolar, como pode-se observar no quadro de professores em exercício, presente no Relatório de 1941:

NOME

DISCIPLINA (S)

Francisco de Paula Alves da Fonseca
Joaquim Alves da Fonseca
Hugo Vieira da Cunha
Apody Almeida de Oliveira
Gregório Romeu Iruzum
Benjamin Gastal Filho

Português
Matemática
Geografia
História da Civilização
Francês e Inglês
Desenho



Ceslau Maria de Bienzanko
Natural
Julio Delanoy
Roberto Müller

Ciências, Química e História
Física
Educação Física

Professores auxiliares de ensino (regentes)

Iracema Boeckel
Rafael Alves Caldelas
Maria Helena Faini
Anni Friedl Stolberg

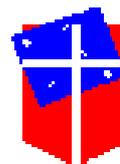
Português e História Natural
Matemática e Física
Francês
Inglês e Música

Fonte: Relatório Escolar do ano de 1941

Esse quadro revela a preocupação da direção e dos dirigentes da IEAB em dotar a escola com um grupo de professores-catedráticos de renome e caráter pedagógico profissional reconhecido na cidade de Pelotas, pois muitos desses docentes do Ginásio Santa Margarida trabalhavam também em outros estabelecimentos de ensino, prática muito comum desde o início do século XX, na cidade.

Sobre a atuação dos professores em várias instituições escolares da cidade, Amaral (1999: 131) comenta que essa prática era bastante freqüente com os professores do Gymnasio Pelotense: *“os que possuíam rendas oriundas exclusivamente do magistério, devido à baixa remuneração, trabalhavam em outros estabelecimentos da cidade, davam aulas particulares e ministravam cursos.”*

O pessoal docente do Ginásio Santa Margarida era composto por nove professores titulares e quatro professores regentes, e é importante perceber que os professores titulares da escola possibilitavam uma boa estrutura pedagógica numa tentativa de equiparar o ensino a outras Instituições de Ensino da cidade.



Em Amaral (1999 e 2003) são apontados muitos nomes de professores da cidade de Pelotas no século XX. E é através de suas pesquisas que pode-se perceber o fato de boa parte dos professores do Ginásio Santa Margarida, no decorrer da década de 1940, já possuir "status" de bons professores e que ministrarem aulas em outras importantes instituições escolares da cidade.

Em seu livro intitulado: ***Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense: entre a memória e a história - 1902-2002***, a autora traz muitas referências de alguns professores do Ginásio Santa Margarida que também eram ou tinham sido professores do Ginásio Pelotense, como pode-se observar na leitura das seguintes citações, encontradas nas páginas 85-86 e 91:

[...] o Dr. Júlio Delanoy, nosso mestre parisiense em Francês, [...]; o austero e exigente Dr. Apody de Oliveira que nos fazia mergulhar nas páginas de Joaquim Silva, mas não admitia que decorássemos os assuntos – por vezes pesados – da História Geral; [...].

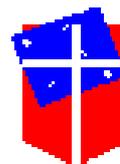
[...] Eram mestres inesquecíveis. O professor de Física Rafael Alves Caldellas, português, era certamente o melhor expositor da matéria.[...].

Embora fosse próprio da época atribuir prestígio aos atributos pessoais dos professores, destaca-se também que esses docentes eram elementos de destaque intelectual e social na cidade de Pelotas. Entretanto, é preciso perceber que todas as atividades escolares do Ginásio Santa Margarida eram coordenadas e atribuídas pela direção da escola e com consentimento dos dirigentes da IEAB.

As informações obtidas a respeito das atividades escolares do Ginásio Santa Margarida, podem ser apreendidas quando analisamos o Relatório Escolar do ano 1944 enviado ao Concílio da IEAB do mesmo ano:



Centro de Estudos Anglicanos



De 15 de março até 19 de dezembro, data do encerramento, verificou-se o progresso do Ginásio, com a cooperação de professores, funcionários e alunos. As atividades regulares ou sejam, aulas, palestras didáticas, concursos, desenvolvimento esportivo, comemorações cívicas, eficiente iniciativa do Grêmio de Estudantes, foram realizadas com grande aproveitamento para os alunos. **O ensino ministrado em nosso Educandário cresce em aperfeiçoamento, procurando ofertar às moças de amanhã, quer sejam mães, esposas ou mestras, um conjunto de conhecimentos apto para lutar e vencer, compondo as dissonâncias da Vida em sonoras harmonias.** (grifos nossos)

Cabe salientar que, mesmo que o Ginásio Santa Margarida não tivesse na totalidade de seu corpo docente, membros anglicanos, percebe-se que o controle das atividades escolares era ainda uma preocupação evidente dos dirigentes da IEAB.

Outra característica importante a salientar é a permanência de grande parte dos professores durante o transcorrer da década de 1940, fato esse que pode ser observado no quadro do Corpo Docente de 1946:

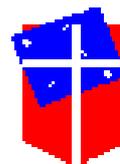
NOME	DISCIPLINA(S)
Francisco de Paula Alves da Fonseca	Português e Latim
Gregório Romeu Iruzum	Inglês
Eduardo de Souza Coelho	Inglês
Gilda Maciel Alves	Francês
Maria Luiza Pereira Lima	Francês
Hermelinda F. Schenkel	História Geral
Apody Almeida de Oliveira	História do Brasil
Hugo Vieira da Cunha	Geografia Geral
Rafael Alves Caldela	Matemática
Lucy Sá Lucas	Trabalhos Manuais
Ceslau Maria de Bienzanko	Ciências Naturais
Benjamin Gastal Filho	Desenho

PROFESSORES AUXILIARES DE ENSINO

Maria Eloá Hecktheuer	Português
Elisabeth Gastal	Desenho
Salvador Balreira	Latim



Centro de Estudos Anglicanos



Zélia Nunes
Daisy Clarke
Ilka Piratini
Gladys Rhein

Canto Orfeônico
Economia Doméstica
Educação Física
Inglês

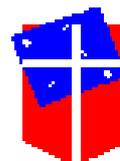
Fonte: Relatório Escolar do ano de 1946

Os professores destacados no quadro acima, são em grande parte os mesmos do corpo docente da escola em 1941. Esta prática em manter uma grande parte do mesmo corpo docente possibilitava uma credibilidade ao Ginásio Santa Margarida como uma instituição escolar que mantinha um firme propósito na educação, do qual os professores também faziam parte. Sobre o funcionamento das aulas e as qualidades intelectuais dos professores do Santa Margarida, pode ser observada na entrevista, concedida em abril de 2005 na Catedral do Redentor, pela ex-aluna Lacy Terezinha Panyagua Costa, quando comenta:

De manhã era de currículo, e de tarde eram aulas especiais, de desenho, de artes aplicadas. E tinha Química também, a aparelhagem, a escola era muito bem equipada. Tinha microscópio, a gente aprendia a trabalhar com todos os materiais, diluir [...] O professor era mestre. Tinha o Bienzanko que era um cientista. Tinha o Apody, que era um ótimo professor, eram fantásticos. O Paula Alves de Português. O Rafael Caldellas de Matemática. Quer corpo de mestres melhor?

A importância dada ao caráter pessoal, profissional e intelectual do grupo de professores da Escola, também pode ser comprovada quando se analisa o capítulo 4º do Regimento Escolar do Ginásio do ano de 1946, onde é apontado:

O Corpo Docente do Ginásio Santa Margarida será composto de professores diplomados, especializados e catedráticos devidamente registrados no Ministério da Educação e Saúde. **Dos professores espera-se o cumprimento fiel na sagrada vocação a qual se entregaram, observando os deveres primários de pontualidade, assiduidade, interesse e paciência para com as alunas.** (grifos nossos)



Em termos práticos, preconizava que, além das qualidades pessoais, profissionais e intelectuais, os professores do Ginásio cumprissem com os compromissos didáticos, evitassem as faltas desnecessárias e possuíssem diligência e tolerância no trato com as alunas da Escola.

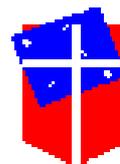
O Relatório do ano de 1946 traz no capítulo 5º, a seguinte norma: **“O Ginásio Santa Margarida, conta com a administração de: Bispos da Igreja Episcopal Brasileira, Diretora, Vice-Diretora, Secretária, Tesoureira e Auxiliares”**. É importante observar que desde a fundação em 1934 até o ano de 1955, o Santa Margarida foi administrado com o auxílio e intervenção direta dos Bispos da IEAB; foi somente a partir do ano de 1956 que o Ginásio começou a ser administrado por uma Junta Administrativa indicada pelo Departamento de Instituições e referendada pelo Conselho Nacional da Igreja.

Pode-se observar que a preocupação dos dirigentes da IEAB ultrapassava a questão do reconhecimento pessoal dos professores, pois a oficialização do Ginásio dependia também do fato de os professores terem registros reconhecidos no Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP).

Em relação ao corpo docente do ano de 1946, outros dados são significativos para a análise no quadro total dos 19 professores do Ginásio Santa Margarida, como pode-se observar na tabela abaixo, adaptada do Relatório da Escola do ano de 1946:

	Com Registro Anglicanos	Sem Registro	Masculino	Feminino				
Prof. Titulares	12	0	12	04			02	
Prof. Auxiliares	0	07	01	06				04

Fonte: Adaptado do Relatório Escolar do ano de 1946



Primeiramente, o que se pode inferir dos dados sobre o Corpo Docente do Ginásio Santa Margarida do referido ano, é o fato do número de professores possuidores de registro no MESP alcançava um percentual de 63%, enquanto o percentual dos professores sem registro era de 37%⁴⁹. Em relação ao gênero dos professores o quadro total mostra-se bastante equilibrado, mas com uma peculiaridade no quadro de professores titulares: o índice de professores do sexo masculino era de 66%, enquanto no quadro de professores auxiliares o índice de professores do sexo masculino era de 14%.

Porém o que causa uma grande surpresa é que, no quadro total do corpo docente, o número de professores não anglicanos atingiu um percentual de 68%, mas com uma sensível diferença no corpo docente auxiliar, no qual o número de anglicanos era de 57% do total de professores.

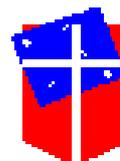
Conclui-se, então, a partir dos dados, que o quadro de professores titulares do Ginásio Santa Margarida tinha as seguintes características: a maioria dos professores era do sexo masculino, não anglicanos e todos possuíam registros reconhecidos pelo MESP, enquanto o quadro de professores auxiliares era notadamente na sua maioria, do sexo feminino, de confissão anglicana e sem registro reconhecido pelo MESP⁵⁰ 50

Obviamente, essas são análises preliminares que oferecem outras leituras e muitas possibilidades para novos estudos sobre esta instituição escolar.

3.4..A Luta pela Oficialização do Ginásio Santa Margarida

⁴⁹ Salienta-se que todos os professores auxiliares do Ginásio Santa Margarida do ano de 1946, já tinham requerido a validação de seus registros de professores no MESP, porém ainda não haviam sido deferidos para o ano de 1947.

⁵⁰ Os professores de confissão anglicana do Ginásio Santa Margarida eram: Hermelinda F. Schenkel e Lucy Lucas de Sá, do quadro titular e Maria Eloá Hecktheuer, Zélia Nunes, Daisy Clarke e Gladys Rhein, do quadro auxiliar.



“Rasgar horizontes mais vastos, traçar caminhos novos e amplos, alargar a visão da vida, polir o intellecto, cinzelar o caracter, instruir, educar, melhorar, e sempre e sempre construir, elevando, ennobrecendo, aperfeiçoando, tal é a sagrada missão, tal é o programa fecundo que a si mesmo delineou o Collegio Santa Margarida. Sob a inspiração que procede do Pae das luzes.”

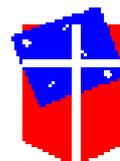
(*Estandarte Cristão* de 15 de julho de 1936)

Com esse estudo, constatou-se que o processo de criação e instalação do Ginásio Santa Margarida estendeu-se por quatro anos, de 1932 a 1936, devido, provavelmente às dificuldades encontradas pela IEAB na configuração do modelo adequado ao discurso anglicano relativo à educação e também de certa forma influenciado pelas transformações políticas e educacionais do país, decorrentes das mudanças marcadas pelo governo de 30, liderado por Getúlio Vargas.

Entretanto, no ano de 1932, com a criação da Instituição Escolar Anglicana para meninas na cidade de Pelotas, surge o futuro embrião do Ginásio Santa Margarida. Nesse momento, se tem a configuração de todo o aparato ideológico cristão da consciência anglicana no que tange à educação confessional. Para tanto, a IEAB empenhou-se no planejamento da criação de sua Instituição Escolar, desde o momento da compra de dois terrenos no ano de 1932, no centro da cidade, para as futuras instalações da Escola.

Como se vê, é presente nos discursos anglicanos a preocupação educacional, seja por motivos proselitistas, confessionais ou ainda como uma possibilidade de ocupar espaços educacionais surgidos com as mudanças oriundas da Primeira República no Brasil.

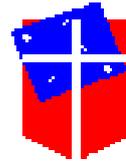
O Ginásio Santa Margarida teve na abertura de suas aulas, em março de 1934, a possibilidade da inculcação de uma cultura escolar anglicana. Após um ano de



funcionamento, o novo prédio começa a ser construído apresentando algumas características da arquitetura escolar moderna, como destaca o jornal Diário Popular, de 15 de fevereiro de 1935, sobre as características físicas da Escola:

Estão em pleno andamento as obras do novo edificio do Collegio Santa Margarida. **A nova casa de ensino, que é de estylo moderno, com a capacidade para 45 alumnas internas e 100 externas, satisfaz a todas as exigencias duma construcção especializada, moldada nos grandes collegios e liceus da França, Allemanha e Hollanda. Satisfaz a todos os requisitos indispensaveis para funccionamiento regular, em condições de higiene e sanidade exigidos numa casa de ensino como o Collegio Santa Margarida.** (grifos nossos) O novo edificio tem 3 andares além duma torre no centro. O 1º pavimento é occupado por um vasto salão, a sala nobre da casa, que méde 7,40 x 14,509, com um palco. O grande refeitório, cozinha, copa, bibliotheca, sala dos professores e rouparia completam o andar terreo. No 2º pavimento encontra-se a secretaria, sala de espera, apartamento para a directora, 5 salas de aulas, além doutras para lições particulares de musica, linguas, etc. Ainda neste andar, haverá a sala de Sciencias Domesticas para as alunas internas e externas. Dispõe o 3º andar de 2 grandes aulas, e dormitorios para as internas e professoras. [...] Em todos os andares, haverá lavatorios, amplos banheiros e installações hygienicas, e , substituindo o velho systema duma só copa para agua, serão installados bebedouros de corrente.

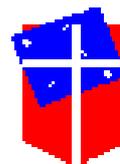
Percebe-se que o jornal anuncia a grandiosidade das dimensões e dos espaços que iriam compor o corpo infra-estrutural do Santa Margarida., Logo, é a partir dessa análise que observamos que o plano arquitetônico do Ginásio foi a articulação entre o espaço escolar e a sua proposta de ensino, como salienta Agustin Escolano (2001:69): “a instituição escolar e o ensino só merecem esse nome quando se localizam ou se realizam num lugar específico. E, com isso, quero dizer num lugar especificamente pensado, desenhado, construído e utilizado única e exclusivamente para esse fim”.



Portanto, a construção do prédio do Ginásio Santa Margarida pela IEAB deve ser olhada como uma forma de buscar o status escolar de sua instituição, possibilitando o reconhecimento da comunidade pelotense, como também da estrutura burocrática do governo Estadual e Federal. Ademais, a IEAB procurou arregimentar todas as forças possíveis para receber o reconhecimento de sua instituição escolar junto à comunidade de Pelotas. Como pode-se observar na fotografia da inauguração do prédio da escola de 26 de junho de 1936, e na notícia do jornal Estandarte Cristão de 30 de junho de 1936, onde encontram-se presentes autoridades locais:

teve imponentia rara a inauguração do sumptuoso edificio que a Igreja Episcopal Brasileira mandou construir [...]. na presença dum auditorio selecto, mais de 2000 pessoas, que occupavam todo o andar terreo do collegio. Pelotas se fez representar pela sua elite social. Estiveram presentes as autoridades civis e militares, o corpo consular, representantes da imprensa, dos bancos, dos estabelecimentos de instrucção primária e secundária e de todas as associações da cidade. **Às 16 horas, tomaram assento á mesa presidencial o revmo. Bispo dr. Thomas a exma. sra. Lili Krentel Freléchoux, directora interina do Collegio, o rev. Carlos Sergel, o rev. Severo da Silva, presidente do Conselho Consultivo, o dr. Affonso Goethe Jr. Engenheiro constructor do Collegio, o dr. Macedônio Soares, Juiz de Comarca e o dr. Sylvio Barbedo, Prefeito municipal, que representava no acto o general Flores da Cunha, governador do Estado.** (grifos nossos)

Percebe-se que, através dessa nota do Estandarte Cristão, o prédio do Ginásio foi planejado e a sua arquitetura foi edificada para consolidar o espaço escolar como templo de fé e de saber.



A articulação entre o espaço escolar e a construção escolar⁵¹ foi provida de simbolismos e de uma linguagem arquitetônica própria, sendo a expressão de um sistema de intenções, valores e discursos do pensamento anglicano.⁵² Concebido como locus de ensino, planejado, projetado e construído pela IEAB, o Ginásio Santa Margarida possuía uma identidade que buscava afirmar os princípios da educação confessional Anglicana.

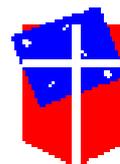
A partir de então, o processo de reconhecimento da escola e a oficialização do Ginásio tornou-se uma busca constante junto aos aparelhos burocráticos dos Governos Estadual e Federal. Entre a inauguração do prédio e a autorização de funcionamento da escola decorreram praticamente dois anos. A autorização de funcionamento do Santa Margarida pela Diretoria de Educação e Saúde Pública chegaria somente em 02 de março de 1938.

O que se pôde observar é que após receber a autorização de funcionamento, o Ginásio Santa Margarida tem um segundo momento em sua história, permeado de acontecimentos que relatam importantes mudanças e atitudes dos mantenedores educacionais e da direção desta Instituição Escolar.

Entre os anos de 1938 e 1940 houve, no Ginásio Santa Margarida, mudanças estruturais, tais como a troca da Direção e a renovação no quadro docente, alterações essas que tinham como objetivo legitimar e aligeirar o processo de oficialização da escola junto ao Governo Federal.

⁵¹ O termo construção escolar nesse contexto deve ser entendido como a junção dos valores e discursos agregados ao plano da arquitetura escolar que irá ocupar espaços e lugares, permitindo a autonomia da escola em relação a outras instituições e poderes. Sobre isso, ver: Viñao e Escolano (2001)

⁵² Para estas afirmações, utilizei-me principalmente das análises contidas em Viñao e Escolano (2001) e Bencostta (2005).

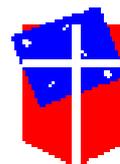


Os primeiros documentos relativos ao pedido de oficialização do Santa Margarida foram encontrados no arquivo morto da escola, e datam de 17 de dezembro de 1940, quando a Direção envia dois depósitos à Tesouraria Geral do Ministério da Educação: no primeiro documento pede a garantia de funcionamento da escola por mais dois anos e no segundo documento a inspeção prévia da escola.⁵³ Sobre o processo de inspeção prévia da Escola, encontramos a seguinte notícia no jornal *Diário Popular* de 11 de fevereiro de 1941:

A inspeção prévia do S. Margarida: para procede-la, acha-se em Pelotas, em missão especial do Ministério da Educação, o dr. Guilherme Augusto Canedo Magalhães - Inspetor Federal junto ao Colégio Santa Margarida, dr .Edmundo des Essarts Pérez, recebeu, ontem, da exma. Lúcia Magalhães, diretora da Divisão do Ensino Secundário, um telegrama autorizando á direção do Colégio, de proceder exames de admissão aos alunos que desejarem ingresso no curso secundário, sendo designado os dias 17 e 18 para a realização dos mesmos. Nessa data, chegou a cidade, em missão especial do Ministério da Educação, para proceder á inspeção prévia do Colégio Santa Margarida, o Oficial Administrativo, dr. Guilherme Augusto Canedo Magalhães, que, ontem, iniciou a sua tarefa, sendo acompanhado pelos inspetores drs. Ildelfonso Alves de Carvalho e Edmundo des Essarts Pérez.

Logo, percebe-se que a esperada visita dos representantes legais do Ministério da Educação e da Saúde Pública ao Ginásio Santa Margarida ocorre já no início do ano letivo de 1941. Nota-se que a Divisão do Ensino Secundário na inspeção prévia ao Ginásio permite, a partir de então, somente a realização dos exames de admissão ao Ginásial.

⁵³ Os depósitos efetuados pelo Ginásio Santa Margarida totalizaram uma quantia de 25:500\$000 (vinte e cinco e quinhentos mil reis), sendo que para a garantia de funcionamento por dois anos, o valor depositado foi 24:000\$000 (vinte e quatro contos de reis) e para a Inspeção Prévia 1:500\$000 (um conto e quinhentos mil reis).

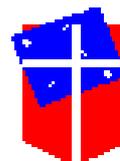


Entretanto, o Ginásio Santa Margarida consegue impressionar os Inspectores de Ensino, na feitura dos exames de admissão, bem como na qualidade das instalações físicas e no grau de competência do corpo docente da escola, já que as principais funções dos Inspectores de Ensino eram analisar cuidadosamente todos os trabalhos desenvolvidos pela instituição escolar. Sobre a aplicação dos exames de admissão ao ginásial e o parecer dos Inspectores de Ensino, encontra-se a seguinte nota no Diário Popular de 27/02/1941:

Exames de Admissão ao S. Margarida – Autorizados pela Divisão do Ensino Secundário: Realizam-se, hoje, perante a Banca Especial autorizada pela divisão do Ensino Secundário, composta dos professores Francisco de Paula Alves, Gregório Romeu Iruzum e Hugo Vieira da Cunha, os exames de admissão para todos que desejarem o ingresso no curso secundário, estando inscritos diversos candidatos, devendo ser as provas presididas pelo dr. Edmundo dos Essarts Perez, Inspetor Federal junto ao estabelecimento. O Colégio Santa Margarida recebeu, na semana passada, a visita do dr. Guilherme Augusto Canedo Magalhães, comissionado pelo Diretor do Departamento Nacional de Educação, dr. Abgar Reunalt. Para proceder a sua inspeção prévia, tendo s.s. ficado muito bem impressionado das suas instalações, assim como do corpo docente, o que é uma segura garantia do desenvolvimento desta casa de ensino.

Outra importante mudança no ano de 1941, verificada junto aos documentos da escola, foi que, após a primeira visita da Divisão do Ensino Secundário à escola, observou-se que nos mês de abril do referido ano, ocorreu uma troca do Inspetor de Ensino, assumindo a partir de então o Sr. Raul Azambuja⁵⁴.

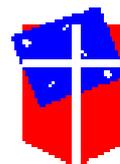
⁵⁴ A direção do Ginásio Santa Margarida, recebeu no mês de abril de 1941, um telegrama da Divisão do Ensino Secundário comunicando que a partir do dia 10 de abril do corrente ano o sr. Edmund Des Essarts Pérez deixaria o cargo de Inspetor de Ensino junto ao colégio. O Inspetor de Ensino, Raul Azambuja foi a partir de então, o representante legal do Ministério da Educação e da Saúde, permanecendo durante todo o período pesquisado como Inspetor Federal junto a esta Instituição Escolar.



Ressalta-se que a realização dos exames de admissão ao Ginásio não assegurava o pleno funcionamento da escola e nem a Inspeção Permanente junto à Divisão do Ensino Secundário. A partir de então, observou-se que, entre os anos de 1941 e 1943, a direção do Santa Margarida buscou atender todas as exigências do Ministério da Educação e da Saúde Pública. Essas observações podem ser feitas, pois se verificou um número expressivo de cartas e telegramas enviados e recebidos entre a direção do Santa Margarida e o Ministério da Educação e Saúde, entre os anos de 1941 e 1943.

Entre todos os telegramas e cartas trocados entre a direção da Escola e o Ministério da Educação, destaca-se a carta enviada em março de 1943, pela Diretora Cândida da Rocha Leão ao Ministro da Educação Gustavo Capanema, sobre o fechamento da escola no ano letivo de 1943, por determinação do governo:

nem esta direção nem a inspetoria tiveram conhecimento de faltas que pudessem invalidar o pedido de reconhecimento deste educandário; com exceção, apenas, das referentes aos aparelhos de Educação Física. A despeito das naturais dificuldades que esta direção sempre enfrentou para adquirir alguns dos ditados aparelhos, motivada pelo estado de guerra do nosso país, conseguiu atender grande parte das exigências regulamentares, conforme fazem prova insofismável a relação e as fotografias que vão anexas a este requerimento. **Aos 13 do mês em curso, foi informada esta direção por intermédio da inspetoria federal de ensino junto a este colégio, do texto do telegrama que a Divisão de Ensino Secundário lhe havia transmitido, comunicando haver Vossa Excelência indeferido o pedido de inspeção deste Ginásio, determinando que o mesmo não poderia funcionar neste ano, devendo ser impedida a reabertura da matrícula e das aulas, determinado, outrossim, a expedição de guias de transferências a todas as alunas, recolhendo o arquivo do estabelecimento à referida Divisão.** (grifos nossos) Justamente alarmada com a decisão de Vossa Excelência e desconhecendo, em absoluto, os motivos determinantes dessa medida extrema, tenho a subida honra de requerer a Vossa Excelência se digne, reconsiderando o seu despacho, prorrogar por mais alguns meses o período de inspeção preliminar do Ginásio Santa Margarida.



Esta carta, enviada pela direção da Escola, serviu como uma última alternativa para retardar o processo de fechamento do Ginásio e também para a manutenção do funcionamento do Santa Margarida no ano letivo de 1943.

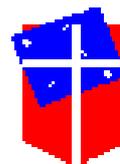
O pedido feito pela então Diretora Cândida da Rocha Leão teve o resultado esperado e o Ginásio pôde funcionar normalmente naquele ano letivo. Percebeu-se também, que além de atender os pedidos feitos pela direção da escola, o Ministério da Educação e Saúde Pública, enviou, no mês de outubro de 1943, um Inspetor para verificar as instalações destinadas às práticas de Educação Física.⁵⁵

A direção do Ginásio Santa Margarida, empenhada em receber a oficialização permanente do Governo Federal, também tratou de providenciar a construção de um Laboratório de Ciências para a realização de experiências científicas junto às suas alunas, além de equipar o mesmo com os materiais exigidos pela Diretoria de Ensino Secundário. Sobre a inauguração do Laboratório de Ciências da Escola, encontra-se a seguinte nota no *Estandarte Cristão* de 10/10/1943:

Ginásio Santa Margarida – Laboratório do Estabelecimento: [...] um laboratório para ciências, com aparelhos que exige a inspetoria de ensino, instalado em local apropriado, na mais rigorosa higiene, está claramente atestando o esforço da direção, das alunas, [...]. Na inauguração do referido laboratório falou o professor Rafael Caldellas, competente mestre em matemática e física. [...] vemos o grande trabalho em que está empenhado o Ginásio Santa Margarida, desenvolvendo sua atividade em tão altruísticas ocupações.

Percebe-se que, a partir do ano de 1943, as atenções da direção do Ginásio estavam concentradas em equipar a escola para o cumprimento de todas as exigências da inspeção permanente do Ministério da Educação e da Saúde Pública.

⁵⁵ Telegrama recebido pela direção do Ginásio Santa Margarida em 08/10/1943, comunicando a visita do Inspetor Federal Narciso Barkese para a verificação das instalações destinadas às práticas físicas.



Essas constatações podem ser feitas quando se verifica que durante o ano de 1943, o Ginásio Santa Margarida já possuía um prédio atendendo às exigências de higiene e salubridade escolares da época, um renomado corpo docente, a constituição das práticas escolares e educativas junto às suas alunas, a construção de um laboratório de ciências e a construção de uma sala de ginástica.

Por fim, é somente através da portaria ministerial de n.º 170, de 27 de março de 1944, que o Ginásio tem a concessão do reconhecimento sob o regime de inspeção preliminar, após toda a dedicação e o empenho realizado pelo corpo administrativo do Santa Margarida.

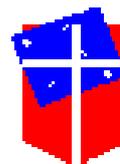
Outro dado importante a ser destacado é após o reconhecimento do Ginásio, houve um aumento no número de matrículas da escola, quando compara-se os quadros retirados dos Relatórios da Escola do mês de março de 1941 e 1944, respectivamente:

Matrículas: Ano letivo de 1941

	Curso Secundário
1º Série	31
2º Série	-----
3a Série	1
4a Série	-----
Total	32 alunas

Fonte: Adaptado do Relatório Escolar do ano de 1941

Matrículas: Ano letivo de 1944



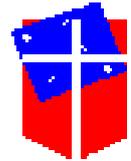
Curso Secundário	
1º Série	26
2º Série	18
3ª Série	7
4ª Série	7
Total	58 alunas

Fonte: Adaptado do Relatório Escolar do ano de 1944

Portanto, o que se pode concluir sobre os dados acima é que a partir do empenho da direção em buscar o reconhecimento da escola desde o início da década de 1940, houve um aumento de alunas matriculadas, bem como, após a oficialização preliminar da escola no ano de 1944, ocorreu um aumento de quase 46% no número de alunas matriculadas no Santa Margarida comparado ao ano de 1941.

Ademais, mesmo que a Divisão do Ensino Secundário estabelecesse apenas a oficialização preliminar do Santa Margarida, a direção da escola empenhou-se em legitimar esse processo junto à comunidade escolar. Essa idéia pode ser observada no jornal Estandarte Cristão de 1º de novembro de 1945:

Desde o ano de 1942 que o Ginásio Santa Margarida, num desejo de oferecer aos alunos e professores um ambiente propício ao progresso intelectual, vem efetuando várias melhorias, realizadas sempre na medida do possível. Já foram ampliados o gabinete de Ciências Físicas e Naturais. No 2º pavimento, em sala ampla, foi organizada uma nova biblioteca. A sala de administração também recebeu melhoramentos, instalando-se independente uma sala para o inspetor. Foi montada a sala de desenho, com mesas e cadeiras próprias. Foi completado o aparelhamento para a prática de Educação Física. [...] Em dezembro de 1944, recebia o seu diploma a primeira turma oficial do Ginásio: [...]. Desde 1941 a vida escolar deste educadário vem decorrendo dentro das exigências legais.

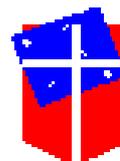


Percebe-se, a partir desta notícia do Estandarte Cristão, que o empenho em transcrever toda a história do processo de reconhecimento e oficialização percorrido pelo Ginásio Santa Margarida era uma maneira de manterem-se vivos os acontecimentos na memória coletiva de todos os agentes sociais que fizeram parte daquele processo. Sobre a memória como rito de recordação, Catroga (2001: 50) afirma:

É que a memória, reavivada pelo rito, também tem um papel pragmático e normativo. Em nome da história, ou de um patrimônio comum (espiritual e/ou material), ela visa inserir os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação a outros, e impor, em nome da identidade do eu, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. [...] E esta, ao unificar recordações pessoais, ou memórias coletivas, constrói e conserva uma unidade que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura.

Por fim, as transformações políticas e educacionais ocorridas no país com o fim do Estado Novo e a redemocratização proposta pela Constituição de 1946, possibilitaram ao Ginásio Santa Margarida o reconhecimento permanente pelo decreto de nº 22.976 de 22 de abril de 1947, assinado pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra, como se pode observar no Diário Oficial de abril de 1947.

Terminava assim um processo iniciado no ano de 1934 com a construção de uma Instituição Escolar Anglicana que, por muitas vezes, mesclou as idéias de uma Instituição Escolar como templo do saber e como templo de fé.



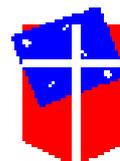
CONCLUSÃO

Obviamente esta dissertação de mestrado não pretende esgotar as múltiplas leituras que ainda podem ser levantadas sobre o Ginásio Santa Margarida como espaço escolar na cidade de Pelotas no transcorrer das décadas de 1930 e 1940.

Observou-se, no entanto, que o Santa Margarida constitui-se numa Instituição particular, cristã, episcopal e anglicana que procurou formar suas alunas dentro dos padrões estabelecidos pela IEAB, e ao mesmo tempo procurou construir um aparelhamento didático-pedagógico capaz de moldar corpos, corações e mentes das margaridenses. Entretanto percebeu-se, no transcorrer do processo de pesquisa, a necessidade de retomar algumas questões importantes sobre o ethos anglicano, bem como, sobre o caráter da educação pensada pela IEAB.

Primeiramente, procurou-se as origens históricas da Igreja Anglicana na Inglaterra, como também saber qual o tipo de missão anglicana estabelecida no Brasil em fins do século XIX. A partir de um breve histórico da IEAB, constatou-se que, entre as várias intenções anglicanas no Brasil e no RS, o estabelecimento de instituições escolares concretizou-se como uma possibilidade de evangelizar através da educação cristã.

É também notório, especificamente no transcorrer da década de 1920, que os anglicanos empenharam todas as suas forças contra a oficialização do ensino religioso católico romano nas escolas públicas e à institucionalização da Igreja Católica Romana como Igreja Oficial do Brasil.

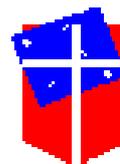


Ao iniciar da década de 1930, particularmente após a Constituição de 1934, que permitiu a adoção do ensino religioso nas escolas, os anglicanos dedicam-se então em moldar seus discursos para a configuração de uma escola confessional para meninas, na cidade de Pelotas. Obviamente, na criação do Ginásio Santa Margarida existiu uma série de intenções bem definidas entre os discursos pedagógicos e os discursos religiosos-cristãos na educação de suas alunas.

Os membros da IEAB na organização do modelo educacional do Colégio, a partir da década de 1930, prescreveram as “virtudes” estudantis necessárias às alunas margaridenses em seus discursos de divulgação da escola. Nota-se que, no estabelecimento do Ginásio Santa Margarida o objetivo inicial da educação confessional e cristã, era, principalmente, dotar suas alunas de todo um aparato ideológico ordenado pelas práticas e os valores religiosos difundidos pela confissão anglicana.

O lema **Domine, Dirige** nos conduziu essa instituição escolar desde o seu início e foi o ponto de partida e de sustentação da ética e da moral anglicana. Logo, todo o pensamento e a formação educacional promovida pelo Ginásio para suas alunas manifestou-se através dos discursos anglicanos e viabilizou-se nas práticas cotidianas escolares. Essa análise pôde ser feita quando observou-se os documentos que remetem à história da Escola, esses orientavam as margaridenses nos diversos aspectos da vida, como a moral, o social, o cristão e o ético-religioso.

Em certos momentos, a educação pensada para o Ginásio mesclava uma dualidade de sentidos e interesses: de um lado, uma educação pensada para a mulher educadora das futuras gerações, abrigo dos bons costumes, salvadora da sociedade e pilar dos valores morais; e, por outro lado, a busca da moderna imagem feminina,



uma mulher que possuísse iniciativa, fosse competitiva, segura e responsável para o progresso de uma nação em desenvolvimento.

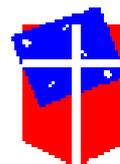
Em suma, a intencionalidade na construção de uma escola anglicana para meninas na cidade de Pelotas, era formá-las dentro dos padrões morais, religiosos e cristãos estabelecidos pela IEAB na época e dosados, por algumas vezes, com características da pedagogia moderna. É importante ressaltar que a sociedade, naquele momento, atribuía à educação um papel fundamental, no sentido de que a escola era co-responsável pela “boa formação” das moças.

Afirma-se que a criação do Ginásio Santa Margarida foi a possibilidade de os dirigentes anglicanos edificarem a sua obra religiosa na cidade de Pelotas, misturando por vezes discursos pedagógicos e discursos religiosos-cristãos na organização de sua estrutura educacional.

A proposição anglicana de criar instituições escolares tinha como objetivo promover a transformação da sociedade pela fé através da educação e também consolidar os espaços ocupados pela IEAB.

É interessante observar que na época do processo de reconhecimento do Santa Margarida houve mudanças circunstanciais, como a escolha de um corpo docente que legitimava o fato de a escola não estar afastada do contexto social, cultural e educacional.

Outra perspectiva de análise foi a adoção de um programa didático-pedagógico que condicionava e inseria o corpo discente da escola na realidade que vivia, isto é, no contexto urbano, promovendo através da Semana da Asa, da Semana da Pátria, dos campeonatos de Voleibol, da Semana Pan-americana, do Grêmio Estudantil, do grupo de Bandeirantes uma aproximação ao contexto cultural e da sociedade nacional.



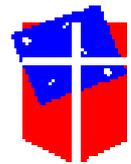
Afirma-se que o papel da educação feminina no Ginásio Santa Margarida, ao final de sua “formação” escolar, era preparar moças que, ao mesmo tempo, estivessem prontas para a vida pública e soubessem distinguir as virtudes morais, religiosas, domésticas e cristãs de uma “boa moça”. Conclui-se que no momento da saída deste educadário anglicano, além de terem adquirido muitos conhecimentos, as margaridenses estivessem aptas a promover os princípios da justiça, da paz e do bem, da solidariedade e do fraternalismo cristão, além de conciliar as virtudes de Martha com as virtudes de Maria de Betânia, num misto conjugamento do caráter sagrado e profano da alma humana.

Todas essas formas de legitimação desta Instituição Escolar, deixam claro que o Ginásio Santa Margarida consistia de um educadário cristão, onde a educação não foi apenas um conciliamento de ordens pedagógicas, mas, sim, uma forma de moldar personalidades, corpos, corações e mentes.

A constituição do Ginásio Santa Margarida como uma instituição de ensino anglicana, quer pela escolha do seu projeto pedagógico, quer pelas suas práticas escolares, quer pelo empenho e disposição de seus professores, quer por mudanças estruturais e administrativas, quer pela sua arquitetura ‘moderna’, foi um espaço de alegrias, tristezas, vivências, memórias e esquecimentos alimentados pelo tempo e pelo desejo de muitas pessoas que fizeram desta Escola um espaço vivo e único que evangelizou e educou uma geração meninas, mulheres e mães da cidade de Pelotas no transcorrer Das décadas de 1930 e 1940.

Conclui-se, então por fim, que a essência da educação confessional, cristã, episcopal e anglicana do Ginásio reside na compreensão da seguinte idéia bíblica⁵⁶56:

⁵⁶ Esta idéia faz referência ao Provérbio nº 22, Versículo 06: “Instrue ao menino no caminho em que andas; e até quando ele envelhecer não se desviará dele”, citado pelo Reverendo Carl Sergel na inauguração do Prédio do Ginásio Santa Margarida em 26 de junho de 1936.

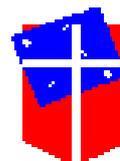


Vou instruir você hoje, para que no futuro não esqueças do que foi dito, vivido e apreendido neste templo de fé e civismo, e que ao saíres por estas portas, sejas parte de uma elite calcada nos princípios da fé, da moral e dos bons costumes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Irene de. *Noções de Economia Doméstica*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, s/ ano.

ALVES, Nilda. *O Espaço Escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.



AMARAL, Giana Lange. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva Publicações/Ed. Universitária – UFPel, 1999.

_____. (org.) *Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense: entre a memória e a história 1902-2002*. Pelotas: Educat, 1999. Série Minha Escola – Histórias e Memórias das Escolas Municipais na cidade de Pelotas, n.º 01.

_____. "O Templário": *Jornal Maçônico Pelotense: Uma Visão Sobre a Maçonaria, O Positivismo e a Educação nos Primeiros Anos do século XX*. In: Revista de História da Educação, Pelotas, n.º 07, abril 2000.

_____. *Gatos Pelados X Galinhas Gordas: Desdobramentos da Educação Laica e da Educação Católica na cidade de Pelotas. (décadas de 1930 a 1960)*. Porto Alegre, 2003. (Tese de Doutorado)

ARANHA, Maria Lúcia de. *História da educação*. São Paulo: Editora Moderna, 1989.

ARAÚJO, José Carlos S. & OLIVEIRA, Sirlene de Castro. *Ensino Religioso e Ensino Laico na imprensa Uberabense: Primeiras aproximações*. In: Cadernos de História da Educação, Pelotas, n.º 11, abril 1997.

ARAÚJO, José Carlos S. & GATTI JÚNIOR, Décio. (org.). *Novos Temas em educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas-SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. (Coleção memória da educação).

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 6a ed., Rio de Janeiro, UFRJ/UNB, 1996.

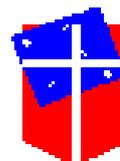
BAYCROFT, John. *O Jeito de ser Anglicano*. 2aed., Santa Maria: CETESMA (Centro de Estudos Teológicos Santa Maria), 2003.

BECKER, Rudolf. *As igrejas evangélicas*. In: *Enciclopédia Rio Grandense*. 2º Volume. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1968.

_____. *O Sínodo Rio Grandense no século XX*. In: *Enciclopédia Rio Grandense*. 2º Volume. Canoas: Editora Regional, 1957.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (org.). *História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar*. São Paulo: Cortez, 2005

_____. *Arquitetura e Educação: Organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893 –1971*. São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEp, 2002.



BERGAMASCHI, Maria A. *Memória: entre o oral e o escrito*. In: Revista de História da Educação, Uberlândia. v. 1., nº 1, jan/dez 2002.

BICA, A. C., FERREIRA, M. L.. *O Surgimento da Igreja Anglicana em Pelotas (1892-1910)*. Monografia apresentada para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 1997.

BICA, A. C., TAMBARA, E. C.. *O comitê Pró-Liberdade de Consciência e o Ensino Religioso em Pelotas na perspectiva do Jornal Estandarte Cristão (1925-1935)*. In: Anais do X encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – História da Cultura Escolar: escritas e memórias ordinárias. Pelotas: Seiva: ASPHE, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e Fotografia*. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

BUFFA, Ester, *Ideologias em conflito: escola pública e escola privada*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. (Coleção Universitária).

BUFFA, Ester & NOSELLA, Paolo. *A Escola profissional de São Carlos*. São Carlos: EDUFSCar, 1998.

_____, *Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos*. São Carlos: EDUFSCar, 2002. 1º reimpressão.

_____. *Práticas e Fontes de Pesquisa em História da Educação*. In: GATTI JUNIOR, Décio & FILHO, Geraldo. *História da Educação em perspectiva: Ensino, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados & Uberlândia, MG: EDUFU, 2005 (Coleção Memória da Educação).

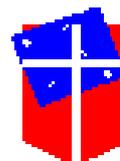
BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. 7a ed., Editora da UNESP, 1992.

_____. *A Escola de Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. *História e teoria social*, São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. *Aos bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Rio de Janeiro, V.7, n.13, 1994.

_____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



CATROGA, Fernando. Memória e História. IN: PESAVENTO, Sandra J. (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2001

CHARTIER, Roger. *A História hoje: dúvidas, desafios, propostas*. EstudosHistóricos. Rio de Janeiro, V.7, n.13, 1994.

_____. Textos, impressão e leitura. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. 2aed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CURY, Carlos R. Jamil. *Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais*. 3aed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. (Coleção Educação Universitária).

DALLABRIDA, Norberto. *A fabricação das elites: O Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DANIÉLOU, Jean, MARRIOU, Henri. *Nova História da Igreja*. 3aed. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

D'ARAUJO, Maria Celina. *A Era Vargas*. São Paulo: Editora Moderna, 2004. (Coleção Polêmica).

DA SILVA, Nataniel Duval. *A Igreja Militante*. São Leopoldo: Tipografia Rotermund & Co., 1951.

DE MOURA, Pe. Laércio Dias. *A Educação Católica no Brasil: Passado, Presente e Futuro*. São Paulo: ANAMEC/Edições Loyola, 2000.

DESAULNIERS, J. B. R. *Instituição escolar e a formação*. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v.21, n.2, p.43-60, julho/dez. 1996.

DEWEY, John. *Como Pensamos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959 Atualidades Pedagógicas. Volume 02.

DEWEY, John. *Democracia e Educação*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959 Atualidades Pedagógicas. Volume 21.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Série Estudos).

FÁVERO, Osmar (org.) *A Educação nas Constituintes Brasileiras 1823-1988*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção memória da educação).



FERRAZ, Salomão. *Manual de Instrução Religiosa*. Pelotas: Oficina do Estandarte Cristão, 1925.

FERREIRA, Arthur Filho. *História Geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1958.

FERREIRA, Marieta de Moraes , AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *O Ensino Religioso no Brasil: tendências, conquistas, perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GATTI JUNIOR, Décio & OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M. *História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico*. In: Cadernos de História da Educação, Uberlândia. v. 1., n.º 1, jan./dez 2002.

GATTI JUNIOR, Décio & FILHO, Geraldo. *História da Educação em perspectiva: Ensino, produção e novas investigações*. Campinas, SP: Autores Associados & Uberlândia, MG: EDUFU, 2005 (Coleção Memória da Educação).

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação Brasileira: Leituras*. São Paulo: Pioneira Tomson Learning, 2003.

HORTA, José Silveiro Baía. *O Hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dosTribunais, 1990.

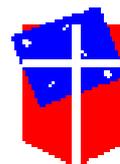
HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. 2aed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IGLESIAS, Francisco. *Trajetória Política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

KICKHÖFEL, Oswaldo. *Notas para História da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. Porto Alegre: Editora Gráfica Metrópole S.A., 1995.

KICKHÖFEL, Oswaldo. *Catedral do Redentor: Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. Santa Maria: Editora Pallotti, 1999. (Projeto Memória).



KRISCHKE, Egmont Machado. *Crise e Renovação*. Porto Alegre: Editora Metrópole, s/ano.

KRISCHKE, Egmont Machado. *Que é a Igreja Episcopal*. Porto Alegre: Editora Metrópole, s/ano.

_____. *A Estrutura da Fé*. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1957.

KRISCHKE, Egmont Machado et al. *A Igreja Episcopal no país do Futuro*. Porto Alegre: Publicadora Ecclesia, 1960.

KRISCHKE, George Upton. *História da Igreja Episcopal Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia sul-riograndense de Letras, 1949.

LAUFER, Frederico. *A Igreja Católica de 1912 a 1957*. In: Enciclopédia Rio Grandense. 2º Volume. Canoas: Editora Regional, 1957.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 4aed., São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LEITE, Míriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo, Edusp, 1993.

LOPES, Eliane M. T. & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Eliane M. T. *Perspectivas Históricas da Educação*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

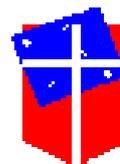
LOPES, Luiz Roberto. *História do Brasil Contemporâneo*. 7aed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

_____. *História do Brasil Republicano*. 7aed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres*. Ed. da Universidade/UFRGS, 1987.

MAGALHAES, Mário Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Pelotas: Editora da UFPel, 1993.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História – Possibilidade de análise. In: CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda. (org.) *A leitura de imagens na pesquisa social: História, Comunicação e Educação*. São Paulo: Cortez, 2000.



MENDONÇA, Antônio G. & FILHO, Prócoro V. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MONARCA, Carlos. *Escola Normal da Praça: O lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 199.

MOURA, Pe. Laércio Dias de. *A Educação Católica no Brasil: Passado, Presente e Futuro*. São Paulo: ANAMEC/Edições Loyola, 2000.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. 2aed., Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEGROMONTE, Alvaro. *A Pedagogia do Catecismo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora, 1957.

NÓVOA, A. *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

NUNES, Clarice. *História da Educação: novas abordagens de velhos objetos*. Revista Teoria e Educação. Porto Alegre, nº 06, 1992.

OLIVEIRA, Vera Simões de (org.). *A História da Igreja da Inglaterra*. Porto Alegre: Programa de Estudos Teológicos, 1994.

PESAVENTO, Sandra J. (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre. Ed.Universidade/UFRGS, 2001

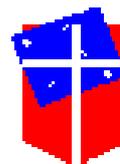
_____. *História & História Cultural*. 2aedição. Belo Horizonte: Autentica, 2004. (Coleção História & ... Reflexões).

PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Pelotas*. Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1940.

PINHEIRO, José Pedro. *Resumo Histórico da Igreja Metodista*. In: Enciclopédia RioGrandense. 2º Volume. Canoas: Editora Regional, 1957.

PIKE, James A. & PITTENGER, W. Norman. *A Fé que professamos*. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1960.

RAGAZZINNI, Dario. *Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?* In: Educar em Revista. Curitiba, PR: Ed. da UFPR, nº 1. Jan. 1981. (Revista da UFPR; nº 91).



REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 11^o ed. 1989.

SAVIANI, Demerval. LOMBARDI, José Claudinei & SANFELICE, José Luís.(org.). *História e história da Educação*. 2ª edição. Campinas- SP: Autores Associados:HISTEDBR, 2000. (coleção Educação Contemporânea).

_____. A política educacional no Brasil. In: STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Camara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*, Vol.III: Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre, n.º 2. V. 16, 1990.

SILVA, Nataniel Duval. *A Igreja Militante*. Porto Alegre: Editora Metrópole-Publicadora Ecclesia, s/ ano.

STRECK, Danilo R. (org). *Educação e Igrejas no Brasil: um ensaio ecumênico*. São Leopoldo: Co-edição - CELADEC & IEPG, 1995.

STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Camara (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil, Volume I: séculos XVI-XVIII*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

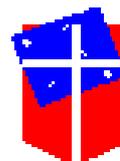
_____. *Histórias e memórias da educação no Brasil, Volume II: séculos XIX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. *Histórias e memórias da educação no Brasil, Volume III: século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SZMRECSÁNYI, Tamás & GRANZIERA, Rui Guilherme. (org.). *Getúlio Vargas & a economia contemporânea*. 2^o ed. rev e ampl. Campinas, SP: Editora da UNICAMP: São Paulo, SP: Editora da Hucitec, 2004.

TAMBARA, E. A. C.. *Positivismo e Educação: A educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1995.

_____. Problemas Teóricos- Metodológicos da História da Educação. In: SAVIANI, Demerval e LOMBARDI, José Claudinei.(org.). *História e História da*



Educação: O Debate Teórico-Methodológico Atual. 2º ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

_____. Introdução à História da Educação no Rio Grande do Sul. Pelotas: Ed. Universitária/Seiva, 2000. VEIGA, C. G.. Educação estética para o povo. In: LOPES, E. M. T. FARIA FILHO, Luciano Mendes, GREIVE, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). *Na Batalha da Educação: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo: (1929-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

VIÑAO F., Antonio & ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WERLE, F. O. C. et al. *Colégios femininos: identidade, história institucional e gênero*. Revista da Educação PUC-Campinas, Campinas, nº10, junho 2001.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado, RIBEIRO, Maria Luisa Santos, NORONHA, Olinda Maria (orgs.). *História da Educação: A escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994. (Coleção Aprender & Ensinar).

XAVIER, Maria do Carmo (org). *Manifesto dos Pioneiros da Educação: Um legado Educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

JORNAIS OU PERIÓDICOS

Diário Popular (1925-1947)

Estandarte Cristão (1925-1947)

Anuário da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (1945)

ATAS

Atas dos Concílios da Igreja Episcopal do Brasil (1931-1943)

Panfletos informativos do Ginásio Santa Margarida de 1936 a 1950

ENTREVISTAS

BARTLETT, Christa Bering. Entrevista concedida a Alessandro Carvalho Bica e Gladys Lange do Amaral. Pelotas, Abril / 2005.



COSTA, Lacy Terezinha Panyágua. Entrevista concedida a Alessandro Carvalho Bica e Gladys Lange do Amaral. Pelotas, Abril / 2005.

LOSS, Ina Maria. Entrevista concedida a Alessandro Carvalho Bica e Gladys Lange do Amaral. Pelotas, Abril / 2005.

SILVA, Rosa Maria. Entrevista concedida a Alessandro Carvalho Bica e Gladys Lange do Amaral. Pelotas, Agosto/ 2005.